



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

PHILLIPPE SENDAS DE PAULA FERNANDES

**LUZES MISTERIOSAS CRUZAM OS CÉUS DA AMAZÔNIA:**  
memória e imaginário no fenômeno *Chupa-Chupa*

RIO DE JANEIRO-RJ  
2017

PHILLIPPE SENDAS DE PAULA FERNANDES

**LUZES MISTERIOSAS CRUZAM OS CÉUS DA AMAZÔNIA:**  
memória e imaginário no fenômeno *Chupa-Chupa*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marialva Carlos Barbosa.

RIO DE JANEIRO-RJ  
2017

### **CIP – Catalogação na Publicação**

F363I Fernandes, Phillippe Sendas de Paula.  
Luzes misteriosas cruzam os céus da Amazônia:  
memória e imaginário no fenômeno Chupa-Chupa /  
Phillippe Sendas de Paula Fernandes. - - Rio de Janeiro, 2017.  
151 f.

Orientadora: Marialva Carlos Barbosa.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de  
Janeiro, Escola de Comunicação, Programa de Pós-Graduação  
em Comunicação e Cultura, 2017.

1. Memória. 2. Imaginário. 3. Chupa-Chupa. 4.  
Amazônia. I. Barbosa, Marialva Carlos. II. Título.



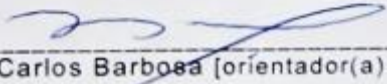
**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO  
APRESENTADA POR PHILLIPPE SENDAS DE PAULA  
FERNANDES NA ESCOLA DE COMUNICAÇÃO DA UFRJ**

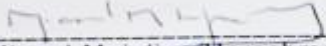
Aos vinte e três dias do mês de fevereiro de dois mil e dezessete, às nove horas e trinta minutos, na sala 142 da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi apresentada a dissertação de mestrado de Phillippe Sendas de Paula Fernandes, intitulada: "**Luzes Misteriosas Cruzam os Céus da Amazônia: memória e imaginário no fenômeno Chupa-Chupa**", perante a banca examinadora composta por: Marialva Carlos Barbosa [orientador(a) e presidente], Micael Maiolino Herschmann e Leticia Cantarela Matheus. Tendo o(a) candidato(a) respondido a contento todas as perguntas, foi sua dissertação:

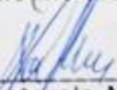
aprovada       reprovada       aprovada mediante alterações

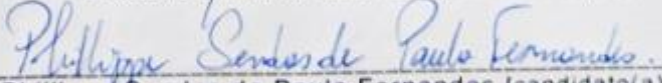
E, para constar, eu, Thiago Couto, lavrei a presente ata, que segue por mim datada e assinada pelos membros da banca examinadora e pelo(a) candidato(a) ao título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Rio de Janeiro, 23 de fevereiro de 2017

  
\_\_\_\_\_  
Marialva Carlos Barbosa [orientador(a) e presidente]

  
\_\_\_\_\_  
Micael Maiolino Herschmann [examinador(a)]

  
\_\_\_\_\_  
Leticia Cantarela Matheus [examinador(a)]

  
\_\_\_\_\_  
Phillippe Sendas de Paula Fernandes [candidato(a)]

*Ainda criança, fui presenteado pelo meu avô Carmito com a miniatura de um barco nas cores branco, azul e vermelho, símbolo do seu ofício de pescador. É a ele que dedico este trabalho, resultado do meu ofício de pesquisador, e costurado graças às histórias generosamente compartilhadas comigo durante nossa breve, feliz e memorável convivência.*

## AGRADECIMENTOS

À Raimundinho e Helena, meus pais, que na adversidade de uma doença difícil protagonizaram momentos amorosos e inesquecíveis. Certamente papai compartilha conosco a felicidade deste momento. À Bárbara, minha avó, que apesar de não entender porque tão longo é o caminho acadêmico, é uma das mais empolgadas com as conquistas do neto. À Beth, minha irmã, incansável incentivadora que mesmo distante não nos deixa esquecer que sempre está ali, pertinho. Dessa forma, saúdo todos os meus familiares que sabem a importância que cada um teve na realização desse percurso.

Da UFPA, o meu muito obrigado às professoras Célia, Denise, Ivânia, Regina Alves e Regina Lima. Da TV Cultura do Pará, primeira casa que me acolheu, minha gratidão à Adelaide, Adriana, Ana Paula Andrade, Gondim, Júnior Braga, Jússia, Nassif e Renatinha. Cometo a falta de não nomear todos, mas saibam que até hoje guardo com muito carinho as duas páginas de papel timbrado onde estão registradas aquelas doces palavras desejando-me uma feliz caminhada. À Bibi, Diler, Flávio, Geisa, Katherine, Mayara, Mel, Uriel e Victor pela amizade e ajuda nos momentos de dificuldade. Com o auxílio de vocês cumpri a ousadia de pegar um Ita no Norte, deixando as águas da Baía do Guajará rumo às águas da Baía de Guanabara.

À Irene e Eduardo, meus tios, pela generosidade de me acolher em sua casa quando o Rio de Janeiro me era um grande desconhecido. Pela paciência e parceria em momentos tão alegres e outros atribulados, minha gratidão a Diego que, juntos, deixamos a segurança de nossos lares e rumamos para onde os sonhos nos chamavam. À Maria Lívia e Vinicius, pelo carinho e por termos compartilhado a experiência que me fez ficar ainda mais convicto de que é na sala de aula que meus dias serão mais felizes. Amanda, Luciana, Malu, Mari e Milena, me faltam palavras para dizer o quanto vocês foram fundamentais nessa fase da minha vida, cheia de curvas sim, mas acima de tudo serpenteada por um rio de memórias inesquecíveis. À Fabrício, Juan, Marcela, Maria Rita, Renatoca e Rodrigo pelos momentos incríveis vividos numa cidade cada vez mais pintada com as cores e embalada pelos sons da nossa Amazônia.

À professora Marialva Barbosa, por sempre ter acreditado no projeto, pelas inestimáveis contribuições e por ter me acolhido, ainda na primeira orientação, com versos de Waldemar Henrique lembrados entre uma e outra risada. Agradeço também aos amigos e amigas da Escola de Comunicação da UFRJ: Andrea, Ana Cláudia, Ana Paula, Gabriel, Heitor, Igor, Janine, Lu, Natália, Patrícia e Tatiane. Pelo aprendizado e produtivos debates, meu obrigado aos professores Ana Paula Goulart, Cíntia Sanmartin Fernandes, Joëlle

Rouchou, Leticia Matheus, Márcio Tavares do Amaral e Micael Herschmann. Estendo também meu agradecimento a CAPES, por ter financiado a pesquisa, e ao PPGCOM-UFRJ por tê-la abrigado.

Pela fundamental ajuda na pesquisa de campo, obrigado às minhas tias Iracema e Isaura, e ao meu compadre Dinho. Da mesma forma, agradeço a Hilberto Freitas, Manoel de Oliveira Filho, Newton Cardoso, Tereza Miranda e Terezinha Monteiro por compartilharem suas memórias e experiências, tornando ainda mais interessante essa história envolta por tantos mistérios que ousamos aqui contar. Infelizmente estas linhas não são suficientes para falar sobre as pessoas que, de certa forma, ajudaram e torceram pela realização deste trabalho, mas saibam que registro aqui, na tentativa de me redimir e de asseverar o quanto sou grato a todos, que foi uma feliz e prazerosa travessia.

*Digo às vezes que não concebo nada tão magnífico e tão exemplar como irmos pela vida levando pela mão a criança que fomos, imaginar que cada um de nós teria de ser sempre dois, que fôssemos dois pela rua, dois tomando decisões, dois diante das diversas circunstâncias que nos rodeiam e provocamos. Todos iríamos pela mão de um ser de sete ou oito anos, nós mesmos, que nos observaria o tempo todo e a quem não poderíamos defraudar. [...] Creio que indo pela vida dessa maneira talvez não cometêssemos certas deslealdades ou traições, porque a criança que nós fomos nos puxaria pela manga e diria: “Não faças isso”.*

(José Saramago)



## RESUMO

A política intervencionista imposta à Amazônia durante a ditadura militar (1964-1985) deixou marcas profundas na região, que até hoje padece com os conflitos agrários e o desmatamento. O discurso ufanista alcançara a última fronteira do país, buscando a soberania nacional e a conquista do “gigantesco mundo verde”. Localizada no nordeste do Pará, às margens da Baía do Marajó, a pequena Ilha de Colares estava bem distante desse ciclo de desenvolvimento. No entanto, em 1977, militares chegaram à cidade para investigar um fenômeno inexplicável: luzes misteriosas cruzavam os céus, aterrorizando a população e transformando completamente a rotina do lugar. Moradores relatavam que ao serem atingidos pelo raio luminoso ficavam parcialmente paralisados, além de sentirem tontura e fraqueza. Todos temiam um ataque do *Chupa-Chupa*, como ficaram conhecidas as luzes, já que se acreditava que o sangue era sugado por elas. A imprensa local fartamente noticiou o fenômeno, que atingiu grande parte dos municípios da região do Salgado, chegando até a capital, Belém. Diante disso, surge esta pesquisa com o propósito de compreender o processo de formação de memórias em torno desse fenômeno, levando em conta também os imaginários que o atravessam. Para isso, debruçamo-nos nas edições de jornais publicadas em 1977 pela imprensa paraense, nos relatórios militares resultantes da investigação da Aeronáutica e nos próprios relatos daqueles que viveram o pavor dessas noites intranquilas e testemunharam a evolução das luzes pelos céus. Para uns, sinal dos tempos. Para outros, credence, neurose coletiva. Há quem acredite em intervenção extraterrestre ou simplesmente não acredite em nada, apesar de ter presenciado os focos luminosos. Imersos nessa amálgama que envolve memórias, imaginários e mistérios, nos deparamos com um fenômeno que, 40 anos depois, segue despertando a curiosidade e inspira novas interpretações, transformando o município de Colares na capital ufológica da Amazônia.

**Palavras-chave:** Memória; Imaginário; *Chupa-Chupa*, Amazônia.

## ABSTRACT

The interventionist policies imposed to the Brazilian Amazon during Brazil's military dictatorship (1964-1985) left deep marks in the region, which to this date struggles with land conflicts and deforestation. In that period, the boastful discourse of the Brazilian state finally reached the last frontier of the country, seeking national sovereignty and the conquest of the "gigantic green world". Located in the northeastern portion of the Pará Amazonian state, next to the Marajó Bay, the small island of Colares was far distant from this cycle of development. However, in 1977, military staff arrived in Colares town to investigate an inexplicable phenomenon: mysterious lights crossed the sky, terrifying residents and changing local everyday life entirely. Colares inhabitants described being hit by such light rays, henceforth presenting a state of partial paralysis along with dizziness and weakness. Everyone feared an attack from the *Chupa-Chupa* (Portuguese for "The Sucker", literally, "Suck-Suck"), as the lights came to be known, referring to the belief they sucked blood out of bodies. Local media covered the phenomenon extensively, as it reached not only Colares but also great part of the surrounding region known as Salgado, to the point it was witnessed in the state's capital, Belém. That said, this research aims to understand the process of memory formation around such phenomenon, also taking into account the imaginaries crossing it. For that purpose, we have examined Pará state newspapers published in 1977, along with military reports from the investigation conducted by the Brazilian Air Force and the oral accounts of those who lived those dreadful uneasy nights, witnessing the profusion of lights over the skies. For some, a sign of the times. For others, superstition or collective neurosis. There are people who believe in extraterrestrial intervention or simply do not believe in anything, even though they have witnessed the light sources themselves. Immersed in this mixture of memories, imaginaries and mysteries, we face a phenomenon that, even after 40 years, keeps inspiring curiosities and new interpretations, turning the Colares municipality into the ufology capital of Amazon.

**Keywords:** Memory; Imaginary; *Chupa-Chupa*; Brazilian Amazon.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1** Edição do *Jornal do Brasil* destacando a morte de Edson Luís e a repercussão pelo país com as greves dos estudantes. Nove meses depois, o general Costa e Silva baixava o Ato Institucional nº 5 (AI-5), escancarando a face ditatorial do regime iniciado em 1964, após a deposição de João Goulart. Fonte: *Jornal do Brasil*, 29 mar. 1968, p. 1. .... 30
- Figura 2** Placa que marca o início da construção da rodovia Transamazônica: a obra que conquistaria o “gigantesco mundo verde” do Brasil. Como os integrantes da Caravana Rolidei, na ficção, milhares de pessoas rumaram para Amazônia iludidos pela propaganda de terra de oportunidades. Até hoje, a intervenção militar na região por meio de grandes projetos tem grande responsabilidade no desmatamento e nos conflitos agrários que assolam a região. Fonte: Acervo Folha, disponível em: <<http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/7568-transamazonica#foto-146727>>..... 38
- Figura 3** Desfile do Bloco do ET no Carnaval de Colares, em 2007. Com a retomada do interesse pelo fenômeno *Chupa-Chupa*, a cidade passou a abraçar a temática ufológica, realizando ações, como decorar as fachadas de comércios com os pequenos seres verdes de grandes olhos puxados. Colares torna-se a capital ufológica da Amazônia. Fonte: Tarso Sarraf / *Jornal O Liberal*..... 44
- Figura 4** Municípios paraenses atingidos pelo fenômeno *Chupa-Chupa* em 1977. As primeiras notícias das luzes sugadoras foram dadas pela imprensa maranhense. Pouco tempo depois, várias cidades do Pará, incluindo a capital, registraram a evolução do foco e suas vítimas. No entanto, nenhum município foi tão atingido como a Ilha de Colares. Fonte: GIESE, 1991, p. 36. .... 48
- Figura 5** Cilindros voadores fotografados pela Aeronáutica nos céus do Pará em 1977. Parte do material que integra os relatórios produzidos pelos militares durante a investigação veio da imprensa do Pará. As luzes sugadoras, entre os formatos mencionados, eram frequentemente vistas como bastões ou cilindros. Para a população eram simplesmente conhecidas como *Chupa-Chupa*, o pavor de 1977. Fonte: GIESE, 1991, p. 150. .... 53
- Figura 6** *O Estado do Pará* sobre os ataques do aparelho desconhecido a moradores de ilhas próximas a Belém. Entre as vítimas, uma mulher grávida e seu esposo, a vizinha do casal e um cachorro (que, desde então, não latia mais). O jornal registra que as vítimas procuraram o delegado responsável pela região, que disse desconhecer os meios para combater a luz misteriosa. Fonte: *O Estado do Pará*, 1 nov. 1977, p. 11..... 61
- Figura 7** O aumento das incursões dos objetos voadores com seus raios luminosos apavorou os moradores da Vigia, fazendo com que o caso ganhasse certa notoriedade no jornal *O Liberal*. O fenômeno tornava-se ainda mais perigoso porque as consequências podiam ser fatais, segundo a publicação. Moradores de casas isoladas e pessoas desacompanhadas eram as principais vítimas. Fonte: *O Liberal*, 15 out. 1977, p. 21. .... 62
- Figura 8** Reportagem publicada no jornal *A Província do Pará*, que destaca as consequências dos ataques atribuídos a uma suposta nave tripulada por um casal, que circulava pelos céus da região, gerando pavor e medo aos moradores. “O medo está estampado na face de cada morador. É

apavorada que qualquer pessoa fala do objeto. Não há quem diga se ele é ou não de metal. À todos impressiona, a fixa e forte luz amarela que o aparelho irradia”. Fonte: *A Província do Pará*, 20 out. 1977, p. 16. .... 64

**Figura 9** Apesar da falta de provas, segundo o jornal, as vítimas do foco não paravam de chegar ao Pronto Socorro Municipal de Belém. O periódico destacava que a população suburbana da cidade vivia dias angustiantes por conta dos acontecimentos, mas não havia uma explicação plausível para o que ocorria. Fonte: *O Liberal*, 17 nov. 1977, p. 1. .... 67

**Figura 10** O fenômeno *Chupa-Chupa* deixa Belém atenta aos movimentos no céu. Na chamada de capa: “A luz espalha susto e a cidade inteira não fala de outra coisa”. O pânico geral não era consequência de uma produção ficcional interpretada equivocadamente: as vítimas do *Chupa-Chupa* pululavam e a inércia das autoridades só agravava a situação. Fonte: *O Estado do Pará*, 18 nov. 1977, p. 1. .... 69

**Figura 11** Cerca de um mês depois dos ataques no interior, o “vampiro interplanetário” chegou a capital paraense e suas vítimas eram, em sua maioria, mulheres. A preocupação havia aumentado depois dos ataques terem chegado às “massas mais esclarecidas” da capital, como registra o jornal. Fonte: *A Província do Pará*, 19 nov. 1977, p. 14. .... 70

**Figura 12** *O Estado do Pará* apresentava a interpretação de médicos após o exame das “vítimas” (com aspas) do *Chupa-Chupa* que chegavam ao Pronto Socorro Municipal. De maneira tímida, o periódico atribui ao subconsciente o comportamento inexplicável das pessoas que supostamente foram atingidas pela luz. Isso seria comum nos outros jornais, que deram ainda maior notoriedade a esse discurso. Fonte: *O Estado do Pará*, 17 nov. 1977, p. 22. .... 73

**Figura 13** *O Estado do Pará* também destaca o discurso científico para justificar os inexplicáveis casos de vítimas do “foco”. Nem extraterrestes, nem luz sugadora, nem objetos voadores metálicos emitindo raios: tudo não passa de imaginação de pessoas simples, asseguravam. Fonte: *O Estado do Pará*, 20 nov. 1977, p. 1. .... 74

**Figura 14** Em Belém, três mulheres atingidas pela luz foram examinadas pelo médico, que levou em conta no diagnóstico: os lugares em que as vítimas viviam, todas eram do subúrbio; a idade, elas eram adolescentes, “fase dos sonhos”, segundo ele; e as reações no corpo como consequência de excitações psicomotoras. Fonte: *A Província do Pará*, 20 nov. 1977, p. 16. .... 75

**Figura 15** “O bicho me chupou” foram as palavras de Claudomira Rodrigues da Paixão, logo após ter sido atacada pela luminosidade intensa e misteriosa que tomou conta do quarto onde estava, como registrou um dos relatórios militares. Fonte: RELATÓRIO DE MISSÃO – OPERAÇÃO PRATO, 1977, p. 23. .... 79

**Figura 16** A polêmica edição do jornal *O Estado do Pará*, publicada em 24 de julho de 1978, trazia fotos do *Chupa-Chupa* e esgotou em poucas horas. A investigação sobre OVNI, desenvolvida pela Aeronáutica, mapeava as notícias sobre o assunto, publicadas pela imprensa local. Vários recortes de reportagens eram anexados aos relatórios. Fonte: REGISTROS DE OBSERVAÇÕES DE OVNI, 1978, p. 153. .... 85

**Figura 17** Registro fotográfico de corpos luminosos circulando nos céus de Colares, em 6 de novembro de 1977. As imagens integram os arquivos confidenciais produzidos pelo 1º Comando Aéreo Regional. Além dos relatos de moradores, os próprios militares registraram as luzes inusitadas que apavoravam o município. Fonte: REGISTROS DE OBSERVAÇÕES DE OVNI, 1978, p. 35..... 86

**Figura 18** O pescador aposentado Newton de Oliveira Cardoso exhibe seu pequeno acervo de revistas e recortes de jornais sobre o fenômeno *Chupa-Chupa*. É a única vítima viva que teve contato direto com as luzes misteriosas, logo é bastante procurado por quem visita Colares atrás de mais informações sobre o episódio. Por isso, resolveu construir seu próprio museu. Fonte: Foto do autor..... 96

**Figura 19** O cético pescador Manoel João de Oliveira Filho, 71 anos, que acompanhou a missão de alguns militares durante a Operação Prato. Testemunha ocular, diz ter presenciado pelo menos dez vezes as luzes que assustavam a população, mas se recusa a acreditar em extraterrestres, já que nunca viu ninguém dentro dos aparelhos. Segundo ele, somente em 1980 as coisas realmente voltaram à normalidade. Fonte: Foto do autor. .... 101

**Figura 20** “Encontrei a felicidade aqui nesta Ilha de Colares”, conta emocionada a professora aposentada Terezinha Auxiliadora Costa Monteiro, de 78 anos. Ao lado do marido, presenciou algumas vezes as luzes conhecidas como *Chupa-Chupa* que até hoje circulariam pelo município. Descrente em relação ao homem ter chegado à lua nos anos 60, não duvida que os focos luminosos tenham vindo de outro planeta. Fonte: Foto do autor. .... 104

**Figura 21** Maria Tereza Miranda ou Tereza de Colares, 67 anos, em frente ao altar da Igreja Chão de Tupinambá, construída no sítio onde vive. No alto, ao lado da imagem de Jesus Cristo, a fotografia de Mestre Irineu, lavrador maranhense que no começo do século XX fundou a doutrina do Santo Daime, no Acre. Professora do município de Colares em 1977, Tereza presenciou duas vezes as luzes que amedrontavam a população. Nos dias de hoje, aguarda sem medo um novo contato com os discos voadores. Fonte: Foto do autor..... 108

**Figura 22** Seu Beto, 76 anos, ostenta no quintal de casa um disco voador construído pelas próprias mãos com a ajuda de amigos. Luzes coloridas contornam o objeto discoide que foi pensado e executado depois do relato de avistamentos de um amigo que visitava a Ilha de Colares. O único ufólogo da região busca na ciência as respostas para o fenômeno *Chupa-Chupa* e para outros que ocorrem misteriosamente no Brasil e no mundo. Fonte: Foto do autor..... 111

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO – FIANDO RETALHOS, BORDANDO HISTÓRIAS DE UM BRASIL DESCONHECIDO.....</b>	<b>15</b>
<b>1. CHUPA-CHUPA: MEDO E MISTÉRIO NA AMAZÔNIA BRASILEIRA.....</b>	<b>28</b>
1.1. O PARÁ DOS ANOS DE 1970: LUTA, RESISTÊNCIA E TRANSFORMAÇÕES .....	29
1.2. O “DESENVOLVIMENTO” QUE ATROPELA A FLORESTA E AS LUZES QUE INVADEM O CÉU .....	35
1.3. A ILHA DE COLARES E A OPERAÇÃO PRATO: O INEXPLICÁVEL VIRA ALVO DOS MILITARES.....	43
<b>2. NAS TRINCHEIRAS DA MEMÓRIA, UM FENÔMENO INVESTIGADO, UM FENÔMENO NOTICIADO.....</b>	<b>55</b>
2.1. APARIÇÕES LEVAM O INTERIOR ÀS PÁGINAS DA IMPRENSA PARAENSE .....	57
2.2. O PARÁ SE RENDE ÀS LUZES MISTERIOSAS: CHUPA-CHUPA POR TODO LADO.....	64
2.3. O DESAPARECER DAS LUZES: O CHUPA-CHUPA SUCUMBE À PILHÉRIA E À RAZÃO .....	71
2.4. DOS RELATÓRIOS MILITARES, UMA INVESTIGAÇÃO SIGILOSA: AS LUZES E A SEGURANÇA NACIONAL.....	77
<b>3. NA TERRA DA LENDÁRIA MARIA VIVÓ, A PERSISTÊNCIA DAS LUZES E A CONSTRUÇÃO DE IMAGINÁRIOS.....</b>	<b>90</b>
3.1. NEWTON CARDOSO: A CÉLEBRE VÍTIMA E PROTAGONISTA NA PRESERVAÇÃO DESSA HISTÓRIA .....	93
3.2. DO MEDONHO CHUPA-CHUPA AOS DIAS VIOLENTOS DE HOJE: CETICISMO, LAMENTO E PAIXÃO .....	98
3.3. NUMA CIDADE DE “AURA AZUL” E PORTAIS INVISÍVEIS, UM FUTURO INCERTO: OS DISCOS VOADORES VÊM AÍ?.....	105
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>112</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>116</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>123</b>

## INTRODUÇÃO

### FIANDO RETALHOS, BORDANDO HISTÓRIAS DE UM BRASIL DESCONHECIDO

*Imaginemos por um momento que estamos numa praia: o mar está ali, e continuamente aproxima-se em ondas sucessivas que chegam à costa. Pois bem, essas ondas, que avançam e não poderiam mover-se sem espuma que avança em direção à praia onde vão acabar. Penso, continuando a usar esta metáfora marítima, que somos nós a espuma que é transportada nessa onda, essa onda é impelida pelo mar que é o tempo, todo o tempo que ficou atrás, todo o tempo vivido que nos leva e nos empurra. Convertidos numa apoteose de luz e de cor entre o espaço e o mar, somos, os seres humanos, essa espuma branca brilhante, cintilante, que tem uma breve vida, que despede um breve fulgor, gerações e gerações que se vão sucedendo umas às outras transportadas pelo mar que é o tempo. E a história, onde fica? Sem dúvida a história preocupa-me, embora seja mais certo dizer que o que realmente me preocupa é o passado, e sobretudo o destino da onda que se quebra na praia, a humanidade empurrada pelo tempo e que ao tempo sempre regressa, levando consigo, no refluxo, uma partitura, um quadro, um livro ou uma revolução.*

(José Saramago)

A lembrança de Manoel do Carmo de Paula, que dedicou grande parte dos seus 91 anos ao ofício de pescador, para sustentar, ao lado da esposa, a numerosa família, é ainda mais viva quando recordamos dos momentos em que ele contava as peripécias no mar e nos rios, além das histórias sobre visagens, assombrações e lendas, que fazem do imaginário amazônico patrimônio inestimável da cultura brasileira. Eram vários os personagens que causavam verdadeiro pavor, principalmente entre os ouvintes mais novos. O difícil era dormir depois de conhecer a história do homem de galochas que morrera afogado e arrastava as correntes pelas ruas da cidade, ou ainda a famosa Matinta Perera,<sup>1</sup> meio bruxa, meio guardiã da floresta, sempre desejosa de tabaco e implacável com aqueles que desrespeitavam a sacralidade dos rios e matas. Entre essas narrativas sobrenaturais, conhecemos outra história que não faz parte do grupo das lendas, mas é certamente um dos grandes mistérios da Amazônia. Nesse caso, Manoel, meu avô, não foi apenas narrador, foi também personagem.

---

<sup>1</sup> “Matinta Perera ou Mat-taperê é personagem mitológico por demais conhecido no interior amazônica. Todos já ouviram falar do misterioso pássaro que dá assobios assemelhados ao seu nome, sempre à noite, e só para quando lhe prometem tabaco. E, no dia seguinte, pela manhã, aparece uma velhota solicitando o prometido [...] De qualquer forma, sempre há um Mat-taperê nos interiores da Amazônia e, em alguns lugares, pode-se até mesmo identificar quem é...” (MONTEIRO, 2012, p. 27).

Falaremos, neste trabalho, de histórias de um Brasil desconhecido e pouco compreendido. Carregamos nessas palavras nossos velhos, nossos antepassados, nossas memórias e o conhecimento por eles transmitidos e por nós resguardados, para que os que estão por vir também o conheçam.<sup>2</sup> Conveniente é lembrar Saramago (2013, p. 24) quando fala que “as pessoas existem enquanto existir a lembrança da sua vida e do significado da sua vida nas pessoas que os amaram”.

Em 1936, Walter Benjamin (2012, p. 213) destacava o risco de extinção da arte de narrar, ressaltando a raridade de pessoas que sabiam narrar da maneira devida: “[...] É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências”. Nessa mesma época, o jovem Manoel do Carmo, com 21 anos, já era íntimo do ofício de pescador, jornada que duraria ainda muitas décadas e renderia experiências enriquecedoras para as histórias que foram contadas mais tarde, num movimento contrário à visão de Benjamin. No entanto, estamos diante de um contexto completamente diferente daquele em que o filósofo alemão escreveu suas reflexões sobre o narrador. O recrudescimento do ideal nazista e a tensão que daria início a Segunda Guerra dificilmente provocaria mudanças imediatas numa pequena comunidade da Amazônia brasileira que, tempos depois, ainda preservaria o intercâmbio de experiências, valorizando a tradição oral e o conhecimento dos velhos e velhas da região. Para Benjamin (2012, p. 213-4), a fonte dos narradores é a experiência que passa de boca em boca, portanto, as melhores narrativas escritas são as que menos se distanciam das histórias orais desses narradores, exemplificados pelo camponês sedentário ou pelo marinheiro comerciante.

Camponês ou marinheiro, apesar de nunca ter saído do Pará, Seu Carmito carregava as características que o pensador atribui àqueles que conhecem suas tradições, mesmo sem sair do seu lugar. Ousamos afirmar que a vida de pescador também lhe dera importantes experiências que poderiam ser conquistadas pelo marinheiro que muito viaja, ainda que os caminhos percorridos tenham sido os rios da Amazônia, de onde tirava o sustento da família. É essa paisagem, formada por rios e florestas, que Maria do Socorro Simões (2009, p. 3) destaca não apenas como um espaço de vida e trabalho cotidiano, mas também como um “elemento mediador de uma ligação com o maravilhoso e com o fantástico”. É como se a percepção daquilo que compõe essa paisagem fosse mais apurada e possibilitasse alcançar o verdadeiro sentido das coisas.

---

<sup>2</sup> É um pouco do que Jesús Martín-Barbero (2004, p. 25) lembra ao citar Antonio Gramsci: “só investigamos de verdade o que nos afeta”. A relação com o objeto define quais e como as trilhas serão percorridas.



Compondo a vasta paisagem amazônica, são as águas da Baía do Marajó que banham a Ilha de Colares, localizada no nordeste paraense e distante cerca de 100 quilômetros da capital do Pará, Belém. É de lá que reunimos os principais retalhos e passamos a fiá-los neste exercício acadêmico-reflexivo. O pequeno município, de pouco mais de 11 mil pessoas (IBGE, 2010), que vivem do extrativismo vegetal e animal – destacando-se a pesca –, teve o ano de 1977 como um dos momentos mais marcantes de sua história. Nessa época, a tranquilidade da pacata cidade havia sido substituída pelo alvoroço causado por fatos inexplicáveis, de natureza sobrenatural, para uns, de natureza ufológica, para outros. Vários moradores da região central da Ilha, e de localidades mais distantes, relatavam ataques de luzes misteriosas que vinham do céu e, ao atingirem a pele, causavam queimaduras, paralisia e palidez: tratava-se do fenômeno *Chupa-Chupa*, como é conhecido até hoje. Diante dos acontecimentos, a Força Aérea Brasileira (FAB), num ato inédito, iniciou a Operação Prato com objetivo de investigar os supostos ataques de extraterrestres na região. A cidade do velho pescador Manoel do Carmo nunca mais seria a mesma, tornando-se a capital ufológica da Amazônia.

Memória e Imaginário: eis os dois conceitos estruturantes do quadro teórico que conduziu a realização deste trabalho. É importante perceber que estamos lidando com práticas culturais comuns em uma região que possui particularidades muito bem definidas em relação às outras regiões do país.<sup>3</sup> Essas práticas se configuram em processos de comunicação, marcados pela tradição oral, que transcendem a narrativa compartilhada entre familiares e amigos e chegam à imprensa e aos arquivos oficiais do caso *Chupa-Chupa*, nosso objeto de análise. São processos comunicacionais revelando um imaginário, que vai se atualizando e tem rupturas e permanências ao longo do tempo, e jamais deve ser interpretado para fins de escárnio ou zombaria. Diante disso, surge o propósito de compreender o processo de formação de memórias em torno desse fenômeno, considerando os imaginários que as atravessam. Para isso, debruçamo-nos nas edições de jornais publicadas em 1977 pela imprensa paraense, nos relatórios militares resultantes da investigação da Aeronáutica, e nos próprios testemunhos daqueles que viveram o inexplicável no final da década de 70. São narrativas, de naturezas diferentes, configurando-se como lugar de comunicação. E com essa amálgama que envolve mistério, lembranças e histórias, busca-se conhecer um pouco mais do

---

<sup>3</sup> É da região Norte ou amazônica, no sentido mais amplo, que despontam as pessoas que têm em seus aspectos culturais de maneira mais forte a herança indígena, segundo Darcy Ribeiro (2006, p. 87): “[...] Outras variantes iriam surgir nas mesmas linhas, entre elas o caboclo amazonense adaptado à vida nas florestas e aos aguais, que foi quem mais guardou a herança indígena original. Onde suas comunidades originais se mantêm vivas e a se exercer sobre o mundo, através de múltiplas e rigorosíssimas formas de ação sobre o meio, que dão à sua vida e à sua cultura não só um sabor indígena, mas sua extraordinária riqueza”.

Brasil lá de cima, “a parte enfeitada do país” que Dalcídio Jurandir (1960, p. 132) escancara ao se referir ao Norte.

A relevância desta pesquisa está no esforço de compreender como esse caso, que tanto marcou o pequeno município de Colares no final dos anos 70 e a própria região amazônica, se constitui em um fenômeno cultural que se transfigura em fenômeno comunicacional pelas práticas das pessoas que o vivenciaram ou tiveram contato com quem vivenciou. Não é nosso objetivo adentrar no intenso debate ufológico que se arvorou em torno do *Chupa-Chupa*. Preferimos nos ater às memórias e imaginários criados em torno desse fenômeno, levando em conta seus processos de reconfiguração e (re)atualização, fortalecendo assim o caráter comunicacional da pesquisa.

Ressaltamos que o fenômeno *Chupa-Chupa* já serviu de tema para reportagens e documentários, no entanto, os trabalhos de cunho acadêmico ainda são poucos e geralmente seguem perspectivas diferentes da que adotamos. As pesquisas, que de certa forma abordam o caso, despontam principalmente da Antropologia e da História. É o caso de Rafael Antunes Almeida, autor da tese de doutorado “*Objetos intangíveis*”: *ufologia, ciência e segredo*, defendida em 2015, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Universidade de Brasília. Trata-se de estudo etnográfico com um coletivo de ufólogos brasileiros para compreender o processo de construção de conhecimento do grupo, a relação dos pesquisadores com seres extraterrestres e a luta pela liberação de documentos sob a posse do Estado, considerados importantes para a ufologia. O quinto capítulo da tese é totalmente dedicado à análise da Operação Prato, deflagrada nos anos 70 para investigar os ataques do *Chupa-Chupa*, episódio alçado entre os mais complexos nos anuários ufólogos, segundo Almeida (2015). A preocupação do pesquisador não é desenvolver uma descrição completa do caso, mas entender a sua contribuição para a pesquisa sobre ufologia no Brasil. Rafael Almeida entrevistou 15 pessoas em Colares e constrói sua narrativa apresentando relações com as publicações da imprensa brasileira e com os documentos disponibilizados de maneira não oficial na Internet. Com olhar diferenciado, são os aspectos de memória e imaginário que nos distanciam da pesquisa etnográfica desenvolvida por Almeida, apesar da semelhança com o material empírico levantado, ou seja, entrevistas, relatórios militares e edições de jornais.

Com o título *A invenção dos discos voadores: Guerra Fria, imprensa e ciência no Brasil (1947-1958)*, dissertação de mestrado defendida em 2009, na Universidade Estadual de Campinas, Rodolpho dos Santos desenvolve uma reflexão sobre as ideias relacionadas aos discos voadores no referido período, principalmente no Brasil. As fontes utilizadas são publicações da imprensa nacional que o fez considerar, entre os objetivos do trabalho, os

comportamentos da mídia e da comunidade científica do país em torno do debate público sobre o tema. Não há qualquer menção sobre o fato ocorrido na Amazônia, já que o período histórico definido é outro, mas o pesquisador enumera casos famosos no mundo e destaca questões do imaginário local sobre os fenômenos, o que passa a ser relevante para esta pesquisa quando nos propusemos a debater aspectos do imaginário amazônico, no que diz respeito ao *Chupa-Chupa*. Indo ao encontro de Santos, temos a dissertação de Milton José Giaconetti, defendida também em 2009, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. *As luzes no céu e a Guerra Fria: do limiar do conflito ao imaginário sobre os discos voadores (1945-1953)* é um trabalho que surgiu a partir da inquietação do autor ao ouvir o relato de um pescador de Santa Catarina, supostamente atingido por uma luz vinda do céu e em forma de garrafa, no começo dos anos 1950. Aliando a disputa ideológica e tecnológica que envolvia a Guerra Fria, Giaconetti relaciona a construção do imaginário no Ocidente sobre o fenômeno das luzes e dos discos voadores. Apesar da distância cronológica e espacial em relação ao nosso objeto, destacamos a importância da pesquisa no que se refere ao debate em torno do imaginário, levando em consideração também a atuação midiática.

Da Universidade de Brasília, especificamente do Departamento de Antropologia, temos a monografia de João Francisco Schramm, *A alteridade alienígena no discurso militar*, defendida em 2011. A análise se detém às narrativas militares oficiais e extraoficiais de documentos, pronunciamentos e entrevistas para identificar os contrastes entre as vozes militares e os pronunciamentos oficiais relacionados aos casos de objetos voadores não identificados (OVNIs) no Brasil. Dois dos capítulos da monografia trazem informações sobre a Operação Prato e cumprem seu propósito ao comparar os relatórios da Aeronáutica com as entrevistas concedidas por militares envolvidos na missão. Mais um trabalho que recorre a documentos produzidos pela instituição militar para fins de investigação, envolvendo algo de natureza ufológica. Entre o material empírico desta pesquisa, utilizaremos também relatórios oficiais e extraoficiais, mas destacando o depoimento das vítimas das luzes misteriosas que apavoraram os moradores de Colares e de outras cidades paraenses. A reflexão de Schramm (2011), marcando a alteridade no discurso militar, nos é relevante por, de certa forma, identificar as alternâncias e continuidades presentes em discursos oficiais e entrevistas à imprensa.

Além da produção acadêmico-universitária, é necessário destacar pelo menos três publicações que reúnem detalhes importantes sobre o fenômeno *Chupa-Chupa*. Começamos por Daniel Rebisso Giese (1991), autor do livro mais completo sobre o tema até hoje publicado: *Vampiros Extraterrestres na Amazônia*. Giese ampliou seu campo de análise para

todo o território amazônico que denunciava os ataques, incluindo municípios dos estados do Pará e Maranhão. A construção da narrativa é baseada em entrevistas realizadas com médicos, jornalistas, militares e a população dos locais atingidos, além de recorrer às edições de jornais e relatórios sobre o caso. De maneira cronológica, o autor descreveu do surgimento do fenômeno até o seu desaparecimento, e encerra trazendo ao debate questões ufológicas na tentativa de explicar o que as pessoas desses lugares vivenciaram. Seguindo pela vereda de buscar explicações para o que ocorreu, limitando-se geograficamente a Colares, Agildo Cavalcante publicou em 2014 o livro *Ilha de Colares na Amazônia: fenômeno Prato-Voador*. Trabalho de síntese, não acrescenta novos detalhes ao caso, apesar de destacar uma possível relação entre as histórias fantásticas que povoam o imaginário e o *Chupa-Chupa*. Preocupado em registrar a atuação de extraterrestres no Nordeste brasileiro, Reginaldo de Athayde (2000) escreveu o livro *ETs, Santos e Demônios na Terra do Sol*. Em um dos capítulos, discute a presença de OVNI's na região amazônica e a operação militar realizada para investigá-los. São três livros que nos aproximaram do mistério que envolve essa história, além de oferecerem informações importantes para a realização deste trabalho. Apesar de não termos a proposta de registrar historicamente o caso – objetivo alcançado, de certa forma, por essas mesmas publicações –, a partir desse material tivemos a oportunidade de conhecer e compreender questões fundamentais que fazem parte do debate sobre o *Chupa-Chupa*. Vale mencionar que em todos os livros identificam-se entrevistas com pessoas que tiveram algum tipo de relação com o caso, caminho que também buscamos trilhar aqui, seguindo diferente percurso metodológico.

Nely da Costa Aragão e Paula Campos de Miranda são as autoras da monografia *A cultura ufológica na Ilha de Colares-PA: entre o real e o imaginário – um estudo de casos*, defendida em 2010, na Faculdade de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Castanhal, Núcleo de Colares. Identificamos como o único trabalho acadêmico produzido por pessoas que vivem no município e que tiveram familiares envolvidos no fenômeno. O objetivo da pesquisa é analisar como esse episódio influencia no imaginário social e na cultura da cidade. Na área da Comunicação, encontram-se trabalhos relevantes do ponto de vista teórico e apenas duas pesquisas que levaram em conta a história ocorrida no interior do Pará no final dos anos 1970. *O realismo fantástico em Colares* é uma monografia escrita por João Jadson Furtado, defendida na Faculdade de Comunicação da UFPA, em 2003. Trata-se de projeto experimental com o objetivo de produzir reportagem para televisão em que são apresentados casos sobrenaturais registrados no município, entre eles, o *Chupa-Chupa*. Em 2011, Ana Carolina Eulálio apresentou a monografia *O discurso*

*dos jornais de Belém sobre o fenômeno chupa-chupa*, na Faculdade de Comunicação Social, da Universidade da Amazônia (UNAMA). A pesquisa recorreu às publicações da imprensa local para identificar a produção de sentidos sobre o episódio. Diante desse cenário, podemos aqui reafirmar a “natureza presentista” de grande parte dos estudos de comunicação, característica apontada por Marialva Barbosa (2012, p. 146-7) ao destacar que há uma naturalização em torno do presente como lugar de reflexão dos processos comunicacionais, e o passado como processo apenas dos estudos históricos. A ideia aqui não é transformar esta pesquisa numa gênese do passado sobre o *Chupa-Chupa*, mas buscar compreender esses atos comunicacionais estabelecendo a inevitável relação entre a comunicação e o mundo como narrativa. Ao longo da pesquisa, outros trabalhos (acadêmicos ou não) foram fundamentais para consolidar as discussões de nossas questões estruturantes, principalmente do ponto de vista teórico. Contudo, preferimos considerar nesta fase introdutória os ensaios que tem o olhar voltado diretamente para o objeto do qual compartilhamos, para que se possa ter de maneira mais clara a noção de que adentramos em um campo pouco investigado pelas áreas de saber, incluindo a Comunicação, de onde parte nossa perspectiva.

Agrupamos o trabalho entre as pesquisas qualitativas de caráter exploratório. Além disso, consideramos como hipótese a ideia das narrativas fantásticas como um lugar comunicacional, atravessadas por memórias e imaginários. Para o desenvolvimento da proposta geral, recorreremos a fontes bibliográficas e documentais, nomeadamente jornais publicados em Belém nos anos 70 e arquivos oficiais sobre a operação militar que se propôs a investigar o fenômeno. Além disso, cinco entrevistas realizadas com moradores do município de Colares compõem o *corpus* de pesquisa. Partimos do pressuposto de que estamos lançando um olhar do presente para os vestígios que resistiram ao tempo e que hoje nos contam essa história de 40 anos. Para isso, e diante da natureza do objeto empírico definido, a opção metodológica adotada se alicerça, principalmente, na análise da narrativa, sendo atravessada pela pesquisa documental, pelo cruzamento entre biografia e história e pelo caminho que trilhamos ao recorrer à história oral. A partir de então, poderão ser alcançadas as conclusões interpretativas de acordo com os objetivos propostos.

Tal como nas rodas de conversa, o percurso aqui adotado se inicia com a apresentação do tema do trabalho, em linhas gerais, os ataques das luzes misteriosas que atingiram municípios da microrregião do Salgado, nordeste paraense, em especial a Ilha de Colares no final dos anos 70. É necessário mencionar a heterogeneidade da Amazônia naquele período da ditadura militar, que aplicava um projeto desenvolvimentista por meio de grandes obras visando a “integração” do país, amparado pelo Plano de Integração Nacional (PIN) do

governo Emílio Garrastazu Médici. Colares estava bem distante desse desenvolvimento que derrubou a floresta e deixou suas marcas no desmatamento da região, e nos conflitos de terra que assolam o Pará até os dias atuais. No entanto, a cidade não escapou de receber uma intervenção militar, com missão completamente incomum. Naquela época, o pavor tomava conta dos moradores da cidade. Dessa forma, estruturamos o Capítulo 1, *Chupa-Chupa: medo e mistério na Amazônia brasileira*, subdividido em três tópicos que envolvem as questões históricas do Pará no período, a mudança de rotina dos moradores de Colares a partir das primeiras aparições, e os detalhes da chamada Operação Prato. Não temos a ousadia de alcançar a louvável capacidade que os velhos da região têm de manter seus ouvintes superatentos ao narrar suas histórias fantásticas, mas torcemos para que os leitores destas linhas possam compreender minimamente as particularidades que compõem essa heterogeneidade brasileira.

Dando continuidade, o Capítulo 2 aborda o primeiro dos conceitos que integra o quadro teórico da dissertação: memória. Sob o título *Nas trincheiras da memória, um fenômeno noticiado, um fenômeno investigado*, busca-se refletir sobre as principais discussões em torno da memória. Recorremos, entre outros, ao trabalho de Maurice Halbwachs (2003), um dos precursores na abordagem da memória em relação ao indivíduo e a sociedade, para compreendê-la como uma construção social que resulta na chamada memória coletiva. As contribuições de Michael Pollak (1989) sobre o processo de enquadramento de memória também foram consideradas justamente por levar em conta esses processos de disputa pelos quais passa a memória. Marialva Barbosa (2016) e Ana Paula Goulart Ribeiro (2000) são fundamentais para a argumentação da imprensa como produtora de memórias, buscando um lugar na história, indo ao encontro de Letícia Matheus (2010) quando fala sobre os jornais como suporte de memória hegemônica. Da mesma forma, é importante mencionar John Thompson (2011) quando localiza a mídia como produtora e difusora institucionalizada de bens simbólicos. A partir disso, consideramos as edições de jornais publicadas no Pará no final dos anos 70 sobre o fenômeno *Chupa-Chupa* para compreender de que forma a imprensa contribuiu na formação de memória(s) sobre o caso. Em 1977, os três principais jornais do Pará fizeram a cobertura dos ataques das luzes misteriosas em Colares e em outros municípios da microrregião do Salgado: *A Província do Pará*, *O Estado do Pará* e *O Liberal*, de acordo com os dados observados na Biblioteca Pública Arthur Vianna, em Belém, se dedicaram ao tema em pelo menos três meses daquele ano, conforme a Tabela 1 apresenta. A escolha dos três jornais se deu principalmente pela disponibilidade para consulta no acervo e também porque eram os mais importantes da imprensa paraense na época. Deve-se fazer uma ressalva

sobre o período definido para análise: o levantamento delimitou quatro meses, entre setembro e dezembro, sendo que no primeiro mês não houve qualquer menção sobre o fenômeno nas edições dos jornais. Contudo, é sabido que as primeiras notícias sobre as aparições luminosas foram publicadas pelo jornal *O Liberal*, ainda em maio de 1977. No entanto, buscando definir certa regularidade no que diz respeito à atuação da mídia impressa paraense na cobertura do caso, optamos pelo recorte definido, o que não significa que o furo d’ *O Liberal* seja desconsiderado, já que nosso objetivo é estabelecer relação entre a formação de memória(s) sobre o caso, a partir das publicações realizadas pela imprensa e que foram iniciadas pelo referido jornal.

**Tabela 1**

Jornais paraenses na cobertura das luzes misteriosas entre setembro e dezembro de 1977<sup>4</sup>

Jornais	Edições em 1977			
	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
<i>A Província do Pará</i>	-	1	4	-
<i>O Estado do Pará</i>	-	3	9	4
<i>O Liberal</i>	-	5	5	3
<b>Total/mensal</b>	-	9	18	7

Dos impressos ao audiovisual, a Rede Globo de Televisão exibiu, entre os meses de junho e novembro de 2005, o programa *Linha Direta Mistério*. Com uma abordagem jornalística, foram três episódios que narravam casos considerados inexplicáveis pela ciência, polícia e justiça. O programa ia ao ar sempre às quintas-feiras, 21h50, e sua primeira edição contou a história do incêndio do Edifício Joelma, em São Paulo, em fevereiro de 1974, quando 189 pessoas morreram. No dia 25 de agosto de 2005, o programa exibiu para o país a história daquela considerada a única investigação oficial do governo brasileiro sobre extraterrestres, a Operação Prato. Segundo o site *Memória Globo*, “[...] em 1977, a população de Colares, pequena cidade no interior do Pará, se apavorou diante da aparição de um estranho objeto que emitia feixes luminosos que pareciam sugar a força dos moradores e deixá-los em estado de inanição”.<sup>5</sup> Quase 30 anos depois, as vítimas do *Chupa-Chupa*,

<sup>4</sup> Entre os três jornais, apenas *A Província do Pará* não publicou reportagens sobre o *Chupa-Chupa* no mês de dezembro de 1977. O jornal *O Liberal*, fundado em 1946, é o único do período que ainda está em circulação no estado; *A Província do Pará*, criado em 1876, encerrou suas atividades em 2001 e até hoje é a mais duradoura publicação periódica da Amazônia; *O Estado do Pará*, que teve sua edição inaugural publicada em 1911, não circula mais desde 1980. Cf. Biblioteca Pública do Pará, 1985.

<sup>5</sup> Cf.: MEMÓRIA GLOBO. **Linha Direta Mistério**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/programas-jornalisticos/linha-direta-misterio/reportagens.htm>> Acesso em 15 jul. 2015.

especialistas em ufologia, acadêmicos e jornalistas voltavam a falar então sobre o caso, dessa vez, em canal aberto de televisão.

Diante dos recursos que o meio audiovisual oferece, é interessante observar que o formato do programa *Linha Direta Mistério* mesclava jornalismo e ficção, alicerçado em dramatizações baseadas em fatos reais que contavam também com recursos de computação gráfica. Das páginas dos jornais dos anos 70, em que os relatos e as fotografias dos moradores de Colares que haviam sido atingidos eram o principal registro sobre o fenômeno, o caso passou a ter as simulações de como teriam ocorrido os ataques das luzes no município. A ficção levava aos telespectadores – certamente uma maioria que nunca tinha ouvido falar sobre o tema – o pavor daquelas pessoas por meio das simulações que faziam parte dos recursos do programa. Nessa mediação de formas simbólicas realizada pela mídia, resultando em variados produtos, identificamos ainda, entre 2005 e 2012, pelo menos cinco produções audiovisuais sobre a Operação Prato – utilizando também o recurso das dramatizações e depoimentos –, exibidas principalmente em redes nacionais de televisão, conforme a Tabela 2 sintetiza. Essas produções mais recentes não fazem parte do nosso objeto de análise, entretanto é valioso termos em vista que o caso ainda produz novos sentidos e interpretações, utilizando os recursos audiovisuais que os jornais impressos não dispõem.

**Tabela 2**

Produção exibida em canais aberto ou fechado de televisão sobre a Operação Prato (2005-2012)<sup>6</sup>

<b>Título</b>	<b>Gênero</b>	<b>Produção</b>	<b>Data de exibição</b>
Linha Direta Mistério: Operação Prato	Programa jornalístico	Rede Globo de Televisão	25/08/2005
Arquivos Extraterrestres: o caso Roswell brasileiro	Documentário	The History Channel	17/12/2005
Chupa-Chupa: a história que veio do céu	Documentário	Fundação Padre Anchieta, TV Cultura do Pará e Floresta Vídeo	24/06/2007
Conexão Repórter: OVNIs – Arquivo Secreto	Programa jornalístico	Sistema Brasileiro de Televisão (SBT)	07/10/2010
Invasão: histórias misteriosas em Colares	Programa de variedades	TV Cultura do Pará	10/05/2012

<sup>6</sup> *Arquivos Extraterrestres* foi uma série de televisão produzida pelo canal norte-americano *The History Channel*. Em 17 de dezembro de 2005 exibiu em canal fechado o episódio sobre a Operação Prato. O programa *Invasão* integra a grade da *TV Cultura do Pará*, sediada em Belém, e exibiu para 113 municípios paraenses a edição dedicada ao caso de Colares em 10 de maio de 2005. Apenas esses dois programas não foram transmitidos nacionalmente em canais abertos de televisão.



Para encerrar o segundo capítulo, recorreremos à noção de documento-monumento, desenvolvida por Jacques Le Goff (2005), lançando nosso olhar para os relatórios da Operação Prato, sob a orientação da Aeronáutica. Os documentos, em sigilo durante muito tempo, foram produzidos no âmbito do Ministério da Aeronáutica por meio do Primeiro Comando Aéreo Regional (I COMAR). Parte dos arquivos foi disponibilizada na Internet de maneira extraoficial. Nos relatórios da Operação Prato divulgados oficialmente e disponíveis no Arquivo Nacional, são 160 páginas contendo mapas, percursos realizados pelos OVNI, além de recortes de jornais e fotografias produzidas durante a investigação. Preocupamo-nos em delimitar, entre esses arquivos, os depoimentos das vítimas das luzes misteriosas.

Iniciamos essas notas introdutórias falando sobre o intercâmbio das experiências do pescador Manoel do Carmo, uma das testemunhas do fenômeno *Chupa-Chupa*, detentor da habilidade de contar histórias e manter os ouvintes atentos. O terceiro capítulo foi pensado justamente para esse hábito de velhas e velhos que cumpriram (e ainda cumprem) a sua função de verdadeiros bordadores de histórias na região. Além de perceber a importância da tradição oral na Amazônia e como ela vem se reconfigurando ao longo do tempo, seja pela prática diferenciada do narrar ou até mesmo pelos novos elementos que compõem as histórias, nossa preocupação é trazer à tona as práticas culturais marcadas pelas narrativas dos moradores de uma região que possui, entre suas características, a riqueza de um imaginário que sempre influenciou os hábitos e atitudes realizadas ao longo da vida.

Se levarmos em consideração as lendas, visagens e assombrações da região, nos deparamos com diferentes seres que possuem lugares específicos para sua manifestação. As lendas geralmente têm suas origens nas cidades do interior e levam em consideração aspectos geográficos dessas localidades que ainda possuem relação muito próxima com a natureza. As visagens e assombrações, além das próprias pequenas cidades, também chegam às metrópoles, como Belém. O intercâmbio cultural entre os moradores do interior e os cidadãos faz com que visagens e lendas subsistam em toda região, no entanto, no caso de grandes cidades marcadas pelo avançado processo de urbanização, os lugares em que esses seres misteriosos atuam deixam de ser os rios e as matas para serem centros históricos, igrejas, cemitérios e até mesmo táxis (MONTEIRO, 2012). Não se estabelece aqui uma linha divisória entre as pequenas cidades do interior e as grandes metrópoles, ou, lembrando Raymond Williams (2011), um contraste entre campo e a cidade.

Sob o título *Na terra da lendária Maria Vivó, a persistência das luzes e a construção de imaginários*, nos dedicaremos no terceiro e último capítulo a análise das entrevistas com as vítimas das luzes que assombraram Colares. É importante deixar claro que não estamos

colocando no mesmo patamar os eventos em torno do *Chupa-Chupa* e as visagens e assombrações amazônicas, mas observamos a relevância que as práticas da oralidade têm para a preservação dessas histórias de natureza sobrenatural – ainda que ufológicas, segundo alguns especialistas, para o primeiro caso. Ao todo, entrevistamos cinco pessoas que tenham vivenciado o fenômeno em 1977. Deparamo-nos com uma forma típica de comportamento, como fala Verena Alberti (2004, p. 23), identificada não apenas na Amazônia, mas também em muitos outros lugares do mundo, considerando-se as suas particularidades. Esse exercício de conhecer a experiência individual, possibilitado pela história oral, é um convite a uma viagem a um passado revelador e muitas vezes ignorado. As entrevistas foram realizadas no município de Colares em novembro de 2016, e guiamo-nos em busca dos rastros que o fenômeno *Chupa-Chupa* deixou nos relatos daqueles que estiveram na cidade durante o caso. O principal critério estabelecido para definir os entrevistados foi a relação direta com o fenômeno: sejam vítimas ou apenas testemunhas das luzes misteriosas. Eis aqui o fascínio que uma entrevista de história oral é capaz de proporcionar ao tornar possível o vivenciar das experiências do outro (ALBERTI, 2004, p. 18-9). Com isso, buscamos compreender os imaginários que atravessam as memórias dos sobreviventes e vítimas do fenômeno, conhecendo um pouco mais da singularidade desse episódio na busca de informações que, somente a partir desse contato com as pessoas, são alcançadas, como lembra Ribeiro (2015).

Segundo João de Jesus Paes Loureiro (2000, p. 65), há dois grandes espaços sociais tradicionais da cultura na Amazônia, o espaço da cultura urbana e da cultura rural. No espaço rural, a cultura está mergulhada num ambiente onde se destaca a transmissão oralizada, marcada pela forma predominante da relação homem com a natureza. Ao visitar um pequeno município da Amazônia, que teve sua história marcada pela excepcionalidade de determinado fenômeno, no qual identificamos a forte presença no imaginário local de aspectos memoráveis de quem viveu ou apenas ouviu as histórias do *Chupa-Chupa*, nosso campo de análise adentra nesse ambiente de transmissão oralizada e se debruça nas narrativas que, inevitavelmente, vão apresentar traços dessa predominante relação do homem com a natureza no espaço rural amazônico. Ao lado de Ana Pizarro (2012), as reflexões de Paes Loureiro (2000) baseiam nossa discussão sobre o imaginário amazônico. No entanto, levando em conta os aspectos universais desse conceito é em Patrick Legros (2014), Wolfgang Iser (2013) e Gilbert Durand (1997) que o embasamento teórico desta pesquisa também se alicerça.

É nesse momento então que se encerrará nossa conversa sobre memória e imaginário, costurada a partir de um fenômeno ocorrido na região amazônica e que até hoje intriga muita gente. Impressionados, curiosos, descrentes... Não temos a capacidade de acompanhar as

sensações que a narrativa sobre as luzes misteriosas despertarão naqueles que olharem com mais atenção para o caso e nosso objetivo também não é esse. No entanto, será prazeroso imaginar que tal como nas rodas de conversa, encabeçadas por uma velha ou um velho da região e marcadas pelas narrativas fantásticas, os ouvintes (ou leitores) tenham levado consigo um pouco mais desse Brasil desconhecido. Fiando retalhos e bordando histórias, não esqueçamos a metáfora marítima sobre o tempo, de José Saramago (2013, p. 26-7): apesar da breve vida da espuma do mar, lembremos que ela é conduzida por algo muito maior do qual nós também fazemos parte.

## 1. *CHUPA-CHUPA: MEDO E MISTÉRIO NA AMAZÔNIA BRASILEIRA*

*Década estranha, de gente desaparecendo, outros resistindo. E o governo militar vendo inimigos em todos os lados. Até no espaço sideral, como o ainda hoje lembrado episódio ocultado dos discos voadores em Colares, município no nordeste do estado.*

(Ismael Machado)

Os espetáculos da Caravana Rolidei perdiam cada vez mais público para uma concorrente que chegou aos grandes centros do país no começo da década de 1950: a televisão. Mais de vinte anos depois, aquela tela luminosa era encrustada numa parede e alcançava os brasileiros do interior, que lotavam as praças públicas para acompanhar a história de Júlia de Souza Matos, interpretada por Sônia Braga, na novela *Dancin' Days*. As aventuras da trupe mambembe dão o tom ao enredo do filme *Bye Bye Brasil*, de Carlos Diegues (1979). O grupo, que por anos atraiu os olhares dos espectadores com suas cenas de teatro, dança, música e ilusionismo, agora fugia das antenas espinhas de peixe – principal referência de que a televisão, ainda que fosse um solitário aparelho para todos, havia chegado por ali. A alternativa foi tentar a sorte em um lugar que não vivesse sob as benesses da tecnologia. Lorde Cigano, líder da trupe, decidiu que todos deveriam ir para a Floresta Amazônica, especificamente Altamira, no Pará. O personagem, interpretado por José Wilker, justificava a escolha: “Lá, abacaxi é do tamanho de jaca! As árvores são mais altas do que arranha-céu. E a gente topa em pedra preciosa, ali, na flor da terra. Lá, todo mundo é rico, mas ninguém pode gastar essa riqueza toda. Mora tudo no mato, sabe como é que é?”. Sem medo, a Caravana Rolidei atravessou os mistérios da região para se frustrar com uma cidade completamente transformada após a construção da rodovia Transamazônica. Espinhas de peixe? Aos montes.<sup>7</sup>

As mudanças no cenário amazônico que atraíram a Caravana Rolidei, na ficção, também levaram milhares de pessoas à região, iludidas com o discurso de terra de grandes oportunidades. A realidade era muito mais dura com a simples constatação que, definitivamente, a riqueza não chegava para todos. O caminho a ser percorrido neste capítulo tem por objetivo apresentar a complexidade que envolveu a região amazônica, sobretudo o Pará, na década de 1970. Iniciamos falando sobre as resistências que se arvoraram no estado a partir de 1964, principalmente a Guerrilha do Araguaia, que até hoje tem suas marcas entre aqueles que vivem nas cidades próximas às áreas de conflito; atravessamos a Transamazônica,

---

<sup>7</sup> Cf. **BYE BYE Brasil**. Direção: Carlos Diegues. Produção: Lucy Barreto, Luiz Carlos Barreto. São Paulo, BR: L. C. Barreto Ltda, 1979.

mostrando as frustrações e a esperança que o desenvolvimento trouxe para os pobres da região, que nunca se depararam com os enormes abacaxis ou as pedras preciosas saltando daquele solo que parecia não ter a vocação de Eldorado, como muitos acreditaram e ainda acreditam existir; encerramos essa trilha falando sobre uma realidade completamente diferente daquelas cidades afetadas pelos grandes projetos que o governo militar implantava, mas uma cidade envolta, principalmente, pelos mistérios... mistérios ainda tão caros à Amazônia, que precisa ser vista, cada vez mais, por olhares desnudos de quaisquer preconceitos.

### 1.1. O Pará dos anos de 1970: luta, resistência e transformações

Edson Luís de Lima Souto tinha 17 anos quando foi assassinado por policiais militares na noite de 28 de março de 1968, no Rio de Janeiro. Do confronto entre PMs e os que reivindicavam melhores condições para o restaurante Calabouço, surgiu o cadáver do estudante que seria uma das vítimas mais famosas da ditadura. De família pobre, natural de Belém (PA), Edson se mudou para a capital para dar continuidade aos estudos e não tinha relação direta com a militância política (GASPARI, 2014a, p. 275-6). Na canção *Menino* (1976), a voz de Milton Nascimento dava o tom da indignação naqueles dias que preconizavam o recrudescimento do regime militar:

Quem cala sobre teu corpo  
 Consente na tua morte  
 Talhada a ferro e fogo  
 Nas profundezas do corte  
 [...]  
 Batendo, avisando a hora  
 Que a raiva traçou no tempo  
 No incêndio repetido  
 O brilho do teu cabelo

Quem grita, vive contigo.<sup>8</sup>

Manifestações se espalharam pelo país<sup>9</sup> e estima-se que cerca de 50 mil pessoas acompanharam o cortejo entre a Cinelândia e o cemitério São João Batista, onde o estudante

<sup>8</sup> NASCIMENTO, Milton; BASTOS, Ronaldo. *Menino*. In: NASCIMENTO, Milton. **Geraes**. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1976. 1 CD. Faixa 4.

<sup>9</sup> Elio Gaspari (2014a, p. 280-1) destaca que no Rio de Janeiro as manifestações tinham propósitos diferentes: “Na oposição, sob a influência do Partido Comunista e de uma liderança de intelectuais esquerdistas procurava-se manter a legalidade da mobilização. [...] No coração da esquerda, velhas dissidências e novas lideranças mostravam-se dispostas a brigar com a polícia. No governo, proibiam-se passeatas, mas tolerava-se a realização de missas de sétimo dia. Só na jurisdição do I Exército anunciaram-se 119”.

foi sepultado. Nas faixas e cartazes, a revolta contra o regime se expressava por meio das frases “Mataram um estudante. Podia ser seu filho!”, “Os velhos no poder, os jovens no caixão” e “Bala mata fome?”. Na Candelária, a missa de sétimo dia foi acompanhada por centenas de pessoas, mas ao fim da celebração, vários estudantes foram vítimas da repressão de policiais que ocupavam o entorno da igreja. Diante dos que calaram e dos que gritaram a morte de Edson Luís, o presidente general Arthur da Costa e Silva promulgou em dezembro de 1968 o Ato Institucional nº 5, que só seria revogado dez anos e 18 dias depois, tornando-se a principal marca ditatorial de um regime que esmagava as aspirações democráticas de muitos brasileiros.



Figura 1 Edição do *Jornal do Brasil* destacando a morte de Edson Luís e a repercussão pelo país com as greves dos estudantes. Nove meses depois, o general Costa e Silva baixava o Ato Institucional nº 5 (AI-5), escancarando a face ditatorial do regime iniciado em 1964, após a deposição de João Goulart. Fonte: *Jornal do Brasil*, 29 mar. 1968, p. 1.

As salas do Bloco F, que fazem parte do campus básico da Universidade Federal do Pará, sediado na capital do estado, abrigam nos dias de hoje as aulas das habilitações Jornalismo e Publicidade e Propaganda, do curso de Comunicação Social, fundado em 1976. Nos 40 anos de curso, completos em 2016, muitos embates foram travados entre os estudantes e a reitoria na tentativa de superar a dura fase de sucateamento que afligia a então recém-criada Faculdade de Comunicação. Os novos jornalistas e publicitários do Pará, além de enfrentarem uma formação marcada por grandes dificuldades, encontrariam um mercado de trabalho no qual a censura já havia se arvorado há alguns anos, cenário comum na imprensa brasileira naquele período.

César Moraes Leite não era estudante de Comunicação, mas no dia 10 de março de 1981 assistia na sala 2, do Bloco F, uma aula da disciplina Estudos dos Problemas Brasileiros. Aos 19 anos, durante a aula, César foi atingido por um tiro vindo do revólver do agente da Polícia Federal Dalvo Monteiro de Castro Júnior, infiltrado para vigiar os alunos e a professora. A arma disparou após ter caído. A ditadura que tentava controlar as atividades estudantis nas universidades brasileiras matava mais um estudante paraense. Os protestos que se deflagraram após a morte de César levaram ao fim as atividades da Assessoria de Segurança e Informação (ASI) que funcionava na UFPA (FERREIRA, 2015, p. 72). Somente 21 anos depois do golpe, com a consolidação da abertura política e o processo de redemocratização do Brasil, o país voltava a ter um presidente civil.

As mortes de Edson Luís e César Moraes, dois jovens paraenses vítimas da repressão, ocorreram em momentos distintos do regime militar. No primeiro caso, a ditadura se tornaria ainda mais repressiva. No segundo, o regime estava caminhando para o fim, apesar das tragédias que ainda eram registradas país afora. Nesse intervalo, o Pará esteve marcado por profundas transformações: de abrigo a movimento guerrilheiro, passando pelas mudanças que o “Brasil Grande” implicava à região, além da luta e resistência às consequências da ruptura democrática resultado do golpe de 1964, até um caso misterioso que foi capaz de contagiar, inclusive, os militares.

Idealizador e único editor do *Jornal Pessoal*,<sup>10</sup> o sociólogo e jornalista Lúcio Flávio Pinto foi um dos primeiros a driblar a censura e noticiar o movimento guerrilheiro que se instalara desde o final da década de 60, na microrregião conhecida como Bico do Papagaio, fronteira entre Pará, Maranhão e Goiás (hoje, Tocantins). A Guerrilha do Araguaia foi

---

<sup>10</sup> Criado em setembro de 1987, em Belém, o *Jornal Pessoal* é um jornal alternativo, publicado quinzenalmente, que discute questões voltadas para a região amazônica. É uma das experiências mais longevas da imprensa alternativa brasileira e sempre esteve sob a orientação de Lúcio Flávio Pinto, que intitula o periódico como “a agenda amazônica de um jornalismo de combate”.

derrotada em meados da década de 1970 pela ditadura e envolveu militantes do Partido Comunista do Brasil (PCdoB)<sup>11</sup> que se espalhavam ao longo dos municípios próximos ao Rio Araguaia, como Marabá, São Geraldo do Araguaia e Xambioá. Na época, Lúcio trabalhava no jornal *O Estado de São Paulo*, que contava com um censor dentro da redação. Ludibriado com a suposta informação de que uma mensagem do político e guerrilheiro Carlos Marighella<sup>12</sup> seria publicada entre os anúncios do jornal, o censor se dedicou a procurá-la entre as quase 240 páginas de anúncios classificados. Dos cadernos de notícia, leu apenas as manchetes e os parágrafos iniciais. A estratégia utilizada pelo jornalista era abordar no começo da matéria a ação do Exército, de forma elogiosa, e a partir do sétimo parágrafo falar sobre a guerrilha. A matéria foi publicada e o censor trocado (FERREIRA, 2015, p. 144). O país pode conhecer então, ainda que de maneira limitada, o projeto comunista instalado nas matas do Araguaia sob a inspiração das revoluções chinesa e cubana e as ações do governo para combatê-lo, travestidas de programas voltados para o desenvolvimento social na região.

Ainda hoje é um desafio compreender a complexidade que envolve a Guerrilha do Araguaia e mencionamos aqui nossa impotência diante de uma abordagem que não pode deixar de falar sobre as marcas e feridas tão pouco cicatrizadas que afligem uma pequena parte da população brasileira, distante dos grandes centros urbanos do país, mas que viveu momentos profundamente atribulados e dolorosos em nome de um projeto – no qual muitas pessoas não tinham relação direta – destruído pelas forças repressoras da ditadura. É difícil até explicar a indignação quando nos deparamos com o deboche e o total desrespeito em relação ao que representou e às consequências trazidas pela Guerrilha do Araguaia às pessoas envolvidas. Em maio de 2009, o deputado federal mais votado do Rio de Janeiro nas eleições de 2014, Jair Bolsonaro,<sup>13</sup> na época filiado ao Partido Progressista (PP), polemizou com setores da esquerda que lutavam pela abertura dos arquivos da ditadura e pela recuperação de restos mortais dos militantes da guerrilha. Em seu gabinete, foi pendurado um cartaz com a imagem de um cachorro mordendo um osso e a mensagem: “Desaparecidos do Araguaia,

---

<sup>11</sup> O Partido Comunista do Brasil (PCdoB) foi criado em 1962 e é originário do Partido Comunista Brasileiro (PCB), criado em 1922, ainda na República Velha. O PCdoB só foi legalizado após o fim do regime militar.

<sup>12</sup> Gaspari (2014b, p. 155) eleva o assassinato de Marighella, ocorrido em 1969, entre as mortes espetaculares da história do Brasil, como a de Getúlio Vargas, em 1954, e a de Tancredo Neves, em 1985, destacando a repercussão na sociedade e as teorias diversas que surgiram na tentativa de buscar explicações para o fato. Segundo o autor, o político e guerrilheiro baiano tinha uma mística de combatente audacioso e invisível, atraindo até a esquerda europeia como possível mito revolucionário da América Latina.

<sup>13</sup> Os 464 mil votos dados a Bolsonaro o transformaram no deputado federal mais votado no Rio de Janeiro. Militar de reserva, há mais de vinte anos no Congresso Nacional e uma das personalidades mais polêmicas da política brasileira, em 2015, o deputado deixou o Partido Progressista para filiar-se ao Partido Social Cristão (PSC), que deve lançá-lo como candidato a presidente da república nas eleições de 2018.



quem procura osso é cachorro”. Além disso, o deputado é autor de ações na justiça que buscam suspender as indenizações concedidas pelo Estado aos ex-presos políticos.<sup>14</sup>

Segundo dados apresentados na audiência pública “Mortos e Desaparecidos na Guerrilha do Araguaia”, realizada em Brasília no dia 12 agosto de 2015, dentro das atividades previstas pela Comissão Nacional da Verdade (CNV),<sup>15</sup> os primeiros combates no Araguaia ocorreram em abril de 1972. Ao todo, as Forças Armadas realizaram três campanhas militares e operações de inteligência na região, envolvendo aproximadamente 10 mil homens. Depois de terem feitos alguns prisioneiros em 1972, a ordem do comando militar passou a ser a de eliminar os envolvidos. O relatório final da CNV aponta que, das operações militares deflagradas na região, 70 pessoas estão entre mortos e desaparecidos, a maioria militantes do PCdoB, mas também camponeses que apoiaram e lutaram na guerrilha. Hugo Studart Corrêa (2014), em pesquisa sobre as memórias dos guerrilheiros do Araguaia, lista 31 nomes de camponeses mortos e dois desaparecidos durante os conflitos.

Nos embates envolvendo militantes, camponeses e agentes do Exército, Ismael Machado (2014, p. 127) também registra a atuação dos índios Suruí que serviram aos interesses da ditadura. Eles eram obrigados a caçar guerrilheiros, além de transportar e mutilar os corpos. Muitos não tinham noção do contexto em que estavam inseridos e agiram de maneira forçada durante os conflitos, especificamente entre os anos de 1972 e 1975. Outra informação que demonstra um sistema de repressão violento e cruel, num total desrespeito aos direitos humanos, trata-se do recorrente abuso sexual de índias pelos soldados, enquanto a fome atingia as mulheres, crianças e idosos da aldeia, praticamente sitiada diante das ações militares que os impediam de buscar os meios necessários para sobreviver nas terras próximas ao lugar onde viviam.

Assim como nas guerras de Canudos e do Contestado, ocorridas entre o final do século XIX e início do século XX, a prática da degola dos envolvidos nos conflitos também foi realizada na Guerrilha do Araguaia. Partindo de ordens militares, era uma forma de identificar os guerrilheiros, cortando-lhes a cabeça e as mãos. O historiador Romualdo Campos Filho

---

<sup>14</sup> Cf. **Cartaz contra desaparecidos irrita deputados**. *O Estado de São Paulo*, 28 mai. 2009. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,cardaz-contrad-desaparecidos-irrita-deputados,378159>> Acesso em 12 mar. 2016.

<sup>15</sup> O objetivo da Comissão Nacional da Verdade, criada pela Lei 12.528/2011 e instituída em 16 de maio de 2012, foi apurar as violações de direitos humanos ocorridas entre 18 set. 1964 e 5 out. 1988. O relatório final, apresentado no fim de 2014, possui cerca de 4.300 páginas divididas em três volumes. O relatório responsabilizou mais de 300 pessoas, entre militares, agentes do Estado e ex-presidentes da República, pela morte ou desaparecimento de 434 pessoas, das quais 191 foram assassinadas, 210 ainda estão desaparecidas e 33 consideradas desaparecidas tiveram seus corpos encontrados (CNV, 2014).

(2007) critica a visão de que os índios Suruí foram recrutados para mutilarem os corpos dos militantes. Segundo ele, os índios foram forçados a serem guias dos oficiais pelas matas onde se localizavam as bases de treinamento e a acusação é uma forma de ocultar os ritos de crueldade na repressão aos combatentes, responsabilidade dos militares.

Como aspecto geral do que ocorreu nessas pequenas cidades próximas ao Rio Araguaia, entre fins dos anos 60 e começo dos anos 70, Gaspari (2014b) fala sobre um choque de radicalismos ideológicos. E isso teve a capacidade de movimentar a política brasileira por quase uma década. Certamente, a guerrilha, diante de uma imprensa censurada e de um lugar de difícil acesso, foi capaz de despertar diferentes conjecturas que pudessem dar conta de compreender o que, de fato, atingia a Amazônia naquele momento. Para a política brasileira, de maneira geral, talvez os ecos da Guerrilha do Araguaia soassem apenas por mais uma década, mas para aquela região e, muito mais, para os sobreviventes e familiares que nunca puderam enterrar seus mortos, as vozes das memórias ainda ensurdecem até os dias de hoje os ouvidos dos que batalham na longa e difícil retomada da vida após tamanha experiência traumática.

O que se deu no Araguaia foi o paroxismo do choque dos radicalismos ideológicos que, com seus medos e fantasias, influenciaram a vida política brasileira por quase uma década. A esquerda armada supusera que estava no caminho da revolução socialista, e a ditadura militar acreditara que havia uma revolução socialista a caminho. Daí em diante, um pedaço da esquerda mostrara-se disposto ao combate a que julgava ter faltado em 1964. Ela se aprisionara numa tática de choques urbanos deliberadamente isolacionista e fora esmigalhada pela violência do Estado. [...] (GASPARI, 2014b, p. 414).

As forças militar e policial deslocadas para a Amazônia e que massacraram os guerrilheiros foram determinantes num processo de repressão que atinge trabalhadores rurais da região e de outras localidades até os dias atuais. A violência passou a ser mobilizada pelos proprietários de terra, como destacam Schwarcz e Starling (2015). As pesquisadoras ainda mencionam o Pará como um estado que sofreu as consequências da repressão durante o regime militar e que, ainda após a redemocratização, se tornaria um epicentro de conflitos fundiários no Brasil. Em linhas gerais, são registrados dois momentos marcantes que dizem respeito aos numerosos assassinatos durante a ditadura, decorrentes da repressão a movimentos de trabalhadores rurais no país:

[...] a repressão ao movimento de trabalhadores rurais mostrou-se desigual ao longo do período histórico da ditadura, formando duas curvas ascendentes: a primeira, nos anos imediatamente anteriores e posteriores ao golpe de 1964, e a segunda, iniciada a partir de 1975, atingindo seu pico na primeira metade da década de 1980 – foram registrados por volta de 1100 assassinatos. Estes ocorreram, em sua maior parte, em conflitos de terra e tiveram como protagonistas jagunços, capangas e milícias paramilitares constituídas por proprietários rurais – foram crimes cometidos por

grupos de extermínio privados, embora tenham contado com o beneplácito ou com a omissão do Estado brasileiro. Boa parcela desses crimes permanece sem identificação ou sem que a investigação sobre suas circunstâncias tenha obtido informações conclusivas (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 462-3).

Seguindo nessa caminhada de entender a Amazônia brasileira, especialmente o Pará, na década de 70, optamos por enfatizar até agora esse embate ocorrido nas matas próximas ao Bico do Papagaio, por conta da expressividade simbólica que o movimento possui na região e também sua importância histórica para o país. Ainda assim, os passos aqui dados não são largos o suficiente, o que, inevitavelmente, nos faz deixar de mencionar outros fatos tão relevantes para o período definido, apesar de se reconhecer a importância de vários movimentos criados na capital e no interior paraense que resistiram aos anos da ditadura.<sup>16</sup>

As marcas desse período de conflitos e transformações são profundas na região e carregam consigo o discurso da preservação da legalidade em nome de um desenvolvimento socioeconômico que oculta resultados desastrosos de uma política intervencionista e sangrenta. A miséria do povo e a falta de oportunidades é o preço que ainda se paga em nome de um bem-estar nacional que despreza o bem-estar local. Milton Nascimento abriu nossa discussão que se encerra, momentaneamente, com Caetano Veloso. Em 2012, o baiano gravou a música *O Império da Lei*, apresentada pelo país durante a turnê *Abraço*. Naquele mesmo ano, o show foi apresentado numa antiga agremiação portuguesa que existe em Belém desde 1868. O verso “O Império da Lei há de chegar no coração do Pará”<sup>17</sup>, cantado por Caetano, é um velho clamor de uma população que há muito luta para manter firme, apesar de imensas dificuldades, sua equilibrista esperança de que dias mais justos ainda chegarão.

## 1.2. O “desenvolvimento” que atropela a floresta e as luzes que invadem o céu

As irmãs da Congregação de Notre Dame vivem, em Belém, numa pequena casa localizada no bairro do Guamá, periferia da cidade. Criada no começo do século XIX, na França, a congregação – vinculada à Igreja Católica – reúne mulheres que se dedicam ao trabalho com os mais pobres em vários lugares do mundo. Em 2005, poucas vezes se viu um domingo tão agitado nas ruas próximas a Igreja de Santa Maria Goretti, uma das principais

<sup>16</sup> Ismael Machado (2015, p. 20) considera emblemática a resistência de movimentos populares e de trabalhadores no Pará ao longo da repressão estabelecida pela ditadura. Ele destaca que várias lideranças da sociedade civil surgiram no estado, contribuindo com a organização do combate ao regime em todo país, ainda que compartilhassem um cenário de dificuldade de comunicação e transporte, além da vigilância dos militares.

<sup>17</sup> VELOSO, Caetano. *O Império da Lei*. In: VELOSO, Caetano. *Abraço*. São Paulo: Universal, 2012. 1 CD. Faixa 4.

paróquias do bairro, como naquela noite de fevereiro. As calçadas irregulares logo foram tomadas por carros, inclusive os da imprensa, e dezenas de pessoas rumavam para a igreja. Próximo ao altar, na área central da paróquia, um caixão simples fora posicionado e as pessoas ao redor prestavam homenagens por meio de cantos e orações e, vez por outra, soltavam gritos indignados. As irmãs de Notre Dame choravam a morte daquela que se tornaria uma das missionárias mais famosas do país.

Uma freira norte-americana chegou ao Brasil em 1967 para trabalhar com populações carentes da Amazônia. Dorothy Mae Stang foi uma das grandes responsáveis pela implantação do Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS), um assentamento rural voltado para o manejo florestal comunitário, criado em 2002. O PDS Esperança, como ficou conhecido o primeiro lote de terras, está localizado a cerca de 60 quilômetros da cidade de Anapu,<sup>18</sup> numa região de intensos conflitos agrários. A lei estadual que criou o município data de dezembro de 1995, mas os primeiros núcleos de povoação, que mais tarde se transformariam na cidade, vieram com a construção de um dos trechos da rodovia Transamazônica (BR-230) ainda no regime militar. Em 12 de fevereiro de 2005, sete tiros disparados à queima-roupa por um pistoleiro mataram Dorothy.<sup>19</sup> Aos 73 anos, a missionária que se empenhou no assentamento de famílias em terras da União e se tornou desafeto entre os latifundiários que reclamavam a propriedade da área, entrou para a numerosa lista de vítimas de conflitos no campo.<sup>20</sup> Os cinco envolvidos no assassinato da freira foram condenados.<sup>21</sup>

---

<sup>18</sup> Localizada no sudoeste do Pará, aproximadamente 370 quilômetros distanciam Anapu de Belém. Segundo o IBGE (2008), a base econômica do município está alicerçada nas indústrias madeireiras e na agropecuária. Cerca de 20 mil pessoas vivem na cidade, legalmente reconhecida apenas em 1995.

<sup>19</sup> Cf. JUNGE, Daniel. **Mataram Irmã Dorothy** (They killed Sister Dorothy). EUA: Moviemobz, 2008. DVD. 94 min.

<sup>20</sup> A Comissão Pastoral da Terra (CPT) registrou, em 2005, o assassinato de 38 pessoas em conflitos no campo pelo país. Só no Pará, foram 16 mortos. A publicação da CPT, naquele ano, elevou o estado à condição de centro da violência no Brasil, já que 42% das mortes do país em conflitos de terra ocorreram no Pará, entre elas, a de Dorothy. Além disso, 34% dos ameaçados de morte e 29% das tentativas de assassinatos no campo também ocorreram no estado. A triste realidade se estende para a Amazônia Legal, que, entre os assassinatos registrados de 2000 a 2005 no Brasil, 63% foram na região, ou seja, 154 pessoas foram mortas na Amazônia dos 243 assassinados no país. Cf. COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **Conflitos no Campo Brasil 2005**. Goiânia: CPT Nacional Brasil, 2006.

<sup>21</sup> Os fazendeiros Vitalmiro Bastos de Moura e Regivaldo Pereira Galvão foram acusados de serem os mandantes do crime. Ambos foram condenados a 30 anos de prisão. Amair da Cunha foi condenado a 18 anos por ter contratado os pistoleiros Rayfran das Neves Sales e Clodoaldo Carlos Batista. Condenado a 28 anos, Rayfran foi quem efetuou os disparos contra a freira. Clodoaldo teve a sentença fechada em 17 anos de prisão. Dos cinco envolvidos, todos estão presos com a exceção de Regivaldo, que recorre da sentença em liberdade. As informações são do Tribunal de Justiça do Estado do Pará (TJPA). Cf. **Assassinato da missionária Dorothy Stang completa 11 anos**. *GI Pará*, 12 fev. 2016. Disponível em:

Quando o então ministro da Fazenda Delfim Netto atribuiu ao Plano de Integração Nacional (PIN) a missão de conquistar um país dentro do Brasil, a tomada da região amazônica passou a ser uma questão de Estado. Durante o governo do presidente militar Emílio Garrastazu Médici, o maior empreendimento rodoviário brasileiro começou a ser construído. Para o governo, a descoberta de uma nova nação. Para os que seriam atingidos pelas obras, sentimentos que divergiam entre a euforia, a descrença e a esperança. Os 5.296 quilômetros da rodovia Transamazônica, de acordo com o projeto original, garantiria a soberania brasileira nas fronteiras, além de possibilitar a realização de um plano de colonização baseado na agricultura de subsistência, voltado para pelo menos cinco milhões de nordestinos que seriam assentados à margem da estrada: “Terra sem homens para homens sem terra” era o slogan que impulsionava os que iam tentar a sorte na região (MORAIS et al, 1970). A propaganda também falava numa terra fértil de leite e mel, onde escola e posto de saúde eram garantidos. Tudo sob o olhar de que a região tratava-se de um grande vazio demográfico que tinha a urgência de ser ocupado para evitar o risco de nações estrangeiras tomarem-na, como recorda Ismael Machado (2014, p. 53). A Amazônia, mais uma vez, seria uma alternativa para os flagelados do Nordeste, vítimas da seca e da miséria, como no final do século XIX, quando a exploração da borracha era a principal força econômica da região.<sup>22</sup>

O governo inspirava a propaganda oficial nas conquistas do “milagre econômico”,<sup>23</sup> que teve seu auge entre 1970 e 1972. Schwarcz e Starling (2015, p. 453-4) atribuem ao êxito da economia brasileira na época, a popularidade do general Médici, ainda que tenha sido responsável pelo mais intenso período de repressão e violência política do país. Desde 1969, a Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP) trabalhava em uma campanha de propaganda política baseada em ideais como orgulho, otimismo, grandeza e harmonia nacional, além da diversidade e da integração racial brasileira. Não à toa, propalava-se que, do

---

<<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2016/02/assassinato-da-missionaria-dorothy-stang-completa-11-anos.html>>  
Acesso em 8 abr. 2016.

<sup>22</sup> João de Jesus Paes Loureiro (2000, p. 27) aponta que, durante o auge do ciclo da borracha, entre 1870 e 1912, cerca de meio milhão de nordestinos embarcaram para a Amazônia. Muitos retornariam depois da crise, mas outros continuaram e se integraram à região. Ele destaca ainda que, após a decadência do ciclo da borracha, a castanha-do-pará passou a ser explorada, principalmente para abastecer mercados europeus, numa produção econômica baseada no extrativismo florestal até meados do século XX. Moraes (2003, p. 55) afirma que a euforia do começo da construção da rodovia Transamazônica atraiu, entre 1970 e 1973, cerca de quatro mil colonos e suas famílias, o que representava 60% dos colonos fixados ao longo da estrada até meados dos anos 70.

<sup>23</sup> Gaspari (2014, p. 416) ressalta o caráter entusiástico e megalomaniaco, consequência do milagre econômico, que levou a construção da rodovia: “A floresta tropical ganhara uma das joias da Coroa do ‘Brasil Grande’. Era a rodovia Transamazônica, cuja abertura fora decidida por Médici nos primeiros meses de seu governo. Ela ligaria a cidade maranhense de Imperatriz a Rio Branco, capital do Acre. As obras estavam na metade do caminho, e a estrada já passava por Marabá, o maior povoado da região. O fim do mundo ficara mais perto [...]”

mundo, apenas duas obras poderiam ser vistas da lua: a Muralha da China e a Transamazônica.

Vale ressaltar que, nesse contexto, a discussão em torno da preservação ambiental no planeta ainda era incipiente. Somente em 1987, por meio do documento “Nosso Futuro”, a Organização das Nações Unidas (ONU) propôs um conceito de sustentabilidade, fundamentado em um “desenvolvimento que satisfaz às necessidades do presente, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem suas próprias necessidades” (MOTA, 2001). A densidade da mata era o principal obstáculo à construção da rodovia e necessitava ser superado.



**Figura 2** Placa que marca o início da construção da rodovia Transamazônica: a obra que conquistaria o “gigantesco mundo verde” do Brasil. Como os integrantes da Caravana Rolidei, na ficção, milhares de pessoas rumaram para Amazônia iludidos pela propaganda de terra de oportunidades. Até hoje, a intervenção militar na região por meio de grandes projetos tem grande responsabilidade no desmatamento e nos conflitos agrários que assolam a região. Fonte: Acervo Folha, disponível em: <<http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/7568-transamazonica#foto-146727>>.

O “desenvolvimento” então atropelou a floresta, resultado de um projeto deficiente na análise de custos e rico em apelos patrióticos: a produtividade econômica perdia importância diante de seu valor simbólico (MORAIS et al, 1970, p. 111). No entanto, os problemas que envolveram a construção da rodovia Transamazônica não se resumem apenas às perdas econômicas. O projeto, que daria uma robusta contribuição ao processo de rompimento do isolamento da Amazônia iniciado com a inauguração da rodovia Belém-Brasília em 1961, marcou o início de uma fase de intensa migração de camadas pobres de outras regiões, sobretudo camponeses expulsos de suas terras por conta da modernização da agricultura nacional (LOUREIRO, 2000, p. 29). Machado (2014) é categórico ao afirmar que a União praticamente incentivou os conflitos que afligiram a região por muitos anos e que ocorrem até os dias de hoje:

Grandes projetos foram traçados, ignorando características e populações locais. Ausente, a União praticamente incentivou o início dos conflitos. O caldeirão ferveu até chegar ao ponto máximo de ebulição nos anos 80, em pleno final da ditadura militar. A prática da pistolagem se tornou comum e centenas de lideranças rurais foram assassinadas dessa forma. O Pará ganharia a incômoda alcunha de ‘terra sem lei’ (MACHADO, 2014, p. 131).

Dentro desse caldeirão que se tornou o estado do Pará com essa política intervencionista, é necessário incluir que houve uma potencialização da exploração dos recursos naturais da Amazônia, a partir da aplicação desse projeto de colonização cheio de falhas, que dependia do corte e da queimada da floresta para a formação de pastagens como principal meio de sobrevivência. Sant’Anna e Young (2000) apontam que há uma interdependência entre o desmatamento e os conflitos por terra na região. Lúcio Flávio Pinto (2000) também compartilha da visão e associa a violência na região com as ações da segunda etapa do Plano de Desenvolvimento da Amazônia, realizado pelo regime militar entre 1975 e 1979. Diante de um modelo econômico preocupado em atender as necessidades exteriores à região e marcado pelo desconhecimento da história e da geografia amazônicas, gerou-se um desenvolvimento desequilibrado caracterizado por conflitos e pela violência por conta da relação desproporcional entre os personagens que fazem parte do processo. As mesmas forças, ligadas aos respectivos potentados locais, que foram capazes de matar o seringueiro e ambientalista Chico Mendes<sup>24</sup> em 1988, no Acre, mataram Dorothy Stang em 2005, no Pará.

O destaque dado à década de 1970 é necessário para que tenhamos a noção do intenso processo de alterações pelo qual passou a Amazônia nesse período ditatorial. João de Jesus

---

<sup>24</sup> Nascido no Acre em 1944, Francisco Alves Mendes Filho foi um seringueiro, ambientalista e sindicalista reconhecido internacionalmente pela resistência à degradação ambiental da região amazônica. Em dezembro de 1988 foi assassinado na porta de casa em Xapuri (AC).

Paes Loureiro (2000) enumera uma série de ações que resultaram em mudanças significativas para as pessoas que habitavam a região e para os que se deslocaram para nela tentarem sobreviver. Os erros transformaram a região para sempre e, como já mencionamos, provocaram consequências fatais perceptíveis até a atualidade. O lamento ainda é mais doloroso quando se percebe que a noção de vazio demográfico e de inesgotável fonte de riquezas para o mundo persiste e faz com que novas políticas intervencionistas se desenvolvam na região, repetindo um ciclo que a história já mostrou o quanto é penoso, principalmente para os brasileiros habitantes da floresta, que segue sendo desejada, que segue sendo destruída.<sup>25</sup>

[...] os equívocos das políticas públicas para a região, decididas fora do concurso de seus líderes e das populações regionais; o conceito equivocado de “terra vazia”, despovoando ideologicamente a região, por ignorar a presença dos habitantes da floresta; o desumanismo de uma atônita política de migração inter-regional e interna, no primeiro caso motivando conflitos no campo e, no segundo, transferindo a crise para a cidade; a problemática vinda de trabalhadores de outras regiões, sem adaptação cultural e sem reais oportunidades e garantias de trabalho; a implantação conflituosa de grandes projetos agropecuários, hidrelétricos e de mineração, visto que suprimem as formas de vida e trabalho anteriores e expulsam os habitantes das terras que secularmente ocuparam [...] (LOUREIRO, 2000, p. 103-4).

Quando o governo militar anunciou em 1974 a conclusão das obras da BR-230, o megaprojeto era celebrado como a “maior ousadia da engenharia humana”, em que milhares de operários estiveram envolvidos na construção de aproximadamente 4.200 quilômetros de estrada, que corta sete estados brasileiros – Paraíba, Ceará, Piauí, Maranhão, Tocantins, Pará e Amazonas. Uma história de grandes desafios que foram enfrentados em nome da integração nacional, apesar de muitos considerarem a Transamazônica “uma ligação entre a miséria seca do Nordeste e a miséria úmida da Amazônia”, levando-os a rebatizarem-na como Transmiseriana (MORAIS et al, 1970, p. 101).

O tráfego pela rodovia possui muitos pontos críticos atualmente. Estima-se que menos da metade da estrada esteja pavimentada, o que dificulta a vida dos motoristas e da população local, sobretudo durante o inverno amazônico, momento de intensificação das chuvas e,

---

<sup>25</sup> Em maio de 2016, a então presidente Dilma Rousseff inaugurou a primeira turbina da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, a maior obra do país, construída na bacia do Rio Xingu, em Altamira (PA), e o exemplo mais recente da noção que se tem da Amazônia como desafio e lugar de grandes projetos, apesar dos primeiros estudos sobre a área terem sido feitos ainda no regime militar. Até 2014, aproximadamente 34 mil trabalhadores foram contratados para o empreendimento, que está sob a responsabilidade da Concessionária Norte Energia. Pelo menos 30 mil pessoas tiveram que ser transferidas por conta das áreas alagadas para a construção das barragens e, até 2015, estima-se que quase 1.800 quilômetros quadrados de floresta foram derrubados. Moradores de Altamira destacam que, com a proximidade do fim das obras, a economia local sofre um arrefecimento, houve um aumento nos índices de criminalidade e as principais obras de infraestrutura da cidade estão paradas. Cf. **Altamira enfrenta a ressaca de Belo Monte**. *O Estado de S. Paulo*, 02 abr. 2016. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral.altamira-enfrenta-a-ressaca-de-belo-monte,10000024436>>. Acesso em 8 abr. 2016.



consequentemente, dos atoleiros – nos meses de verão, o problema é a poeira. Sobre o plano de transferir milhões de nordestinos para assentamentos ao longo da estrada, houve muita frustração num cenário que não apresentava condições básicas para sobrevivência. A terra da fartura transformava-se em terra da amargura, o que fez a BR-230 receber outro nome, entre os vários que já possui: rodovia Transamargura. O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) não teve condições de garantir moradia para a maior parte dos colonos que migrou para a região, obrigando-os a viver em barracos improvisados em condições insalubres.<sup>26</sup> No sudeste do Pará, houve um caso em que uma antiga reserva da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), delimitada antes da abertura da estrada, foi incluída pelo INCRA entre as terras que seriam distribuídas para os colonos. Após a ameaça dos índios de expulsarem os colonos, uma nova área foi delimitada fora do perímetro da reserva para evitar o conflito (MORAIS, 2003, p. 50-1).

A questão indígena não pode ser negligenciada nestas linhas que se propõem a falar sobre o custoso desenvolvimento que assolou a região amazônica durante o regime militar, principalmente nos anos 70. A FUNAI, antes do início das obras, alertava para a grande ameaça que a construção da rodovia levaria às populações tradicionais que habitavam as matas por onde a estrada passaria. Mais de 20 mil índios corriam o risco de morrer no começo dos trabalhos ou logo depois, vítimas de doenças trazidas pelas pessoas envolvidas no projeto. Quando Fernando Morais (2003, p. 46) viaja pela estrada logo depois de sua inauguração, em 1974, afirma que muitos índios estavam confinados em suas reservas e os índices de doenças tinham aumentado, sem falar no risco da desagregação da unidade tribal. Em cidades como Marabá (PA), houve o agravamento de problemas como a exploração sexual e a alta de preços no mercado imobiliário.

O isolamento atribuído à região amazônica e motivo de severas intervenções políticas destinadas à integração do país fez com que as populações locais atribuíssem novas funções aos meios de transporte da época. Em meio à precariedade e à luta pela sobrevivência nos pobres rincões brasileiros, tendo o Norte e o Nordeste cidades sem qualquer condição mínima de infraestrutura, as pessoas contavam com os caminhões para o transporte, obviamente, mas também como veículos de informação. Aonde a estrada chegava, especialmente no sertão nordestino, os motoristas de caminhão partilhavam as notícias do restante do Brasil e do mundo. Os resultados de jogos de futebol de grandes times do sul só eram sabidos pelos

---

<sup>26</sup> Em 1974, havia cerca de seis mil colonos assentados ao longo da estrada, totalizando uma população de 42 mil pessoas. Na época, somente 900 famílias tinham recebido casa do INCRA. A grande maioria teve que viver em condições precárias ficando exposta a doenças como malária e febre amarela (MORAIS, 2003, p. 59).

torcedores do interior quando um caminhão por lá passava. Curiosa também era a relação com os aviões, neste caso, para a população amazônica que perdia seu principal meio de transporte com a impossibilidade de navegar pelos rios diante da seca. As aeronaves levavam de alimentos a crianças subnutridas:

Cada vez que tomávamos um avião da Força Aérea Brasileira, encontrávamos sempre um ou dois doentes a caminho do tratamento nas capitais. Mesmo no inverno, quando as chuvas dificultam ou impossibilitam o pouso e a decolagem, os aviões Catalina e C-47 da FAB recolhem e transportam doentes em estado grave. As empresas aéreas particulares, principalmente a Cruzeiro do Sul, também colaboram, e nenhum avião deixa de tentar o pouso quando há um chamado urgente. Em 1969, 17 mil pessoas foram transportadas nos 54 voos de *Missão de Misericórdia* da FAB (MMI) – atendimento obrigatório e imediato dos casos de emergência (MORAIS et al, 1970, p. 73, grifos do autor).

A comunicação entre os pilotos da FAB ou de companhias privadas de aviação e as pessoas das cidades isoladas se dava por meio do hasteamento de bandeiras, que indicava a gravidade da situação em caso de problemas de saúde. A bandeira vermelha era sinal de que alguém estaria morrendo e a ajuda era mais que urgente, já que a cidade, com certeza, não dispunha de condições para tratar os enfermos, principalmente num cenário que possibilitava a proliferação de doenças como malária, febre amarela, tuberculose e tifo, por exemplo.

Longe dali e alguns anos mais tarde, moradores assustados aprenderiam a conviver com a presença de militares numa cidade mantida à distância da expansão do capital e da mão intervencionista do regime, apesar de estar localizada a poucas horas de Belém. Os alimentos ainda chegavam das cidades vizinhas pela estrada em condições precárias – semelhante a muitos trechos da Transamazônica – e também saíam dos rios que banham o município. Apesar da simplicidade e da reduzida oferta de serviços para uma pequena população de uma cidade reconhecida legalmente no começo dos anos 60, os aviões da FAB não chegaram a ser utilizados para transportar doentes, como faziam em lugares mais isolados da Amazônia. A preocupação não era a febre amarela, muito menos a malária que, aliás, os de lá aprenderam a conviver diante da lida na mata e nos rios à procura do sustento familiar e expostos aos riscos que o trabalho proporcionava. Mas se os meios para conseguir comida estavam preservados, se os cidadãos doentes corriam para municípios vizinhos que dispunham de melhores recursos e as consequências das grandes transformações na região amazônica no início de 1970 não alteraram a vida dessas pessoas, o que fez chegar àquelas terras, julgadas sempre esquecidas, a inusitada presença de militares? O inexplicável e o pavor vinham do alto. Os militares envolvidos em tantos episódios de repressão com consequências fatais teriam que lidar com um caso de natureza completamente diferente das situações comuns à época, um dos grandes mistérios da Amazônia: o fenômeno *Chupa-Chupa*. As luzes invadiram o céu do Brasil.

### 1.3. A Ilha de Colares e a Operação Prato: o inexplicável vira alvo dos militares

Centenas de pessoas tomam as ruas de paralelepípedo da Ilha de Colares<sup>27</sup> durante o carnaval e as férias de julho, principalmente depois que a administração pública buscou desenvolver ações de turismo ufológico na cidade diante da repercussão na imprensa nacional do fenômeno que atingiu o lugar quatro décadas atrás. Apesar das atividades que partem da prefeitura não serem tão notórias e efetivas, a população se apropriou dos visitantes misteriosos que tomaram conta dos céus da cidade nos anos 70 e os transformou em símbolo do município e do popular Bloco do ET, criado em 2005. Os seres verdinhos estão nas fachadas de algumas casas, enquanto pequenas naves espaciais decoram outras. Os foliões tornaram-se “ufoliões” e o samba exalta a capacidade do lugar de atrair seres intergalácticos e o risco de, numa das esquinas dessa Saramandaia<sup>28</sup> amazônica, um transeunte desatento ser abduzido.

Eu quero ver você mexer  
 Você pular no Bloco do ET  
 Vem pra Colares, vem pra folia  
 Que o Chupa-Chupa tá solto na Ilha  
 E vai abduzir você.<sup>29</sup>

Guitarrista e percussionista, Félix Robatto criou em 2004 a banda *La Pupuña*, que misturava a guitarrada com as influências do *surf music* e *psicodelia*. A banda fez shows principalmente em festivais de música independente pelo Brasil e também nos Estados Unidos e na Europa. Em 2010, o *La Pupuña* terminou, mas um ano antes produziu o *Disco Avuadô*, um trabalho conceitual que fala sobre a investigação militar na área. Félix Robatto destaca que sempre desejou que a guitarrada contasse algo e ficou surpreso ao se deparar com a história do *Chupa-Chupa*: “A gente achou muita coisa sobre essa história, coisas realmente

---

<sup>27</sup> Criado em 1827 como distrito de Nossa Senhora do Rosário de Colares, a Ilha foi elevada a categoria de município apenas em 1961, por ato do ex-governador do Pará Aurélio Corrêa do Carmo. Segundo o IBGE (2010), aproximadamente 11 mil pessoas vivem na cidade que tem como base econômica o extrativismo animal e vegetal, destacando-se a pesca.

<sup>28</sup> Referência à telenovela escrita por Dias Gomes e exibida em 1976, pela TV Globo. Ambientada em Pernambuco, a cidade de Bole-Bole, que mais tarde se tornaria Saramandaia, era repleta de seres misteriosos, como o lobisomem-professor Aristóbulo Camargo, Dona Redonda, sempre ávida por comida, e João Gibão, que escondia nas costas suas asas. Em 2013, a mesma emissora exibiu um remake da telenovela na faixa das 23h. Curiosamente, um ano depois de exibida a primeira versão de *Saramandaia*, Colares e outras cidades da região viveriam sob as noites aflitas assombradas pelo *Chupa-Chupa*.

<sup>29</sup> Trecho do samba composto por Nelson Bittencourt, um dos criadores do Bloco do ET.

surpreendentes! Na net tem quase tudo sobre isso. [...] O que achamos mais interessante é como o povo assumiu e incluiu esse acontecido na cultura popular de Colares.”<sup>30</sup>



**Figura 3** Desfile do Bloco do ET no Carnaval de Colares, em 2007. Com a retomada do interesse pelo fenômeno *Chupa-Chupa*, a cidade passou a abraçar a temática ufológica, realizando ações, como decorar as fachadas de comércios com os pequenos seres verdes de grandes olhos puxados. Colares torna-se a capital ufológica da Amazônia. Fonte: Tarso Sarraf / *Jornal O Liberal*.

Nos dias de hoje, é curioso perceber como a população de Colares lida com o momento mais importante de sua história, ou, pelo menos, o episódio que fez a cidade ser conhecida, principalmente entre fãs, pesquisadores e simpatizantes da Ufologia. O *Chupa-Chupa* pode servir de inspiração para bloco de carnaval, da mesma forma que também é utilizado para tematizar lugares importantes da cidade, ou, ainda, fazer parte de um trabalho científico. Só é necessário que tenhamos o cuidado para não atribuir ao episódio um aspecto bizarro ou que beire o deboche porque, para aqueles que vivenciaram o ano de 1977 nessa ilha, as experiências que contam com diferentes explicações foram impactantes e marcaram definitivamente as suas vidas. Quando nos propusemos a abordar uma história de um Brasil desconhecido por muitos, mergulhamos também na missão de desconstruir o nosso olhar

<sup>30</sup> Entrevista disponível em: <<http://rockpara.blogspot.com.br/2009/07/1a-pupuna-e-o-chupa-chupa.html>> Acesso em 29 jul. 2015.

citadino<sup>31</sup> que, de alguma maneira, possa orientar as reflexões aqui propostas subjugando nosso objeto a interpretações preconceituosas. Nosso objetivo caminha na direção contrária e torcemos para que aqueles que nunca ouviram falar em Colares, muito menos no *Chupa-Chupa*, e que agora os encontrem nesse texto possam compartilhar dessa viagem a um realismo fantástico fora das ficções literárias e televisionadas, mas dentro do universo amazônico.

Apenas 100 quilômetros separam Belém da Ilha de Colares. A distância parece pequena, mas comparando-se as duas cidades é inegável afirmar que existem distâncias muito maiores entre ambas. Não apenas por se tratar de uma capital e outra cidade de porte muito menor, mas por perceber que a região em que estão inseridas está imersa numa heterogeneidade capaz de abrigar uma Belém com problemas comuns às grandes metrópoles, e uma Colares que ainda busca encontrar seu lugar em meio a simplicidade e a escassez de oportunidades.<sup>32</sup> Em plena ditadura militar, também é notório o abismo que se abriu entre muitas cidades amazônicas, marcadas pelas consequências do plano de desenvolvimento da região, pela colonização desordenada e pelos conflitos travados entre os que lutavam ao lado de um projeto contrário ao regime e os seus defensores. Colares estava distante de tudo isso. A construção da Transamazônica passava bem longe de lá. Os focos guerrilheiros também. Ainda assim, a população da Ilha teve de conviver com a presença de militares envolvidos numa missão que buscava desvendar o inexplicável, motivo de pavor e desespero daqueles moradores.

O medo que os atingira era tamanho que fez com que novos hábitos fossem desenvolvidos. Com economia baseada, sobretudo, na pesca artesanal até hoje, os homens na época evitavam a ida aos rios para pescar, prática realizada geralmente bem antes do amanhecer, porque se acreditava que o risco de ser atingido pelas luzes misteriosas que

---

<sup>31</sup> Lembremos Raymond Williams (2011, p. 11) que fala de atitudes emocionais criadas em torno do campo e da cidade. “Em torno das comunidades existentes, historicamente bastante variadas, cristalizaram-se e generalizaram-se atitudes emocionais poderosas. O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação. O contraste entre campo e cidade, enquanto formas de vida fundamentais, remonta à Antiguidade clássica”.

<sup>32</sup> Cabe aqui trazer o destaque dado por Steinbrenner (2009) aos diferentes cenários que compõem a região amazônica, evitando assim a naturalização da construção da imagem da Amazônia fundamentada apenas na centralidade ambiental e no exotismo. As populações urbanas tornam-se os “grandes fantasmas” em meio a essa noção de vazio demográfico. “Não é de hoje que a imagem da Amazônia é pautada pela temática ambiental. Desde os relatos de viajantes a partir do séc. XVI, [...] até os discursos recentes, presentes na mídia, a representação do espaço amazônico é cunhada pela noção de exotismo, revertido recorrentemente em estranhamento ou encantamento diante da ‘terra incógnita’ [...] sejam eles lusitanos no passado distante; nacionais, a partir das políticas desenvolvimentistas dos anos 70 ou globais, diante das noções de biodiversidade e sustentabilidade planetária, na atualidade.” (STEINBRENNER, 2009, p. 19).

riscavam os céus da cidade era muito maior durante a noite. Da mesma forma, as lavouras foram se esvaziando porque as caminhadas solitárias em meio ao campo eram motivos de preocupação. As crianças não escapavam do temor e eram proibidas de brincar nas ruas ou nos quintais. A aflição era geral e os moradores buscavam as armas que tinham para lidar com aquilo. Giese (1991) descreve as noites intranquilas no interior do Pará que passaram a contar com a presença de luzes apocalípticas, na interpretação de alguns:

[...] As crianças brincavam satisfeitas nas ruas e muitas famílias, na porta de suas casas, trocavam impressões da vida. A noite correria normalmente, não fosse “aquelas” longínquas luzes a se movimentar de um lado para outro, como dançando no firmamento e atraindo a atenção de todos. Não eram luzes comuns, muito menos de aviões; voavam com extrema agilidade, como sem rumo, mudando constantemente de cor. Não era possível definir formas muito menos detectar sons; eram silenciosas. “Isso é coisa de final dos tempos”, opinavam algumas pessoas mais religiosas. As crianças se exaltavam com a fantástica visão. Assim como surgiram, misteriosamente, desapareceram. Após rápidos comentários a maioria recolheu-se aos lares, pois a manhã seguinte prometia mais afazeres (GIESE, 1991, p. 13).

O autor se refere a uma noite no município de Viseu, localizado no nordeste paraense, o que torna obrigatório mencionar que o fenômeno não atingiu apenas Colares, mas vários municípios do Pará, inclusive Belém. Desde julho de 1977 os jornais maranhenses noticiavam a presença de objetos luminosos que emitiam raios e tinham a capacidade de extrair sangue. Relata-se que as cidades paraenses atingidas tenham vivenciado fortemente as experiências somente entre os meses de outubro e dezembro daquele ano. O fenômeno, portanto, começou na zona litorânea do Maranhão.<sup>33</sup> Mas por que o destaque a Colares? Não alargamos nossa análise para outras localidades além da ilha porque não identificamos outro lugar que tenha se apropriado da maneira como Colares o fez em relação a essa história, principalmente por contar com as testemunhas mais famosas do caso e, ainda, por ter sido uma das principais cidades afetadas pela operação militar realizada. A riqueza simbólica desse fenômeno para esse lugar não tem como ser desconsiderada. Ousamos, inclusive, considerar a cidade como a capital ufológica da Amazônia.

Ao abordar, no final do século XIX, a invasão dos marcianos ao planeta Terra, destruindo a cidade de Londres e outros lugares da Inglaterra, o escritor britânico H. G. Wells produziu um dos grandes clássicos da ficção-científica na literatura mundial, *A Guerra dos Mundos*. Raios destruidores, cilindros assassinos e alienígenas ferozes dão o tom horripilante para as vítimas que tiveram sua realidade completamente alterada a partir de então. Quando

<sup>33</sup> Rafael Antunes Almeida (2015, p. 255) aponta, a partir de um relatório não oficial, que a operação militar da Aeronáutica atingiu os estados do Pará e do Maranhão. Segundo o documento, “lê-se que luzes vindas do céu, variando em formato e espectro de cores, atingiam os corpos dos moradores, deixando-os em estado de torpor e paralisia”.

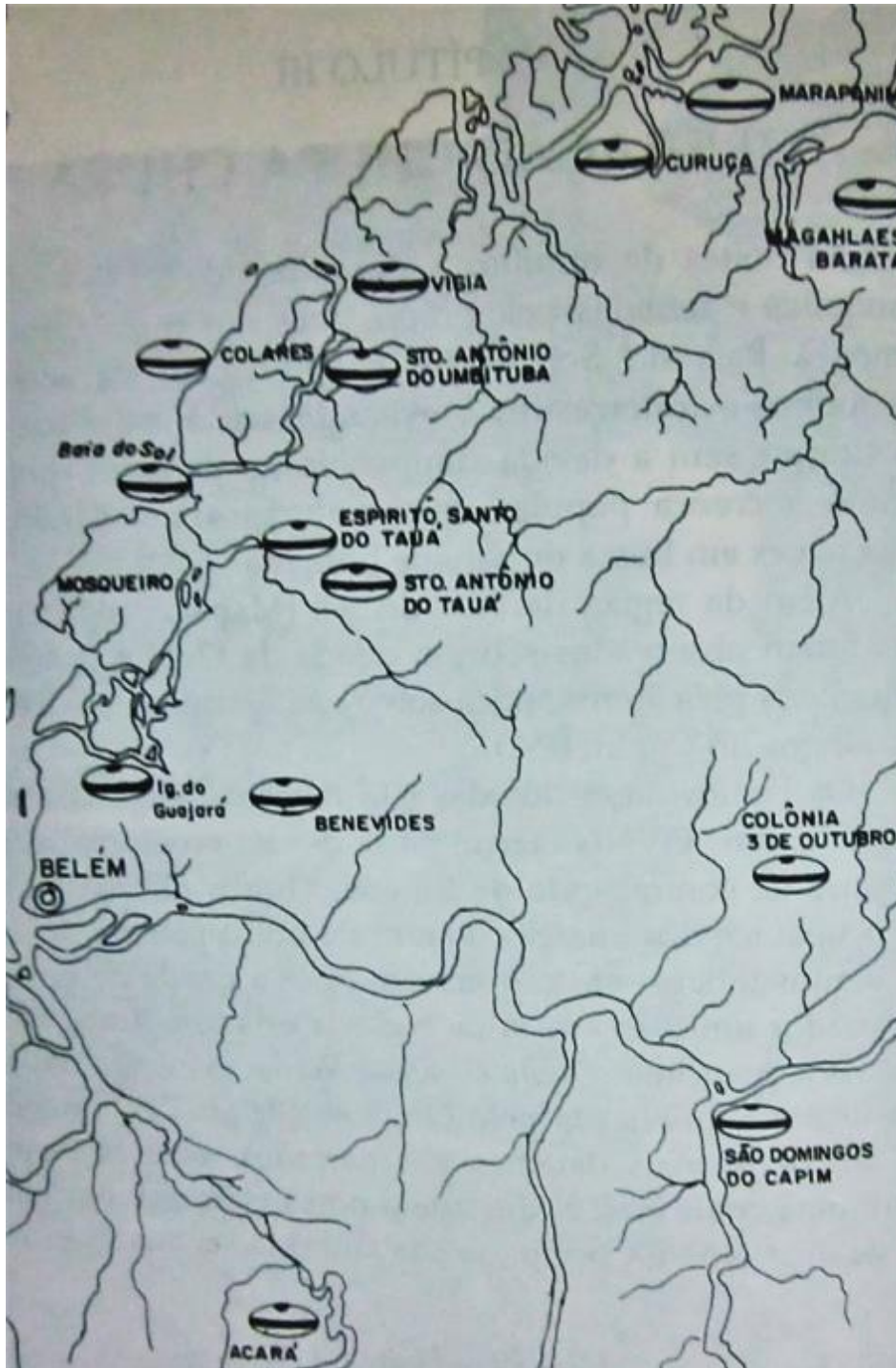
algumas pessoas justificavam os focos luminosos que aterrorizaram a Amazônia como “coisa de final dos tempos”, é conveniente mencionar um trecho do livro de Wells (1953, p. 93) em que um dos personagens busca nas profecias bíblicas a explicação para o que ocorria: “– Isto deve ser o começo do fim [...] O fim! O grande e terrível dia do Senhor! ‘Quando os homens implorarão as montanhas e os rochedos que desabem sobre eles e os escondam da face d’Aquele que estará assentado no Trono’”. De um lado, a ficção transformada em livro e filmes. Do outro, a realidade transformada em notícia, livros e documentários.

Retomando a obra de H. G. Wells (1953), é importante considerar a descrição sobre os estragos que o raio ardente emitido pelos aparelhos extraterrestres produziu nas cidades. As queimadas produzidas pelos feixes luminosos deram às localidades atingidas uma paisagem lúgubre e os gritos da população apavorada foram abafados pelo silêncio ocasionado pela desolação diante de um cenário, de fato, apocalíptico:

[...] Ao crepúsculo o aspecto da paisagem era singularmente desolador: árvores carbonizadas, ruínas lamentáveis e enegrecidas pelas chamas e, embaixo da colina, o rio transbordado e as grandes superfícies d’água tintas de rubro pela erva extraordinária. Por sobre tudo isso se estendia o silêncio e, refletindo em como se produzira essa desoladora transformação, senti-me invadido por indescritível terror (WELLS, 1953, p. 190).

Ao utilizarmos a ficção-científica, obviamente também estabelecemos pontes com o episódio que afligiu alguns brasileiros da região Norte em 1977. De que maneira a paisagem de Colares se alterou? Em que proporção essas luzes misteriosas dispunham de força destrutiva? Apesar de não se observarem relatos que destaquem mudanças bruscas na precária estrutura da cidade ou quaisquer registros de ataques que possam ter comprometido áreas naturais, Giese (1991, p. 53) fala que muitos abandonaram a Ilha de Colares após a frequente aparição e ataque das luzes. Para aqueles que não saíram da cidade, o jeito foi se unir para tentar afugentar os corpos luminosos estranhos ao lugar. A partir de então, as vigílias tornavam-se um hábito. O jeito encontrado pelos moradores para espantar os focos de luz baseava-se na formação de núcleos que reuniam vários vizinhos em uma só casa, mantendo as mulheres no lado de dentro para cuidar das crianças e os homens nos quintais para a vigilância de qualquer evento sobrenatural. Vale lembrar que, naquela época, a energia elétrica da cidade permanecia ligada entre 18h e 22h. Após o encerramento do fornecimento, eram as velas e os candeieiros que iluminavam. Uma das ações da prefeitura para auxiliar os moradores nas vigílias foi a compra de fogos de artifício, pois se acreditava que o barulho produzido pelo estouro afugentava os feixes luminosos. As noites insones não eram nada silenciosas porque as panelas também serviam para criar o alvoroço. No meio das largas áreas

que formavam os quintais, geralmente ladeados de vegetação, os homens circundavam fogueiras e se empenhavam na função de produzir muito barulho na tentativa de impedir qualquer ataque do *Chupa-Chupa*. O delegado de polícia da cidade na época, Olímpio Martins, lembra que era muito difícil dormir por conta de todo o barulho feito pela população amedrontada.



**Figura 4** Municípios paraenses atingidos pelo fenômeno *Chupa-Chupa* em 1977. As primeiras notícias das luzes sugadoras foram dadas pela imprensa maranhense. Pouco tempo depois, várias cidades do Pará, incluindo a capital, registraram a evolução do foco e suas vítimas. No entanto, nenhum município foi tão atingido como a Ilha de Colares. Fonte: GIESE, 1991, p. 36.



Luzes vampirescas. Raios luminosos. Focos de luz. Luzes que chupavam o sangue. Simplesmente *Chupa-Chupa*. É da capacidade que esses raios luminosos tinham de, supostamente, sugar o sangue das vítimas que vem o nome que a população escolheu para batizá-los. Contudo, o grupo de reações de quem era atacado por eles incluía outras consequências, como paralisia, palidez, queimadura, tontura e fadiga. Os relatos que chegavam de moradores atingidos pelas luzes sempre vinham carregados dessas informações sobre as reações que haviam causado no corpo. E o curioso era que algumas pessoas viviam em localidades relativamente distantes, não se conheciam e contavam as histórias de maneira semelhante.

As vítimas das luzes paralisantes e pesadas continuaram sendo afetadas, num crescendo. O segundo caso que foi examinado pela especialista de saúde foi uma moça, da Vila de Genipaúba. No caso, a luz assassina entrou pela janela e a atingiu à altura do pescoço. Os pacientes, dia a dia iam chegando. A jovem profissional já não sabia o que fazer diante do fluxo das vítimas.

[...] As lesões tinham dois orifícios paralelos parecidos a picadas de agulha. Ao observar com mais cuidado, verificou uma intensa vermelhidão na área atingida, indolor, logo a seguir os pelos começavam a cair e a pele descamava em pouquíssimo tempo (CAVALCANTE, 2014, p. 29).

A médica responsável pela unidade de saúde de Colares naquele ano é uma das personagens mais conhecidas entre os ufólogos que pesquisam a presença de objetos voadores não identificados na Amazônia. Com 22 anos, Wellaide Cecim Carvalho atendeu, pelo menos, 35 vítimas do *Chupa-Chupa* com ferimentos no tórax e na face (GIESE, 1991, p. 80-1). Entretanto, a médica recém-formada, no começo era muito relutante ao diagnosticar os ferimentos como consequência de algum fenômeno sobrenatural. Interpretava os fatos como provável alucinação visual ou delírios coletivos, cogitando a hipótese de que os ferimentos poderiam ter sido feitos pelos próprios moradores. As dúvidas começaram a surgir quando atendeu muitas pessoas que tinham passado por casos idênticos mesmo morando em lugares distantes entre si. A teoria de alucinação então fora descartada. Uma das principais inquietações de Wellaide era a fraqueza imediata que acometia as vítimas após os ataques. Segundo ela, muitos apresentavam diarreia, dores articulares que podiam durar meses, além de ficarem temerosos e desenvolverem quadros depressivos.<sup>34</sup> Quando as luzes atingiram muitos pescadores, houve uma debandada dos rios já que representavam um grande risco, comprometendo o abastecimento da cidade. Antunes Almeida (2015), ao presenciar palestra

---

<sup>34</sup> Cf. EQUIPE UFO. **Conheça um pouco mais sobre como agia o chupa-chupa**. Disponível em: <<http://www.ufo.com.br/artigos/conheca-um-pouco-mais-sobre-como-agia-o-chupa-chupa>> Acesso em 12 fev. 2016.

da médica, destaca que a população teve que buscar alternativas para conseguir alimento de maneira que não fosse necessário demandar muitas horas na pesca.

Assim que as luzes nomeadas de Chupa-Chupa começaram a atacar os pescadores, a vila viveu um desabastecimento de víveres, tendo em vista que a alimentação local se baseava em frutos do mar e em farinha de mandioca. A própria Wellaide narra que durante este período chegou a pesar 47 kg e teve de aprender a coletar siris para se alimentar. [...] O aumento dos ataques fez com que os moradores de Colares decidissem proteger as suas casas, tapando os buracos nas paredes e soltando fogos. Um delegado convidou-a para sair da Ilha, mas ela hesitou na última hora dizendo que não poderia deixar o lugar que, naquele momento, só tinha um médico. Foi nesta ocasião, depois de tomada esta decisão, que Wellaide relata ter deixado de ser uma recém-formada (ANTUNES ALMEIDA, 2015, p. 291).

Carl Gustav Jung, fundador da psicologia analítica, é autor do livro *Um mito moderno sobre coisas vistas no céu*. Publicado pela primeira vez em 1958, a obra parte da seguinte inquietação diante dos relatos pelo mundo sobre objetos voadores não identificados: vê-se alguma coisa, mas não se sabe o que. Em síntese, o pensador trabalha com a noção de mito como compensação da tendência cientificista que caracterizava a sociedade de então. Convém lembrar que é justamente entre o final dos anos 50 e meados dos anos 70, do século XX, que a corrida espacial alcançou seu auge, num dos episódios mais célebres da Guerra Fria. O pioneirismo sempre era festejado e demonstrava o domínio de tecnologia na intensa disputa entre EUA e URSS: não à toa, o soviético Iuri Gagarin tornou-se o primeiro homem a viajar pelo espaço, em 1961; e o americano Neil Armstrong, oito anos mais tarde, seria o primeiro a pisar na lua. Em meio aos pequenos passos para os homens e grandes saltos para a humanidade, Jung (2013, p. 112) deixa claro que, apesar de a publicidade sobre OVNI ter iniciado na Segunda Guerra Mundial, há indícios de que o fenômeno despertara curiosidade já na Antiguidade e as várias interpretações sobre as aparições desses objetos pelo mundo geraram a criação de muitas lendas, além de livros e artigos. Apesar de não sustentar a ideia de mito no que diz respeito ao que ocorreu em Colares e outras cidades do Pará e do Maranhão, Cavalcante (2014, p. 77) lembra também que as primeiras aparições datam de um momento no qual a disputa pelo domínio espacial vivia grande efervescência. Bem distante dos protagonistas da Guerra Fria, e sem qualquer relação com pesquisas espaciais incentivadas pelo governo brasileiro, a Amazônia parece ter se aproximado de questões extraterrenas já nessa época, ainda que o primeiro astronauta brasileiro tenha ido ao espaço somente em 2006.

Os ataques do *Chupa-Chupa* se intensificaram ao longo dos meses, principalmente nos municípios da região do Salgado, da qual faz parte Colares. As autoridades que não acreditavam nas versões contadas pelos moradores passaram a ter que se acostumar com a

frequência dos casos e agir de alguma forma para ajudá-los em meio a uma situação que caminhava para o caos. As vigílias acompanhadas pelos barulhos de fogos e panelas, os tecidos e plásticos que tapavam os buracos das casas já não eram medidas satisfatórias e não garantiam proteção suficiente. O que antes era considerado crendice popular, sinal dos tempos ou histeria coletiva, levou as autoridades locais a pedirem ajuda a Força Aérea Brasileira, por meio do 1º Comando Aéreo Regional (1º COMAR), com sede em Belém. A primeira operação militar até então desenvolvida no país para investigar casos supostamente de natureza ufológica teve início: a Aeronáutica autorizava a realização da Operação Prato, que não teve seu nome divulgado para não despertar suspeitas e que, inicialmente, só buscava averiguar o que amedrontava tantas pessoas, além de garantir a segurança do espaço aéreo nacional.

A Aeronáutica passou mais de 120 dias na região documentando todos os fenômenos, enquanto que filmes rodados eram enviados para Brasília. Lá eram simplesmente arquivados, não se sabendo realmente a que conclusão haviam chegado, permanecendo, para civis e leigos, secretos. Tal situação, é claro, não poderia deixar de ser diferente, principalmente num período de regime de força criado pela ditadura, em 1964, que mantinha uma severa censura, não permitindo que a imprensa ou mesmo civis entrassem em locais considerados importantes para os militares (ATHAYDE, 2000, p. 162).

Dos 120 dias que duraram a operação, pelo menos durante 35 os militares estiveram em Colares e montaram sua base em locais estratégicos que oferecessem melhores possibilidades para o registro das luzes que cortavam os céus da cidade. A operação estava sob a chefia do coronel Uyrangê Nogueira de Hollanda Lima, um dos que combateram a Guerrilha do Araguaia, e se dividiu em duas equipes: a primeira, deslocada após o pedido das autoridades, era formada pelo coronel e mais cinco sargentos; a segunda equipe era formada por mais de 60 pessoas, incluindo oficiais da FAB e psicólogos. A maior parte das atividades era realizada sob os olhares da população, numa maneira de demonstrar que a situação estaria controlada e não haveria mais motivos para pânico (SCHRAMM, 2011, p. 39).

Antunes Almeida (2015) retoma uma das entrevistas dadas pelo coronel Hollanda, anos após a operação, em que explica suas primeiras impressões sobre o fenômeno que ocorria em Colares. A preocupação principal era a segurança nacional e os militares não estavam guiados por qualquer curiosidade ufológica, mesmo diante de vários moradores que consideravam o *Chupa-Chupa* como seres desconhecidos que vinham do céu, capazes de ferir (geralmente com dois orifícios próximos ao seio) e sugar o sangue das pessoas. Além disso, ao longo das investigações, alguns militares da equipe passaram a relatar suas experiências

com avistamentos: além da população considerada simples, a própria equipe do coronel tinha presenciado os focos luminosos. A interpretação mudaria e o teor da investigação também.

[...] Hollanda relata que, a princípio, entrou como um *debunker* – alguém que desejava provar que os fenômenos não tinham nada que ver com discos voadores –, uma vez que desejava mostrar que as luzes de Colares não eram outras coisas além de um fenômeno ótico ou algo que refletisse alguma fonte de luz. Por dois meses ele reportou ao Coronel imediatamente superior na hierarquia do COMAR dizendo que não havia visto nada, apesar da insistência dos moradores da Ilha de Colares e de outras localidades na região do Salgado, Nordeste do Pará, de que algo estava se passando. Contudo, a partir de determinado momento da Operação, Hollanda começou a avistar objetos e luzes no céu. Entretanto, os equipamentos fotográficos pareciam falhar diante da tentativa de registrar os eventos (ANTUNES ALMEIDA, 2015, p. 258-9, grifos do autor).

Os quatro meses em que se sucedeu a Operação Prato reservou experiências fora do comum para os militares envolvidos. Ao se estabelecerem na ilha, julgando estarem diante de um caso claramente identificado como histeria coletiva e alucinações, eles não podiam imaginar que pudessem ser testemunhas, de fato, do que perturbara completamente a vida daquelas humildes famílias do interior do Pará. Nem a Aeronáutica escapou dos mistérios que envolviam essa Saramandaia amazônica, tanto que até o coronel Hollanda passou a se dedicar a questões da Ufologia depois que as investigações terminaram.

Em 1997, o militar foi encontrado morto: Uyrangê Hollanda havia se suicidado em casa. Meses antes, depois de muitos anos de silêncio, o coronel concedeu uma entrevista<sup>35</sup> dando detalhes da Operação Prato a dois editores da *Revista UFO*, periódico brasileiro mais antigo especializado em Ufologia, fundado em 1988. Na entrevista, o militar confirma que passou a acreditar que o fenômeno se tratava de algo de natureza extraterrestre depois de ter presenciado um aparelho de luminosidade intensa, cruzando a região onde estavam acampados. Ainda que vários relatos chegassem até ele, incluindo os laudos das vítimas atendidas pela médica da cidade, o chefe da operação só passou a crer naquilo depois da experiência com o objeto luminoso de grandes dimensões que circulava no breu daquelas noites de 1977.

Giese (1991) considera o relatório produzido no âmbito da Operação Prato como um dos documentos mais importantes da Ufologia brasileira. Seriam, aproximadamente, 500 páginas reunindo fotografias, desenhos, relatos e mapas que indicam o percurso dos OVNI nas cidades paraenses. Houve muita relutância por parte do governo de publicar o relatório, tanto que até hoje há um movimento de pesquisadores e ufólogos que buscam a total liberação

---

<sup>35</sup> Cf. EQUIPE UFO. **Uyrangê Hollanda**: Coronel rompe silêncio sobre UFOs. Disponível em: <<http://www.ufo.com.br/entrevistas/coronel-rompre-silencio-sobre-ufos/>> Acesso em 28 fev. 2016.

desses documentos. O contexto em que o país estava inserido na época impossibilitava a divulgação:

[...] A princípio, alguns membros da comissão pensaram na possibilidade de tornar público o documento; porém, circunstâncias históricas impediram tal ação. Eis alguns motivos: - o momento político não era propício, perdurava a censura e a pressão do regime militar; as conclusões em torno do fenômeno não eram 100% satisfatórias e a Aeronáutica não pretendia se expor à incompreensão e à ironia de determinados setores da sociedade. Optou-se pelo silêncio (GIESE, 1991, p. 116).

Entre julho e dezembro de 1977, o Brasil, especificamente parte da faixa litorânea do extremo Norte, viveu o fenômeno *Chupa-Chupa*. As primeiras notícias surgiram na imprensa maranhense que não ganharam tanta atenção como nos principais jornais do Pará, até por conta da proporção e da quantidade de ataques relatados no estado. Da região próxima ao rio Gurupi (MA), despontaram os primeiros casos das luzes que sugavam o sangue. A partir de outubro, vários municípios paraenses, incluindo a capital, teriam suas vítimas que batizariam os focos luminosos com o nome pelo qual até hoje é conhecido. Essa fase, marcada por fatos inexplicáveis, desespero e muita aflição diante de algo que apequenava as ações da população e das próprias autoridades que tentavam voltar à normalidade, só declinou em dezembro (GIESE, 1991, p. 122-3).



**Figura 5** Cilindros voadores fotografados pela Aeronáutica nos céus do Pará em 1977. Parte do material que integra os relatórios produzidos pelos militares durante a investigação veio da imprensa do Pará. As luzes sugadoras, entre os formatos mencionados, eram frequentemente vistas como bastões ou cilindros. Para a população eram simplesmente conhecidas como *Chupa-Chupa*, o pavor de 1977. Fonte: GIESE, 1991, p. 150.

Certa vez, em um mês de julho do começo dos anos 2000, acompanhamos com alguma ansiedade o alvoroço de um pequeno grupo que corria em direção a uma praça de Colares porque uma luz estranha se destacava no céu. Não se sabia do que se tratava, mas suspeitava-se que o famoso *Chupa-Chupa* pudesse estar de volta: motivo suficiente para empolgar qualquer pessoa devota de contos sobrenaturais e lendas amazônicas. A cidade já havia conquistado certa fama no estado depois de terem sido divulgados, por alguns veículos

da imprensa nacional, os fatos ocorridos na década de 70. A luz momentaneamente desapareceu e nem de longe podia ser comparada com os focos do passado, diziam os mais velhos. Tudo não passava de poeira das estrelas que têm brilho muito mais forte num lugar de pouca luz e nenhum arranha-céu capaz de ofuscar a linha do horizonte. Dezembro de 1977 pode ter encerrado os casos, mas a aura misteriosa certamente vai perdurar na cidade ainda por muitos anos, sempre atraindo curiosos que desejam conhecer o famoso *Chupa-Chupa*, que já aterrorizou bastante, mas hoje samba ao lado de foliões em bloco de carnaval.

## 2. NAS TRINCHEIRAS DA MEMÓRIA, UM FENÔMENO INVESTIGADO, UM FENÔMENO NOTICIADO

*Chego aos campos e vastos palácios da memória onde estão tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda espécie. Aí está também escondido tudo o que pensamos, quer aumentando quer diminuindo ou até variando de qualquer modo os objetos que os sentidos atingiram. Enfim, jaz aí tudo o que se lhes entregou e depôs, se é que o esquecimento ainda não absorveu e sepultou.*

(Santo Agostinho)

“‘Chupa-Chupa’ desvendado” é o título da matéria publicada pelo jornal *Amazônia*<sup>36</sup> em 9 de abril de 2015. Baseada na entrevista com o pesquisador Carlos Xerfan, o misterioso fenômeno que atingiu várias cidades da região amazônica ganhou a sua mais nova versão. Distanciando-se daqueles que tentam explicar o fato por meio de teorias ufológicas ou simplificá-lo como credence popular, o *Chupa-Chupa*, na interpretação de Xerfan, seria consequência de uma técnica de defesa militar, baseada na emissão de raios micro-ondas, e utilizada pelas nações mais desenvolvidas do mundo para se protegerem de ataques com mísseis, na época dos experimentos. Os raios, nas condições naturais da Amazônia, produziram as luzes que se movimentavam velozmente pelo céu, e o difícil acesso a região justificava a escolha do lugar e preservaria o sigilo da experiência.<sup>37</sup> Temos mais uma entre as várias explicações que foram tecidas ao longo desses 40 anos de história; uma história pintada com cores cada vez mais fortes de ficção científica. No entanto, a ficção pode até se inspirar nessa fonte,<sup>38</sup> mas se apequena diante desse universo amazônico que abriga tantos fatos curiosos e cheios de mistério. Desse modo, lançamos uma questão: de que maneira os fatos extraordinários referentes ao *Chupa-Chupa* se transformaram em reportagens publicadas em

<sup>36</sup> Criado em 2000, o jornal *Amazônia* pertence às Organizações Rômulo Maiorana (ORM), conglomerado de comunicação do Pará, que também detém o jornal *O Liberal* e a TV Liberal (afiliada da Rede Globo de Televisão). Marcadamente voltado para notícias populares, o jornal circula principalmente na Região Metropolitana de Belém. O *Amazônia*, de acordo com a própria linha editorial, se considera como o jornal que “todo mundo lê”.

<sup>37</sup> Cf. “‘Chupa-Chupa’ desvendado. *Amazônia*, 9 abr. 2015. Disponível em: <<http://www.ormnews.com.br/noticia/chupa-chupa-desvendado>> Acesso em 25 abr. 2016.

<sup>38</sup> José Alves é autor do livro *O Grau – Operação Prato*, publicado em 2012. A obra, que mescla ficção e realidade, se inspirou no fenômeno *Chupa-Chupa*, da qual extraímos o trecho: “Colares, 1977. Um município do Estado do Pará. Uma ilha da microrregião conhecida como Salgado. Um lugar que conserva em seus habitantes inúmeras histórias de lendas e mitos amazônicos. Uma cidade cercada por águas. [...] Quando a luz atingia os moradores, os queimava deixando buracos que sofriam necrose imediata e descamavam dois dias depois. A maioria dos ataques era a mulheres de todas as idades. A dúvida assolava não apenas os nativos, mas médicos, jornalistas, policiais e militares. Gente de credibilidade acima de qualquer suspeita, que confirmava a mesma história sempre que era interrogada” (ALVES, 2012, p. 9-11).

1977 no Pará? A resposta para essa pergunta será construída a partir da cobertura dos jornais sobre o caso.

É um desafio lançar um olhar reflexivo que ultrapasse a noção de simples fonte empírica quando se trata de análise de jornais, como constatam Barbosa e Ribeiro (2011, p. 15). Precisamos abordar aspectos relevantes para a compreensão não apenas da mensagem transmitida – o que aprisionaria o trabalho num caráter essencialmente descritivo –, mas também das condições sócio históricas em que foram produzidas as notícias. Partindo do pressuposto de que os meios de comunicação se posicionam como produtores da história, e caminhando pelas discussões teóricas em torno da memória, o desafio aqui é apresentar, a partir dos indícios que nos chegam, uma interpretação detida nas semelhanças e diferenças entre a produção de três jornais da imprensa paraense, referentes ao fenômeno-objeto desta pesquisa. Nosso caminho se orienta na necessidade de compreender “[...] como as ideias são transmitidas, como os meios de sua transmissão têm enorme ingerência sobre a significação da mensagem e como o contato com a palavra afeta o comportamento dos sujeitos sociais” (BARBOSA, RIBEIRO, 2011, p. 24-5).

Paralelamente às publicações da imprensa, encerra-se este capítulo com uma análise dos relatórios produzidos no âmbito da Operação Prato – intervenção militar responsável pela investigação do fenômeno, sob a chancela do então Ministério da Aeronáutica –, e disponibilizados no site do Arquivo Nacional, mas também de maneira extraoficial nos fóruns de discussão sobre ufologia no Brasil. Apesar das numerosas páginas que integram os documentos, por muito tempo, mantidos em sigilo, nossa atenção volta-se, principalmente, para os depoimentos dos moradores de Colares que tiveram alguma experiência (ainda que indireta) com o foco misterioso.

A atuação militar na região gerou os registros que hoje conhecemos, mas que na época corriam em segredo, objetivo completamente distinto daquele buscado pelos jornais, que amplamente abordaram o caso. Foram ações que envolveram instituições de naturezas diferentes. É interessante pontuar as diversas percepções sobre o que estaria riscando os céus de vários municípios paraenses e também sobre o que foi preservado, nesses relatórios, dos testemunhos das pessoas que viveram dias intranquilos naquele ano. De um lado, temos um fenômeno investigado e ocultado pela Aeronáutica. Do outro, um fenômeno também investigado e sobejamente publicado pela imprensa. São duas faces de um mesmo caso, com o objetivo de explicá-lo, quiçá solucioná-lo. Juntando fragmentos, reencontrando alguns mortos, tal como diz Walter Benjamin (2012, p. 246), nosso semblante volta-se para esse passado que, resistente ao progresso, deixa suas marcas no agora.



## 2.1. Aparições levam o interior às páginas da imprensa paraense

Vem de Moçambique, pelas palavras de Mia Couto (2009, p. 25), a metamorfose do tempo e das lembranças. O tempo transformado em rio. As lembranças transformadas em peixes... ou melhor, aves: “Há um rio que atravessa a casa. Esse rio, dizem, é o tempo. E as lembranças são peixes nadando ao invés da corrente. [...] Minhas lembranças são aves. A haver inundação é de céu, repleção de nuvem. Vos guio por essa nuvem, minha lembrança”. No rio de nuvens de Couto, deparamo-nos com as lembranças nele abrigadas e, ainda sob esse invólucro poético, podemos evocar outro rio, certamente de correnteza oposta, já que é marcado pelo esquecimento: são das águas do Rio Lete que os mortos retiram as lembranças da vida na terra (WEINRICH, 2001, p. 52-3). Seja bebendo, seja mergulhando, o apagamento das lembranças da vida está condicionado à passagem pelas águas do Lete, por onde os peixes-lembranças se perdem, não mais nadam, nem as aves voam. Apesar de fluírem em direções contrárias e desembocarem em lugares diferentes, as águas desses rios têm a mesma nascente. Lembranças, esquecimento, rios de memórias que carregam consigo distintas interpretações que mudaram no decorrer do tempo.

Diante de um objeto que vem sendo cada vez mais pesquisado, o estudo da memória tem imposto alguns desafios a quem a ele se dedica. Com isso, despontam-se novos olhares e novas percepções, sobretudo numa sociedade acometida pela “cultura da memória” (RIBEIRO, 2015, p. 76). O frenesi dessa cultura de memória, assombrada pelo esquecimento, se concretiza de várias formas: desde o proposital souvenir da viagem fartamente registrada em fotos e vídeos, passando pela moda *vintage*, até os arquivos pessoais resguardados nos “palácios da memória” dos HDs de computadores e celulares. O imperativo de que tudo deve ser preservado inunda nossas bibliotecas tecnológicas com os mais variados tipos de documentos e arquivos, amparados pela ilusão de uma revisita futura que dificilmente ocorrerá. Eis o tempo das formas de obsessão mnemônica, conduzidas pela lógica da cultura e da técnica contemporâneas, impregnando nosso cotidiano e os modos de pensar, como, já nos anos 90, destacava Fausto Colombo (1991, p. 104-5): “[...] ao que parece, a questão do esquecimento torna a repropor-se: talvez nenhuma sociedade precedente haja temido tanto o esquecimento quanto a nossa que quis combatê-lo até a raiz”.

Inserido nesse debate, a relação entre os meios de comunicação e a memória é um ponto que não pode ser negligenciado. É bastante tentador simplificar a discussão em torno da função dos jornais nessa preservação de fatos históricos, atribuindo a eles, ou melhor, à mídia,

a função de lugar de memória, conceito definido pelo historiador Pierre Nora, entre 1984 e 1993, por ocasião do bicentenário da Revolução Francesa. Os lugares de memória se configuram, segundo Nora (1993), como lugares que vão do objeto material ao simbólico e funcional: podem ser monumentos, documentos, arquivos, ideias e instituições que devem possuir uma vontade de memória, ou seja, desenvolvem um trabalho memorialista que garante a sua identidade. Para isso, os aspectos material, simbólico e funcional desses lugares devem coexistir sempre para que possam ser caracterizados como lugares de memória.

Do volumoso trabalho de Nora, o artigo-síntese publicado pela *Revista Projeto História*, em 1993, foi bastante utilizado por pesquisadores de história da mídia no Brasil. Contudo, atualmente tem sido criticada essa apropriação com o argumento de que há uma simplificação conceitual ao tentar abrigar a imprensa entre os lugares pensados pelo teórico. É importante problematizar a postura daqueles que localizam categoricamente a mídia como um espaço privilegiado de produção de memória, ao adequarem-na imediatamente às noções definidas por Pierre Nora, que não analisa os meios de comunicação em suas reflexões. Para Ana Paula Goulart Ribeiro (2000), a mídia assume lugar de memória e/ou de histórias das sociedades contemporâneas:

Os meios de comunicação, neste século, passaram a ocupar uma posição institucional que lhes confere o direito de produzir enunciados em relação à realidade social aceitos como verdadeiros pelo consenso da sociedade. A História passou a ser aquilo que aparece nos meios de comunicação de massa, que detêm o poder de elevar os acontecimentos à condição de históricos. O que passa ao largo da mídia é considerado, pelo conjunto da sociedade, como sem importância (RIBEIRO, 2000, p. 33).

Nessa vereda que vem sendo trilhada, destaca-se também a reflexão de Marialva Barbosa (2016) ao questionar a noção dos meios de comunicação como lugares de memória na contemporaneidade. Levando em consideração os processos históricos que envolvem a imprensa e destacando o esquecimento como característica fundamental da costura narrativa da imprensa brasileira, Barbosa acredita que os meios de comunicação produzem, sim, memória, mas buscam um lugar na história:

Portanto, os meios de comunicação de maneira geral, sobretudo nas narrativas com pretensão a atestar a fidedignidade do que efetivamente se passou, produzem uma articulação textual baseada na noção de testemunho. Assim, os textos jornalísticos, por exemplo, devem mostrar a presença de um sujeito real no desenrolar dos acontecimentos (seja o próprio jornalista ou outros que assumem o papel de testemunhas), confrontar o que é dito entre várias testemunhas e, por fim, colocar em cena o contraditório (opiniões e visões divergentes, no pressuposto de que se deve ouvir os vários lados dos envolvidos na trama para produzir um texto com pretensão à isenção). A partir do nível declaratório do testemunho, produzem uma versão do acontecimento com pretensão a ser desde a sua construção uma espécie de arquivo para a história. Portanto, se pudesse ser feita algum tipo de generalização, o

que os meios de comunicação fazem é produzir uma memória presumidamente válida e comum, inserindo-a na história e não na memória (BARBOSA, 2016, p. 14).

A autora destaca ainda a necessidade de estabelecer a diferença entre memória e história, lembrando que o próprio Pierre Nora assim o fez em seus ensaios, e aponta que o formato narrativo da imprensa assume a função de “fixar o tempo”, tornando-se os jornais arquivos da e para a história. Seguindo o pressuposto que reconhece essa construção de memória inserida na história, por parte dos meios de comunicação, alicerçada principalmente no seu caráter narrativo, buscamos compreender a ação da imprensa paraense no que diz respeito ao fenômeno *Chupa-Chupa* e suas versões do acontecimento que nos servem, hoje, de objeto para análise dos processos memorialísticos sob os quais esteve envolvida.

Paulo Roberto Ferreira (2015, p. 160-2) entrevistou um dos jornalistas mais atuantes na cobertura do caso: Carlos Mendes, na época trabalhando no jornal *O Estado do Pará*, visitou vários municípios paraenses, acompanhado do repórter Biamir Siqueira e do fotógrafo José de Ribamar Prazeres. Segundo Mendes, a operação militar que investigava as luzes misteriosas na Amazônia, num primeiro momento, foi tolerante em relação às notícias que eram publicadas pelos veículos de comunicação. No entanto, com o avanço das investigações e a proliferação de informações sobre o caso nos jornais, seguiu-se uma fase de controle ao que era publicado. A ditadura autorizava a medida mais drástica tomada pelos militares: a apreensão do material fotográfico produzido por Ribamar Prazeres. O chefe da operação, capitão Uyrangê Hollanda, ordenou que o diretor da redação do jornal entregasse as fotos feitas na região. Seriam aproximadamente 200 fotografias que nunca mais foram recuperadas. Tudo isso ocorreu após a publicação, no dia 24 de julho de 1978, de uma edição do jornal *O Estado do Pará*, que tinha como manchete: “Eis o Chupa-Chupa”. Na capa, a foto de uma nave emitindo algumas luzes fez com que as edições se esgotassem uma hora depois de chegarem às ruas.<sup>39</sup>

Nota-se aqui a importância dada ao testemunho do jornalista que participou da cobertura do caso, noção que baseia o texto jornalístico a partir do registro daqueles que estiveram em determinado lugar e puderam acompanhar de perto o que lá ocorria. Isso talvez fique mais claro com a edição de 1º de novembro de 1977 do jornal *O Estado do Pará*. Depois de ocupar, em duas edições no mês de outubro, as pequenas notas registradas na

---

<sup>39</sup> Até o término desta pesquisa, não conseguimos consultar essa edição do jornal *O Estado do Pará*. Em abril de 2016, após visita à Biblioteca Pública Arthur Vianna, em Belém, fomos informados que o setor que abriga os jornais está sendo reformado, com previsão de ser reaberto no começo de 2017.

coluna *Tribuna do Estado*,<sup>40</sup> o ataque aos moradores da Ilha do Mosqueiro – localizada a 70 quilômetros de Belém –, efetuado pelo objeto que emitia uma luz esverdeada, tem destaque na primeira página do jornal. Contudo, o que nos chama atenção é a posição que o periódico toma em relação aos fatos: “[...] ‘O Estado do Pará’ foi até o local dos acontecimentos documentar o testemunho de várias pessoas, procurando dar um melhor espelho da angústia dos poucos moradores de Tapiapanema, bem como de outros moradores da Ilha” (*O Estado do Pará*, 1 nov. 1977, p. 11). O grande temor que acometeu os moradores daquela ilha era consequência do estranho aparelho que circulava nos céus da região em grande velocidade, e emitia a luz que deixava as vítimas atordoadas. E isso só pôde ser conhecido, supostamente, após a observação da equipe de reportagem do jornal, que se propunha isenta e assumiu a missão de descrever e “documentar” os fatos tais como ocorriam, atuando como “espelhos” da anormalidade na região, registrando então o ataque a um casal que vivia no interior.

A popularidade dos fatos sobrenaturais que, inicialmente, foram identificados no interior do Pará – porém, precedidos de alguns casos que ocorreram no Maranhão –, tem relação direta com o papel desempenhado pela imprensa local na publicação das notícias sobre o fenômeno. Para isso, não se pode ocultar a contribuição que esses meios de comunicação tiveram ao noticiarem eventos ocorridos em localidades relativamente próximas à capital, mas que, dificilmente, em condições ditas “normais”, renderiam pautas frequentes aos principais veículos. Rebisso (1991, p. 140-1) destaca o papel da imprensa e o comportamento da sociedade com a divulgação do tema, registrando a atuação dos jornais *A Província do Pará*, *O Liberal*, *O Estado do Pará* e *O Estado do Maranhão*:<sup>41</sup> “a sociedade, na sua totalidade, permaneceu dividida entre os crédulos, os indiferentes e os ridicularizadores. Alguns políticos paraenses, surpreendentemente, denunciaram a indiferença das autoridades frente ao problema da ‘luz-vampiro’”.

---

<sup>40</sup> Identificamos duas notas publicadas no jornal, especificamente na coluna *Tribuna do Estado*, em outubro de 1977. A primeira destaca o ataque das luzes às mulheres no interior do Pará (*O Estado do Pará*, 14 out. 1977, p. 3), e a segunda nota trata o caso como fantasia e com possíveis propósitos sadomasoquistas: “[...] Contudo, nós, que acreditamos na existência de seres superiores vindos ou não de fora do nosso sistema solar, não nos deixamos iludir pela fantasia em torno de aparições estapafúrdias e com propósitos descabidos, como chupar sangue e desfigurar pessoas. As aparições na cidade da Vigia e em seus municípios nos obriga a acreditar que, afora o sensacionalismo, há algum propósito sado-masoquista em tudo até agora narrado” (*O Estado do Pará*, 23 out. 1977, p. 3).

<sup>41</sup> Dos quatro jornais mencionados pelo autor, apenas *O Estado do Maranhão* não integra nosso corpus porque acreditamos que os casos noticiados pelo periódico se referem apenas aos municípios daquele estado, e não aos ataques às vítimas no Pará, que limita o recorte desta pesquisa.

# O ESTADO DO PARÁ



**Mãe e Benedita em sua casa**

Na localidade Tapajós, às margens do Paraguará, na ilha do Mosqueiro, os moradores estão tomados de grande temor desde ao estranho fato ocorrido no sábado passado, dia 29 de outubro, e que se repetiu no dia de ontem, um aparelho desconhecido "circulando no céu em grande velocidade" e emitindo uma luz avermelhada, atingindo as casas locais e fazendo vítimas. O alarmante fato já foi comunicado ao Agente Municipal do Mosqueiro, ao Delegado local.

Em Belém a notícia chegou imediatamente à Central de Polícia, mas quase nenhuma providência foi tomada. O pavor continua grassando, e já começa a se estender para o centro da Vila Brasileira. A reportagem de "O Estado do Pará" foi ao local dos acontecimentos documentar o tratamento de várias pessoas, procurando dar um melhor espelho de angústia dos poucos moradores de Tapajós bem como de outros moradores da ilha.



**O casal atingido e seu cão ferido**

## Disco voador ataca mulher. Pavor na ilha do Mosqueiro

Terminou a noite de sábado passado. Em Tapajós, o casal Benedita Catarina Trindade de 24 anos e Silva Maria 177 anos desarmados há três dias, em uma noite. Escusos e após o término dos fatos, de casa foram saídas para a Vila do Mosqueiro, distante 18 quilômetros, com ansios por sua melhoria. Pouco depois das 18 horas por uma festa de aniversário com um pedido de casamento se deu o fato que um disco, azul, branco, emitia uma luz em forma de luz, avermelhada, no direção do casal em Tapajós. Quando o casal chegou ao local, o disco avermelhado a festa e foi em direção a Silva, Benedita e sua filha, Maria, de 17 anos, e Benedita com o filho, João, de 10 anos. Quando o disco chegou ao local, Benedita ficou paralisada, enquanto o filho, João, correu para a casa. Quando o disco chegou ao local, Benedita ficou paralisada, enquanto o filho, João, correu para a casa.

Mãe e filha foram levadas para o hospital de Belém, distante de sua casa 500 metros. Quando se deu o fato, os dois foram para a casa e João, com medo que ele fosse atingido, foi para o quarto e fugiu correndo, pois sua preocupação era salvar-se tudo estava bem com o casal.

Benedita e Silva foram levadas para o hospital de Belém, distante de sua casa 500 metros. Quando se deu o fato, os dois foram para a casa e João, com medo que ele fosse atingido, foi para o quarto e fugiu correndo, pois sua preocupação era salvar-se tudo estava bem com o casal.



**Mãe detida em uma noite com o filho. O fato chegou pela televisão**



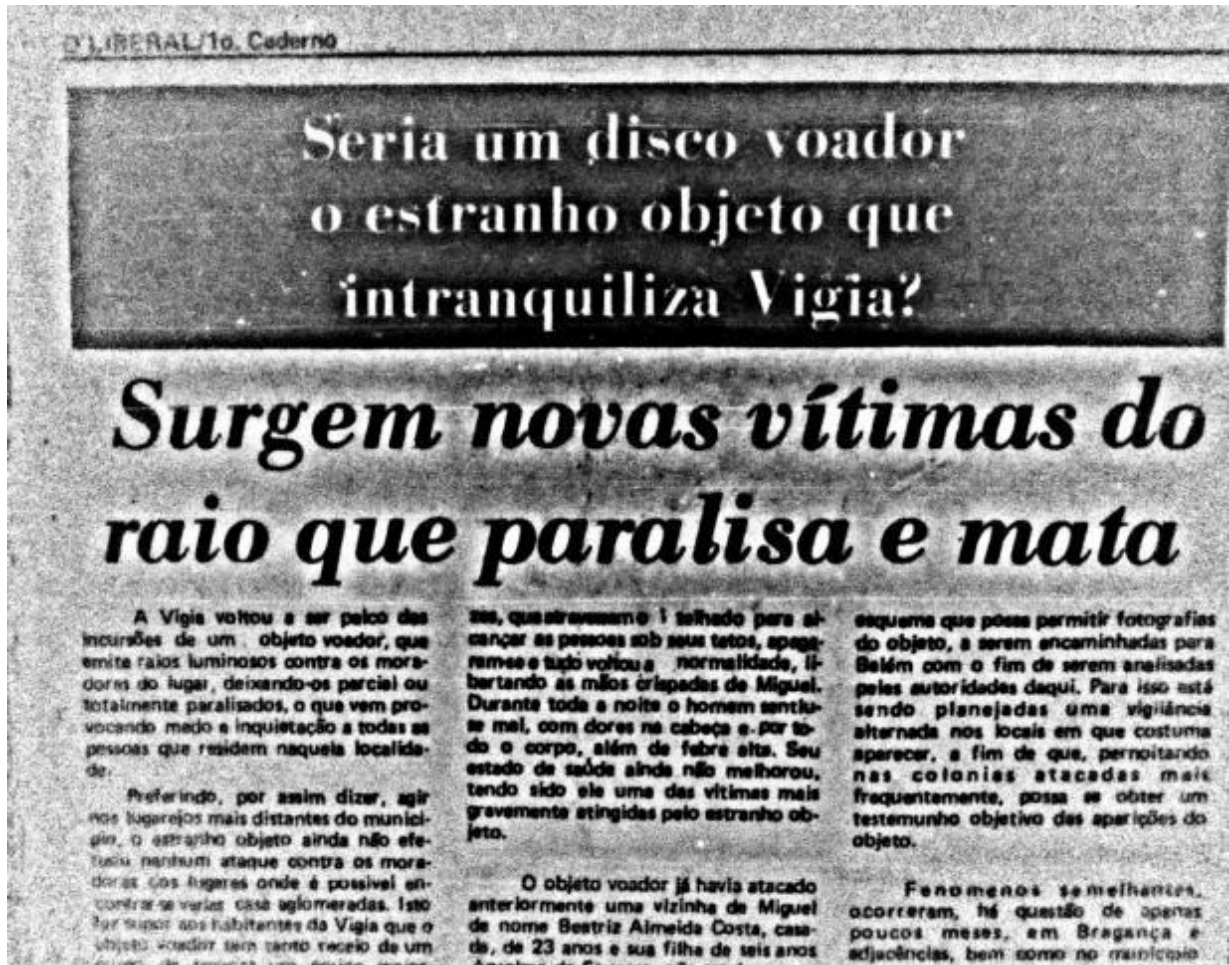
**Benedita foi uma testemunha e vive o susto**



**O objeto misterioso passou a ser visto por Mãe e filha**

**Figura 6** O Estado do Pará sobre os ataques do aparelho desconhecido a moradores de ilhas próximas a Belém. Entre as vítimas, uma mulher grávida e seu esposo, a vizinha do casal e um cachorro (que, desde então, não latia mais). O jornal registra que as vítimas procuraram o delegado responsável pela região, que disse desconhecer os meios para combater a luz misteriosa. Fonte: *O Estado do Pará*, 1 nov. 1977, p. 11.

A cidade de Vigia de Nazaré, no nordeste paraense, também chegou ao jornal *O Liberal* no começo de outubro de 1977 pelo mesmo motivo: o “bicho sugador” atacou homens e mulheres na região, deixando-os petrificados após serem atingidos pelo fogo. O aparelho desconhecido é descrito como uma nave que ataca as pessoas, sendo as mulheres as vítimas preferidas. No entanto, o jornal afirma, segundo os relatos da pequena localidade, que a luz não atacaria mais de uma pessoa ao mesmo tempo (*O Liberal*, 8 out. 1977, p. 21). Uma semana depois, o periódico daria um destaque maior ao caso, questionando se, de fato, se trataria de um disco voador o que intranquilizava os moradores de Vigia. Em meio ao pavor narrado pelo jornal, o raio passa a ser não apenas paralisador, mas também assassino, já que se falava em uma vítima no Maranhão, sendo que no Pará nenhum caso fatal foi confirmado, segundo a própria edição.



**Figura 7** O aumento das incursões dos objetos voadores com seus raios luminosos apavorou os moradores da Vigia, fazendo com que o caso ganhasse certa notoriedade no jornal *O Liberal*. O fenômeno tornava-se ainda mais perigoso porque as consequências podiam ser fatais, segundo a publicação. Moradores de casas isoladas e pessoas desacompanhadas eram as principais vítimas. Fonte: *O Liberal*, 15 out. 1977, p. 21.

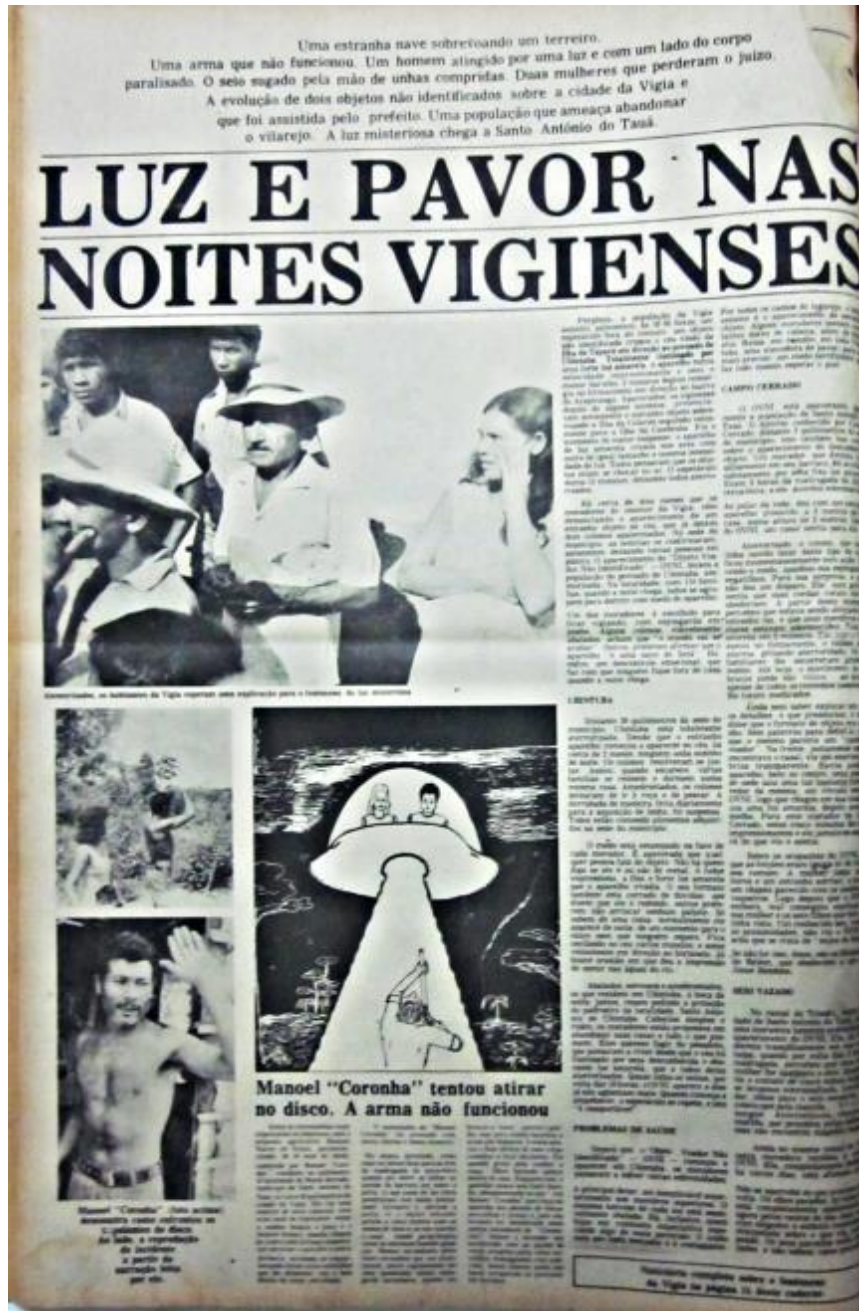
De acordo com o que identificamos nas edições analisadas, até o final de outubro de 1977, os principais jornais do Pará passaram a dedicar muito mais atenção ao fenômeno *Chupa-Chupa*. Das pequenas notas, agora eram publicados números repletos de testemunhos, fotografias e ilustrações, detalhando as evoluções nos céus dos objetos não identificados e as reações que as vítimas sofriam em seus corpos. É d'*A Província do Pará*, de 20 de outubro de 1977, que vem a edição mais densa sobre o fenômeno, publicada naquele mês. O “espetáculo inusitado” seguia deixando os moradores da Vigia e de lugarejos próximos assustados, e até o prefeito havia presenciado o fenômeno, confirmando as denúncias. Enquanto o inusitado era descrito frequentemente apenas por pessoas simples, que viviam em pequenas cidades afastadas da capital, os jornais balbuciavam o assunto. A partir do momento em que autoridades, como o prefeito de Vigia, asseguraram que realmente algo inexplicável ocorria

no interior do Pará, a notícia se valoriza e os meios de comunicação se rendem ao *Chupa-Chupa*.

Por sua vez, o sr. Francisco Meireles, adjunto do Serviço de Águas e Esgotos da Vigia, disse: “Acreditamos que os objetos que vêm sendo vistos por várias pessoas em comunidades diferentes são realmente objetos não identificados por nós da Terra. Levando-se em consideração que devem existir outros planetas habitados em nosso Universo e civilizações de um grau de desenvolvimento muito superior ao nosso, chegamos a acreditar que esses seres estejam tentando pesquisar nosso sistema de vida, nossos hábitos, etc. e ainda, talvez preparando-nos para uma futura comunicação, naturalmente quando estiverem em condições de serem por nós entendidos” (*A Província do Pará*, 20 out. 1977, p. 15).

A realidade mudara completamente. Um possível ataque em massa dos seres estranhos aterrorizava as pessoas, que ameaçavam deixar suas casas, mas recebiam perder, entre outras coisas, as poucas cabeças de gado e as plantações que mantinham. A lida com a terra, prática diária e mantida por gerações entre as famílias dos camponeses, também teve que ser repensada porque ninguém arriscava se embrenhar nas matas senão em grupo, temendo as consequências de um ataque do foco luminoso, que podia deixá-los paralisados, quiçá loucos. Para isso, ladainhas e vigílias eram feitas. Só um milagre poderia livrá-los daquilo, acreditavam os colonos (*A Província do Pará*, 20 out. 1977, p. 15).

Levando em consideração o recorte realizado entre os jornais publicados em 1977 no Pará, registramos, entre meados e fins de outubro desse ano, o momento em que o *Chupa-Chupa* ganha certa importância na imprensa local. Tentando fugir da atribuição a essa fase como a gênese desses fatos na mídia – o que só poderíamos afirmar se expandíssemos consideravelmente o período das publicações –, cremos que, apesar dos casos serem registrados, principalmente no interior do estado, longe das sedes dos jornais que se localizavam na capital, a densidade dos relatos, o número de vítimas e a semelhança entre os testemunhos (ainda que vivessem em cidades diferentes), levou a imprensa a se deter com mais atenção àquelas ideias fantasiosas para uns, sensacionalistas para outros, mas, sobretudo de interesse público. A partir disso, podemos nos deter na capacidade que os meios de comunicação têm de não apenas relatar os fatos tão simplesmente, mas também na função de atribuir determinada significação a esses fatos relatados. O *Chupa-Chupa*, que afligia parte da população paraense no interior, chegou aos leitores da capital de que forma?



**Figura 8** Reportagem publicada no jornal *A Província do Pará*, que destaca as consequências dos ataques atribuídos a uma suposta nave tripulada por um casal, que circulava pelos céus da região, gerando pavor e medo aos moradores. “O medo está estampado na face de cada morador. É apavorada que qualquer pessoa fale do objeto. Não há quem diga se ele é ou não de metal. À todos impressiona, a fixa e forte luz amarela que o aparelho irradia”. Fonte: *A Província do Pará*, 20 out. 1977, p. 16.

## 2.2. O Pará se rende às luzes misteriosas: *Chupa-Chupa* por todo lado

Ao caracterizar a comunicação de massa, John Thompson (2011) a reconhece como uma produtora e difusora institucionalizada de bens simbólicos. Ele atenta para a atividade simbólica como uma característica penetrante da vida social, levando em consideração que



existem várias instituições, desde as religiosas, passando pelas educacionais, até as midiáticas, que têm papel significativo na acumulação dos meios de informação e comunicação. No caso da mídia, sua produção é orientada em larga escala para a difusão generalizada de formas simbólicas no espaço e no tempo. A produção desse conteúdo pelas indústrias da mídia contribui para uma noção de determinado passado, se considerarmos a preservação da materialidade do que foi publicado.

[...] À medida que se recua no passado, fica cada vez mais difícil que os indivíduos tenham chegado ao sentido dos acontecimentos através de experiências pessoais ou de relatos de testemunhas transmitidas em interações face a face. A tradição oral e a interação face a face continuam a desempenhar um papel importante na elaboração de nossa compreensão do passado, mas elas operam cada vez mais em conjunto com um processo de compreensão que se serve cada vez mais do conteúdo simbólico presente nos produtos das indústrias da mídia (THOMPSON, 2011, p. 60-1).

Não podemos também supervalorizar essa entidade que tão facilmente é chamada de “mídia”, ignorando as questões de poder que envolvem a sua atuação na sociedade. Cabe aqui trazer à tona a relação que Letícia Matheus (2010, p. 112) faz entre os jornais e a memória. Segundo ela, os grandes jornais atuam como suportes de memória hegemônica, considerando o processo dialógico e polifônico que caracteriza o trabalho jornalístico. Esse conflito, entre o que deve ser dito e o que deve ser silenciado, envolve o registro diário da imprensa, que produz pontos de ancoragem para diversas memórias coletivas. E é baseado nisso que nos aprofundamos no que a imprensa paraense publicou sobre o fenômeno *Chupa-Chupa*, principalmente os sentidos atribuídos a esse conteúdo simbólico, capaz de produzir versões dos acontecimentos ocorridos, ou seja, versões de um passado que também faz parte das memórias das pessoas envolvidas, ainda que com matizes diferentes. É certo que não estamos diante de abordagens idênticas, mas as semelhanças na atuação dos grandes jornais em relação ao caso são notáveis, sobretudo na tentativa de desvinculá-lo de qualquer explicação sobrenatural e atestando o descontrole emocional capaz de popularizar a história, que passou a atingir também moradores da capital.

Antes de retomar as edições dos jornais analisados, para apresentar a maneira como o fenômeno se popularizou no Pará e na sua imprensa, convém destacar qual ideia de memória nos orienta, para que não se caia no erro de recorrer a um conceito discutido ao longo do tempo e com diferentes vertentes que precisam ser demarcadas. Maurice Halbwachs (2003) é o responsável pela noção de memória como construção social, trabalhada nas primeiras décadas do século XX, vinculando até as coisas que supostamente seriam evocadas por uma memória individual como um gesto de conscientização da representação coletiva. Seria impossível lembrarmos de algo, se não estivéssemos inseridos em determinado grupo, capaz

de nos fazer recordar a partir do outro. Apesar do apelo individual que possuem as lembranças, a memória é sempre coletiva.<sup>42</sup> Nesse caminho, François Hartog (2015, p. 159) destaca que o pensamento de Maurice Halbwachs definiu com mais clareza a divisão entre história e memória, dando relevo a uma abordagem que aponta a existência de uma história, mas de tantas memórias coletivas quanto grupos nos quais se alicerça – ainda mais em uma vida social marcada pelo aceleração –, já que elas só retêm do passado o que ainda está vivo. A compreensão da memória como fenômeno social nos é relevante, no entanto, é preciso destacar que não adotamos aqui o conceito tal como foi elaborado ainda no século XX, já que é uma ideia construída por Halbwachs num contexto completamente diferente das reflexões propostas nesta pesquisa. O que é válido retomar é a importância que os grupos e as sociedades assumem na validação dessas memórias que se reconfiguram continuamente.

Sobre a produção midiática do fenômeno *Chupa-Chupa* no final da década de 1970, período em que a imprensa escrita paraense foi hegemônica no relato e registro dos fatos, preocupamo-nos não em questionar a veracidade do ocorrido, mas considerar que a presença da imprensa em municípios relativamente distantes da capital do estado e, até então, pouco atraentes do ponto de vista da noticiabilidade, como já referido, foi relevante para a divulgação e a preservação dos fatos, contribuindo para a construção de uma memória que povoa o imaginário local até hoje. Em novembro de 1977, os principais jornais que circulavam em Belém davam amplo destaque à chegada dos focos luminosos à cidade. Não era mais apenas um problema do interior, de pessoas simples em situação precária, a cidade grande também padecia com o *Chupa-Chupa*.

Aumenta a cada dia o clima de intranquilidade entre os habitantes de diversos bairros de Belém, acentuadamente na Estrada Nova, Jurunas e Nova Marambaia, em decorrência da aparição da “luz misteriosa”, o “Vampiro interplanetário” já denominado de “chupa-chupa”. Se avoluma a cada 24 horas o número de possíveis vítimas dessa luz que deixa marcas arroxeadas no corpo, pequenas queimaduras, além de um estado combalido, ataques e desmaios e imobilização dos membros e fortes dores de cabeça que chega a provocar uma quase loucura. Um detalhe que intriga a quantos têm sido atacados pela tal luz, em sua maior parte mulheres, são pequenas marcas, como se fossem picos de injeção provocadas pelo estranho fenômeno, no seio direito das vítimas por onde grande quantidade de sangue seria sugado (*A Província do Pará*, 19 nov. 1977, p. 14).

<sup>42</sup> Ecléa Bosi (1994, p. 54-60) lembra o pioneirismo de Maurice Halbwachs ao considerar a memória como um fenômeno social, ultrapassando a reflexão do filósofo Henri Bergson, autor de *Matéria e Memória* (1896), que considerava a memória como uma reserva crescente da nossa experiência adquirida. Para Halbwachs, a memória do indivíduo terá relação direta com os grupos de convívio e de referência dos quais compartilha. Logo, memória é trabalho e o exercício de lembrar é vinculado a um processo de reconstrução das experiências do passado com as ideias e imagens que dispomos atualmente. Por isso, uma segunda leitura de um livro nunca será igual à primeira, as memórias do término de um relacionamento traumático certamente mudarão ao longo do tempo, assim como as lembranças dolorosas da perda de um familiar (Halbwachs cita o exemplo do pai morto). Nessa discussão, o pensamento de Heráclito de que não se banha duas vezes no mesmo rio é muito bem-vindo.

A coluna *Repórter 70*, do jornal *O Liberal*, havia publicado na véspera da edição d'A *Província*: "Vai pegar em Belém a mania da 'luz da Vigia'". Curiosamente, o próprio *O Liberal* já tinha noticiado que novas pessoas foram atacadas pelo *Chupa-Chupa*, agora nos bairros de Belém. A "mania da luz" já era realidade na capital: "[...] Vai ser uma gracinha. Muita gente vendo a luz, mas ninguém provando que ela existe realmente" (*O Liberal*, 18 nov. 1977, p. 3).

Os casos despontavam pelos bairros de Belém, mas não apenas na periferia, como profetizado na nota publicada pelo jornal. Em meio aos boatos e dezenas de vítimas, muitas pessoas abaladas e fragilizadas emocionalmente recorreram ao Pronto Socorro Municipal, que atendia frequentemente os atingidos pela luz. O clima de intranquilidade e insegurança era um dos pontos mais destacados e agitava também a rotina das redações dos jornais: "Em nossa redação, são frequentes os telefonemas recebidos informando sobre aparições do objeto, geralmente definido como sendo uma luz que atravessa a noite em direção de [ilegível] vítimas, deixando-as paralisadas" (*O Liberal*, 17 nov. 1977, p. 21).



**Figura 9** Apesar da falta de provas, segundo o jornal, as vítimas do foco não paravam de chegar ao Pronto Socorro Municipal de Belém. O periódico destacava que a população suburbana da cidade vivia dias angustiantes por conta dos acontecimentos, mas não havia uma explicação plausível para o que ocorria. Fonte: *O Liberal*, 17 nov. 1977, p. 1.

Estabelecendo certa distância dos mistérios que assolavam a Amazônia em 1977, vale mencionar o inusitado dia 30 de outubro de 1938, principalmente para os ouvintes da Rádio CBS (*Columbia Broadcasting System*), dos Estados Unidos. Uma notícia em edição extraordinária interrompeu a programação musical para anunciar: os marcianos estavam invadindo o país. Inspirado no livro *A Guerra dos Mundos*, de H. G. Wells, o ator e diretor de cinema Orson Welles transformou a obra em um programa dramatizado, que relatava a chegada de naves espaciais à Nova Jersey. Acredita-se que cerca de seis milhões de pessoas ouviram o programa, sendo que muitos não sabiam que se tratava de uma edição semanal de radioteatro transmitido pela emissora. O pavor tomou conta das ruas, bloqueando as linhas telefônicas e gerando congestionamentos diante do iminente ataque de seres extraterrestres.<sup>43</sup> Nossa análise não se atenta à produção radiofônica, nem a peças ficcionais, se preocupa com as publicações dos jornais. Recorremos ao memorável caso norte-americano para relacioná-lo com alguns elementos utilizados pelos jornais na cobertura do fenômeno *Chupa-Chupa*.

A cada dia que passa, as vítimas do misterioso “chupa-chupa”, “disco-voador”, “foco do diabo”, “luz estranha”, “arreatador” e muitos outros nomes dados pelo povo, ao inexplicável fenômeno do espaço, aumentam assustadoramente. Ontem, mais de seis pessoas foram atingidas em diversos bairros de nossa cidade.

[...]

Credence ou não, estórias de discos-voadores, homens verdes, focos de luz, bola de fogo, etc. acompanham o homem desde que o mundo é mundo. Não é uma simples questão de mais ou de menos cultura das pessoas diretamente ligadas a essas aparições, pois muitos depoimentos têm sido prestados por gente às vezes de considerável respeitabilidade no mundo social. Contudo, há período em que essas manifestações se tornam acentuadas, predispondo considerações de todo o tipo, nas quais se entremeiam gozações e pitadas de seriedade (*O Estado do Pará*, 18 nov. 1977, p. 12).

*O Estado do Pará* produziu uma série de reportagens para tentar explicar o fenômeno que apavorou o interior e chegara a Belém. É uma das edições mais completas, com relatos de vítimas, posicionamento de autoridades e, na tentativa de compreender o caso, são resgatadas as mais diferentes teorias, baseadas na bíblia e em outros mistérios, como a construção das pirâmides do Egito e o desaparecimento de navios no Triângulo das Bermudas, no Mar do Caribe. Não à toa, o jornal anunciava para a próxima edição: “Amanhã: a invasão dos marcianos”, lembrando bem Orson Welles nos EUA de 1930. A população da capital pode não ter se preparado, como os americanos, para a invasão das naves extraterrestres que supostamente estavam chegando à Nova Jersey, mas não se falava em outra coisa na cidade,

<sup>43</sup> Cf. MEDITSCH, Eduardo. **Rádio e pânico**: A Guerra dos Mundos 60 anos depois. Florianópolis: Editora Insular, 1998. Disponível em: <[https://issuu.com/anacarolinadomingues/docs/radio\\_e\\_pânico\\_i\\_1998](https://issuu.com/anacarolinadomingues/docs/radio_e_pânico_i_1998)> Acesso em 10 jun. 2016.

assim como era grande o temor de qualquer um tornar-se a mais nova vítima do foco luminoso, foco do diabo, luz estranha. Belém estava de olho no céu.

As aparições do foco em Belém ganharam força a partir dos episódios narrados por moradores de municípios da Vigia e Mosqueiro. Em pouco tempo, a luz começou a rondar as cercanias da cidade, aparecendo em Icoaracy. Agora, não há mais um local fixo: tanto pode ser no Jurunas, na Marambaia, como no pacato bairro Comercial. Os boatos que engordam as manhãs das narrativas do belenense, à noite se transformam em temerosas conversas de vizinhos e familiares. Uma senhora, residente no bairro da Cremação afirma que ainda não viu o foco “chupa-chupa”, mas tem muito medo que ele apareça em sua casa (*O Estado do Pará*, 18 nov. 1977, p. 12).

O sobrenatural tomava conta das versões relatadas. Sabia-se detalhadamente das reações que o corpo sofria ao ser atingido pela luz, mas não se via nenhuma ação capaz de garantir à população que não haveria mais ataques. Da mesma forma que no interior do estado, evitava-se também sair à noite nos bairros de Belém que já tinham registrado vítimas.

**O ESTADO DO PARÁ**  
 ANO LXV Nº 19.330  
 BELÉM, SEXTA-FEIRA 18 DE NOVEMBRO DE 1977  
 CAPITAL CR\$ 3,00 INTERIOR CR\$ 3,80

O dedo indica o mistério. A "luz" espalha susto e a cidade inteira não fala de outra coisa.

A "Maria-Fumaça" pede passagem para mostrar seu abandono, em Benevides. Veja na página 9 do primeiro caderno.

# BELÉM DE OLHO NO CÉU

Aracy dá vida jurídica à FADESP

INCRA vai sustar assentamentos

— Apareceu mesmo, não é mentira! O estado da PM José Maria Albertão não queria falar, por falta de ordem superior. Com a insistência, ele contou tudo. A professora Rosalinda Cruz, afirma que estava sendo "sugada" por um "foco de luz vermelha e branca", enquanto sua irmã dormia sua "bebê" gravida. Quando torto.

Estes são apenas mais duas "aparições" de astral "luz", "foco vermelho" de "disco-voador", inventadas pela equipe de O ESTADO, muitas sobre os reportagens que seu repórter telefonou que está deixando Belém de olho no céu. (Página 12 do primeiro caderno)

Lourenço Viana da Silva, Presidente do INCRA, recebeu ontem em seu gabinete, em Brasília, uma comissão de propósitos de trazer ao Sul do Pará, sobrestado pelo governador Jorge Arango e pelo Prefeito de Cotacaciã do Alagoas, que foram tentos e pediu providências contra a ação de órgãos federais na questão do assentamento de projetos, operando os próprios que possuem títulos concessivos, e não autorizados. O Presidente do INCRA, garantiu, que deveria avaliar cuidadosamente estes procedimentos e cancelar os projetos que não foram autorizados em terras do INCRA. (Página 7).

**Figura 10** O fenômeno *Chupa-Chupa* deixa Belém atenta aos movimentos no céu. Na chamada de capa: “A luz espalha susto e a cidade inteira não fala de outra coisa”. O pânico geral não era consequência de uma produção ficcional interpretada equivocadamente: as vítimas do *Chupa-Chupa* pululavam e a inércia das autoridades só agravava a situação. Fonte: *O Estado do Pará*, 18 nov. 1977, p. 1.

A *Província do Pará* buscava sempre o discurso científico e/ou religioso para questionar o relato dos moradores. Um frei católico e um pastor protestante apresentaram suas versões: o primeiro destacava a ausência de base científica para o que ocorria, o segundo atribuía o fenômeno às profecias bíblicas sobre o fim do mundo. Elucubravam-se várias explicações, com diferentes personalidades da capital, mas nada contundente a ponto de confirmar ou não o que as vítimas diziam. O caminho que se seguiu foi utilizar um tom jocoso para falar sobre as aparições e também recorrer à ciência para justificá-las, puro e simplesmente, como consequência de histeria coletiva que comprometia a ordem social. O “vampiro interplanetário” não resistiria ao discurso científico de médicos e psicólogos: “[...] Não se tem conhecimento de alguma providência que por acaso esteja sendo tomada para pelo menos tranquilizar parte da população que está sendo vítima de auto-sugestão e crises de histeria” (*A Província do Pará*, 19 nov. 1977, p. 14).



**Figura 11** Cerca de um mês depois dos ataques no interior, o “vampiro interplanetário” chegou a capital paraense e suas vítimas eram, em sua maioria, mulheres. A preocupação havia aumentado depois dos ataques terem chegado às “massas mais esclarecidas” da capital, como registra o jornal. Fonte: *A Província do Pará*, 19 nov. 1977, p. 14.

### 2.3. O desaparecer das luzes: o *Chupa-Chupa* sucumbe à pilhéria e à razão

Até aqui talvez já seja mais fácil identificar a postura editorial tomada pelos principais jornais paraenses na cobertura dos focos luminosos: depois de certa discricção, as folhas se renderam ao mistério, que se tornou assunto predominante entre as famílias da capital e do interior. Contudo, optamos por criar este tópico para refletir sobre o esmaecimento da pauta nos jornais analisados. Em determinado momento, sob o ponto de vista da imprensa, tudo foi ocupando seu devido lugar, o pavor do *Chupa-Chupa* sumiu, as vítimas retomaram suas vidas e a história ficou registrada nas páginas dos periódicos e nas memórias daqueles que vivenciaram o fenômeno. A reflexão de Michael Pollak (1989, p. 9) é relevante porque, a partir da ideia dos enquadramentos da memória, definem-se e reforçam-se os “sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes”. Essa constituição de sentimentos de pertencimento estabelece a relação entre memória e identidade, que também se assemelham por estarem envolvidas em processos de construção de sentidos. Matheus (2010, p. 112) lembra que o suporte essencial da memória são os homens e suas ações, o que garantiria a sobrevivência das “memórias subterrâneas”<sup>44</sup> ainda que em condições desfavoráveis. Não podemos elevar à condição de memória oficial do *Chupa-Chupa* o que fora publicado pelos jornais, mas é preciso pontuar que esses registros, marcados por enquadramentos e disputas, ganham importância já que se refere a uma história pouco contada, sem explicação definitiva, e baseada, principalmente, nos relatos das vítimas.

Os jornais, além da produção e difusão dos acontecimentos por meio de formas simbólicas, passam a arquivá-los em sua materialidade. Determinadas versões de fatos do passado podem até ser conhecidas a partir da leitura dos jornais, mas deve-se deixar claro que nesse material há apenas um enquadramento desse passado: está ali o que foi considerado publicável, o que merecia destaque.<sup>45</sup>

---

<sup>44</sup> Conceito definido por Pollak (1989), as memórias subterrâneas dizem respeito às memórias de grupos excluídos, exterior ao que é definido como oficial. Segundo ele, é preciso que os estudos da memória levem em conta os processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e formalização das memórias (POLLAK, 1989, p. 4).

<sup>45</sup> Nesse processo, o trabalho dos jornalistas, que se baseia no que dizem as “testemunhas autorizadas”, é essencial: “Os meios de comunicação não são os únicos, mas são hoje um dos principais atores na realização do trabalho de enquadramento dos acontecimentos do presente e também do passado das coletividades. É através deles que se realiza a operação da memória sobre os acontecimentos e as interpretações que se quer salvaguardar. O controle da memória social parte de ‘testemunhas autorizadas’, e o jornalista, mediador entre fato e o leitor, interfere neste processo não só enquadrando os fatos, mas reconstruindo valores e identidades sociais” (RIBEIRO; BRASILIENSE, 2007, p. 222).

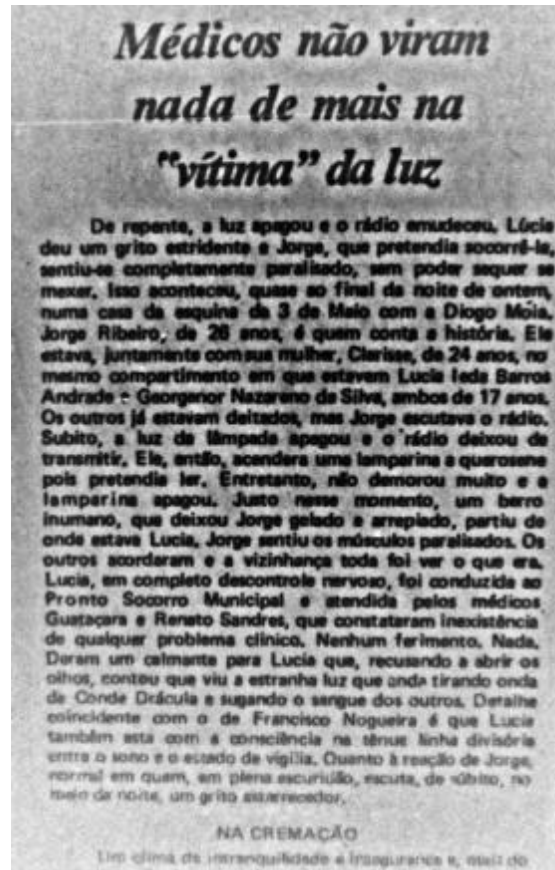
As luzes do *Chupa-Chupa* ainda refletem nas páginas dos jornais paraenses em novembro de 1977, mas em dezembro o assunto perde força. Após a sensação do imprevisível instalada na sociedade, sobejamente atingida pelo fenômeno e pelas notícias, nos próprios periódicos percebe-se uma orientação de matérias que desconstroem a seriedade no caso e até asseveram que tudo não passava de fantasia e neurose coletiva. Além do medo, o foco misterioso passou a fazer rir (pelo menos era o que pretendiam os jornais). Mas antes de chegarmos às “Folias do Chupa-Chupa”, falemos sobre os paladinos da ciência e da razão que, munidos de laudos detalhados, tentaram afastar a aura sobrenatural da história.

Depois de ouvirem psicólogos, antropólogos, pais-de-santo, pastores e padres, o discurso médico assume a dianteira na missão de finalizar os boatos e explicar o que, até então, não tinha explicação. Em *O Liberal*, de 17 de novembro de 1977, uma vítima chamada Lúcia foi encaminhada ao Pronto Socorro Municipal. Atendida por dois médicos, o diagnóstico foi que não havia qualquer problema clínico, nenhum ferimento. O único medicamento que Lúcia tomou foi um calmante. Nas palavras do jornal, a vítima contou que viu a estranha luz “que anda tirando onda de Conde Drácula e sugando o sangue dos outros”. Na mesma edição, outra pessoa tinha sido atingida e a explicação “mais aceitável” era de que Francisco Nogueira havia sido traído pelo seu próprio subconsciente, motivado pela autossugestão, quando alguém exerce sobre si mesmo determinada ideia provocando alterações comportamentais.

[...] Durante toda a tarde, como ele mesmo contou à reportagem, ele estivera, juntamente com a turma de rapazes do bairro, conversando sobre discos voadores e as luzes estranhas que tem aparecido no Maranhão e em diversas localidades paraenses. Católico convicto e leitor assíduo da Bíblia (conforme ele mesmo conta), tentara convencer seus interlocutores que tais aparecimentos misteriosos já eram previstos nas Sagradas Escrituras. Pouco depois, quando já se encontrava estudando, tarde da noite, ouvira, pelo rádio, a notícia de que luzes misteriosas haviam sido avistadas no bairro do Jurunas, na rua São Miguel, pras bandas da Estrada Nova. Com todas essas imagens no subconsciente, Francisco, com sono e a vista muito cansada pela leitura, ficou semi-adormecido, na rede. Do teto, sobre o seu rosto, pendia uma potente lâmpada de 60 velas. Na fronteira entre o sono e a vigília, com as imagens do dia, em que a luz fora o principal assunto, aflorando a mente, ele acorda assustado. Ao abrir a vista, a lâmpada transformou-se num clarão de luz vermelha. Nada mais natural. Isso aconteceria com qualquer um, em idênticas condições (*O Liberal*, 17 nov. 1977, p. 22).

Nada demais no comportamento de Lúcia. Nada demais no comportamento de Francisco. A hipótese de que os subconscientes das pessoas eram os responsáveis pelas visões, ainda mais numa sociedade em polvorosa pela frequência dos ataques, jogava no campo da fantasia qualquer interpretação que fugisse à regra que passava a ser estruturada no ponto de vista racional dos médicos que atendiam e diagnosticavam as vítimas.





**Figura 12** *O Estado do Pará* apresentava a interpretação de médicos após o exame das “vítimas” (com aspas) do *Chupa-Chupa* que chegavam ao Pronto Socorro Municipal. De maneira tímida, o periódico atribui ao subconsciente o comportamento inexplicável das pessoas que supostamente foram atingidas pela luz. Isso seria comum nos outros jornais, que deram ainda maior notoriedade a esse discurso. Fonte: *O Estado do Pará*, 17 nov. 1977, p. 22.

“O problema é puramente médico”, dizia o então secretário de Segurança Pública, Flarys Guedes de Araújo, a um repórter do jornal *O Estado do Pará*. A orientação dada às vítimas era que procurassem um médico ou tomassem um calmante. Luz não existia, senão na imaginação das pessoas. No entanto, o *Chupa-Chupa* continuava a ser assunto preferido entre a população de Belém: “É só no que se fala com as mais espalhafatosas, dramáticas, engraçadas e criativas versões” (*O Estado do Pará*, 20 nov. 1977, p. 1). Nessa edição, na seção “É isto que o povo acha”, diferentes opiniões entre estudantes, cientistas, religiosos e donas de casa, colocam em discussão o tema, sem chegar a um consenso: profecia bíblica, imaginação de um povo simples, necessidade de conversar com uma pessoa “mais culta” antes de espalhar qualquer boato e sempre dar atenção ao que psiquiatras e sociólogos estavam dizendo, era a orientação/justificativa dos entrevistados para o fenômeno.

[...] Se fosse preciso eu ficar de plantão, esperando por esse tal de “Chupa-Chupa”, eu ficava, sem medo. Pois sei que ele não me faria nenhum mal; se ele fizesse, eu correria logo para a Aeronáutica. E estou à disposição. Se ela precisar de mim pra fazer experiências, pode vir me buscar. Se não for pra mim (sic) morrer, tudo bem [Regina Lucimar Santos, doméstica] (*O Estado do Pará*, 20 nov. 1977, p. 12).

Ainda assim, apesar da menor frequência, novos casos eram registrados: o jornal trazia o depoimento de um motorista de táxi, de Belém, e de um pescador, de Benevides, que teriam sido atingidos pelo foco. Na véspera, o psiquiatra José Cutrim engrossava o discurso que atribuía os episódios, julgados sobrenaturais, a uma neurose coletiva: “[...] Essas manifestações não só realmente acontece em indivíduos fracos. É mais provável que isso ocorra com pessoas inseguras, podendo até conduzir a psicose, se a pessoa se impressionar muito com o que imaginou” (*O Estado do Pará*, 19 nov. 1977, p. 12).



**Figura 13** *O Estado do Pará* também destaca o discurso científico para justificar os inexplicáveis casos de vítimas do “foco”. Nem extraterrestes, nem luz sugadora, nem objetos voadores metálicos emitindo raios: tudo não passa de imaginação de pessoas simples, asseguravam. Fonte: *O Estado do Pará*, 20 nov. 1977, p. 1.

Em 20 de novembro, *A Província do Pará* publica sua última edição sobre o fenômeno em 1977. O destaque era para um médico que havia examinado as vítimas de Belém e diagnosticado que “as visões observadas por algumas pessoas atacadas pelo ‘vampiro extraterreno’ são frutos do estado d’alma, em sintonia com o inconsciente produzindo uma excitação psicomotora”. Em nove pontos, o médico retomava a ideia de que tudo não passava de neurose coletiva e atribuía aos “meios de comunicação mal orientados” o pânico nos habitantes de “menor poder de raciocínio”. Entre as disputas narrativas que se travaram na

cobertura sobre o *Chupa-Chupa*, o discurso científico se sobrepôs aos testemunhos dos moradores, e o “vampiro interplanetário” encerrava sua aventura assumindo o lugar de credence popular, pelo menos entre aqueles que se consideravam de alto nível intelectual.

[...]

9 – Resumindo: a população de Belém pode ficar tranquila, devido não ser realidade a existência de nenhum ser sobrenatural ou extraterreno atacando as pessoas, principalmente moças. As pessoas porventura apavoradas com a falsa ideia de serem atacadas devem ser encaminhadas a um psicólogo. Finalmente: **os meios de comunicação devem esclarecer os fatos procurando incutir na população segurança e nunca insegurança** (*A Província do Pará*, 20 nov. 1977, p. 16, grifos nossos).

Para Orlando Zoghbi, médico entrevistado pelo jornal, não havia dúvidas que o comportamento da população de Belém sofreu influência da cobertura realizada pelos meios de comunicação sobre o *Chupa-Chupa*. Se o “vampiro extraterreno” se popularizara daquele jeito, gerando pavor, a responsabilidade também era dada à atuação de veículos de comunicação mal orientados. Era preciso dizer o quanto antes: “*Chupa-Chupa* é só fantasia”.



**Figura 14** Em Belém, três mulheres atingidas pela luz foram examinadas pelo médico, que levou em conta no diagnóstico: os lugares em que as vítimas viviam, todas eram do subúrbio; a idade, elas eram adolescentes, “fase dos sonhos”, segundo ele; e as reações no corpo como consequência de excitações psicomotoras. Fonte: *A Província do Pará*, 20 nov. 1977, p. 16.

Quem caminha pela região central de Belém se depara com alguns patrimônios arquitetônicos construídos no final do século XIX, período marcado pelo ciclo áureo da borracha, dos quais se destaca a Caixa d'água de São Brás. Visivelmente abandonada, mas ainda em funcionamento, a caixa d'água foi inaugurada em meados de 1880, sendo construída com ferro produzido na Europa e tem cerca de 20 metros de altura. Pode parecer estranho trazer essa história nesse momento, mas isso teria relação, segundo os jornais, com as especulações feitas sobre a construção, numa cidade tomada pelo pavor das naves espaciais que emitiam luzes. A caixa d'água virara um “disco voador disfarçado”, segundo *O Estado do Pará*. O relato, longe de ser verdadeiro, está entre as piadas e brincadeiras que o inexplicável fenômeno inspirava.

A antiga caixa d'água, existente em São Braz, instalada pelo extinto Departamento de Águas, foi identificada por um popular atingido pela propalada “neurose corretiva”, como um disco voador disfarçado, o que o fez correr em pânico, como se um exército de seres extra-terráqueos fosse iniciar um ataque fatal de raios a qualquer momento.

O homem, aos gritos, apontava para o “objeto” – só por ele – “não identificado” dizendo ter visto os raios e os focos saírem dali e aos que tentavam acalmá-lo, instigava a fugir. Como ninguém conseguia convencê-lo do contrário, finalmente, deixaram-no fugir sozinho (*O Estado do Pará*, 21 nov. 1977, p. 3).

Com o mesmo propósito da última nota, em *O Liberal*, a coluna *Repórter 70* levou a polêmica das luzes ao meio político de Belém, descrevendo a iniciativa de alguns vereadores clamando para que o então prefeito Ajax d'Oliveira resolvesse o problema das “visagens que atormentam os subúrbios”. A nota termina destacando que o problema da luz na cidade não dizia respeito ao prefeito, mas à concessionária de energia elétrica. O *Chupa-Chupa* era inspirador para redatores e jornalistas: além do medo, agora servia de galhofa para os problemas da cidade.

[...] Além do mais – acentuava ainda o observador – deve-se notar que, legalmente, o problema da luz em Belém não é de alçada de Ajax, mas sim da Celpa [concessionária de energia elétrica]. A esta, por sinal, deveriam dirigir-se os vereadores para estudar a possibilidade do aproveitamento da luz misteriosa no abastecimento de Belém que se ressentia, nas horas do pique, da falta de produção suficiente de quilotes (sic) para atender a demanda da população, desde que – frizava (sic) o observador – a luz misteriosa seja produzida em 60 ciclos, já que, com 50 ciclos, ela vai ter de ir para o Paraguai (*O Liberal*, 19 nov. 1977, p. 3).

Nada mais conveniente que encerrar este tópico retomando as “Folias do Chupa-Chupa”, publicado em *A Província do Pará*, e exemplo do tom jocoso, que também ganhava espaço nos jornais, em relação ao fenômeno. No entanto, nas próprias reportagens sobre o episódio tinham lugar as versões que gozavam do caso, como em *As estórias que o povo anda contando*. Entre elas, destacamos:

Na Avenida Roberto Camelier um “disco-voador” atropelou um garoto que foi levado ao Pronto Socorro Municipal, sendo grave seu estado de saúde. O condutor do “disco-voador” negou prestar socorro à vítima, fugindo em espantosa velocidade rumo ao espaço.

O sangue sugado estaria sendo usado por um outro país para remédio que curaria doença grave. Como o governo brasileiro negou a doação espontânea, o chupa-chupa faria o trabalho então.

[...]

Um casal teria pedido desquite ontem no Fórum. O marido ao chegar em casa, após o banho, o jantar e a novela, foi deitar junto com a esposa, que lhe mostrou o seio cheio de marcas, dizendo ter sido vítima da luz misteriosa. A versão não convenceu e agora o lar será destruído. O marido diz que o ‘ricardão’ aproveitou a “deixa” para jogar a culpa na tal luz misteriosa (*A Província do Pará*, 19 nov. 1977, p. 14).

Essas versões vinham na parte inferior da página, acompanhando as principais notícias sobre as vítimas, mas não eram publicadas constantemente. Vale mencionar que o jornal possuía em sua edição um espaço dedicado ao *Jornaleco*: neste caso, comentavam-se, com muita irreverência, os assuntos que eram discutidos na cidade e publicados pela imprensa. O *Chupa-Chupa*, obviamente, não escaparia à língua afiada do *Jornaleco*, que fazia questão de lembrar o personagem decano dos vampiros, inclusive dos vampiros interplanetários: o Conde Drácula. As aparições serviam de inspiração até para compositores, como Joacy Canoa de Índio, autor da “Marcha do Chupa-Chupa”, com a qual encerramos a parte dedicada à análise das publicações dos jornais de Belém sobre o fenômeno.

Neste mundo acontece cada coisa  
Muito difícil de se acreditar  
Agora inventaram um tal de Chupa-Chupa  
Aparecendo em Belém do Pará

Eu já até tenho medo de sair  
E, encontrar o Chupa-Chupa por aí  
Pois ele Chupa, Chupa,  
Chupa mesmo pra valer  
Vai chupando até a gente desaparecer

Se, por acaso, o Chupa-Chupa lhe encontrar  
Não tenha medo não se apavore não  
Peça ligeiro pra ele ir chupar  
Toda sujeira de lá da Cremação  
 (“Folias do Chupa-Chupa” em *A Província do Pará*, 20 nov. 1977, p. 16).

#### **2.4. Dos relatórios militares, uma investigação sigilosa: as luzes e a segurança nacional**

Às 22h, nas noites de 1977, a luz elétrica era suspensa em Colares, só retornando no outro dia. Com isso, eram as chamas de lamparinas, velas, candeeiros e fogueiras que traziam um pouco de luminosidade para aquele lugar, onde todos estavam amedrontados e, ao mesmo tempo, atentos para a vastidão negra do céu, que já não abrigava apenas as estrelas.

Cumprindo a nova rotina estabelecida na cidade após os ataques luminosos, a lavradora Claudomira Rodrigues da Paixão, de 35 anos, foi dormir com os filhos na casa de uma prima, onde também estariam outras famílias dispostas a fazer vigília e orações. Na noite de 18 de outubro de 1977, Mirota, como era chamada, se tornaria mais uma vítima do *Chupa-Chupa*.<sup>46</sup> Aproximadamente uma hora depois da suspensão da energia elétrica, no quarto onde dormia, ela sentiu uma luminosidade percorrer seu corpo, como uma lanterna, e se fixando em seu seio esquerdo, sugando-o. A luz então desceu para sua mão direita, momento em que teve a sensação de ser picada por uma agulha. A vítima relata que tentou gritar por socorro, mas teve seu corpo parcialmente paralisado e com um estranho torpor, seguido de dores na cabeça e na mão direita, amortecimento do lado esquerdo do corpo e grande calor localizado no seio (FERNANDES; BARBOSA, 2016, p. 49-50). Foi com essa história, ouvida ainda na infância, que conheci os relatos do foco misterioso que apavorou Colares: Claudomira,<sup>47</sup> que faleceu em meados dos anos 1990, era irmã de minha avó materna e seu depoimento foi registrado em um dos relatórios<sup>48</sup> produzidos pela Aeronáutica, durante a Operação Prato.

Jacques Le Goff (2012, p. 519-20) afirma que o documento “é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”. Somente a partir da análise do documento enquanto monumento é que se dá à memória coletiva a possibilidade de recuperá-lo. Os documentos da operação que investigou o *Chupa-Chupa* foram produzidos pela Força Aérea Brasileira (FAB), responsável pela missão e mantenedora, por anos, do sigilo dos relatórios. Com a transição do regime ditatorial para o democrático,

---

<sup>46</sup> O jornal *O Estado do Pará* (2 nov. 1977, p. 12) noticiou que uma senhora chamada “Clodomira” foi atacada pela luz em Colares. Acreditamos que se trata da mesma pessoa: “No centro da cidade de Colares, uma certa dona Clodomira, com febre alta e sinais no seio e no braço direito, evidenciando ter sido focalizada pela luz esverdeada, procurou atendimento médico. Ela não soube contar muitos detalhes do que havia acontecido. Logo depois foi um rapaz que surgiu com uma estória parecida, apresentando marcas salientes pelo corpo. Eles foram mandados para a cidade da Vigia”.

<sup>47</sup> No final dos anos 1980, Daniel Rebisso Giese (1991, p. 85) entrevistou Claudomira, que relatou sua experiência: “Na época do ‘chupa’ a gente não dormia direito. Todo mundo tava com medo dos aparelhos e por causa disso fomos dormir na casa de minha prima, Maria Isaete de Pantoja, bem aqui perto de casa. O pessoal já tava reunido e logo tratei de arrumar um lugar pra dormir. Coloquei a minha rede bem perto da janela, coberta com um pedaço de plástico. Vesti o meu camisão estampado e logo me deitei. Lá por volta da meia-noite, acordei com um forte clarão, uma espécie de foco de cor verde-claro, descia bem em cima do meu peito, do lado esquerdo. Tentei gritar, mas a minha voz não saiu. Sentí uma queimadura... depois aquele foco de luz foi recolhendo e vi que tava toda queimada... Tudo foi muito rápido”.

<sup>48</sup> Duas fontes facilitaram a nossa chegada aos relatórios, ou parte deles: 1) organizadas de maneira avulsa, tivemos acesso a algumas páginas por meio da ferramenta de busca no site do Arquivo Nacional (<http://www.arquivonacional.gov.br>); 2) o editor da *Revista UFO*, ufólogo Ademar José Gevaerd, disponibilizou em 18 de junho de 2016, após solicitação via e-mail ([operacao.prato@ufo.com.br](mailto:operacao.prato@ufo.com.br)), o que seria 10% do material produzido pela Força Aérea Brasileira (FAB) durante a Operação Prato. Segundo ele, o comandante da missão, coronel Uyrangê Hollanda, confirmou em entrevista em 1997 que aproximadamente duas mil páginas teriam sido escritas durante a investigação.

ufólogos brasileiros se uniram numa campanha voltada para a liberação de informações sobre as ações militares que investigaram OVNI's no espaço aéreo nacional. Em 2007, a Aeronáutica entregou ao Arquivo Nacional aproximadamente sete mil páginas de documentos dessa natureza, com aproximadamente 150 sobre a Operação Prato. Os vestígios confirmam a intervenção de militares no interior do Pará, com o propósito de investigar e solucionar o problema. Se até aqui estivemos debruçados nas páginas dos jornais, analisando sua abordagem sobre o fenômeno, agora, sob um novo ponto de vista, temos outros textos memoráveis, de natureza diferenciada, que se referem à mesma questão.

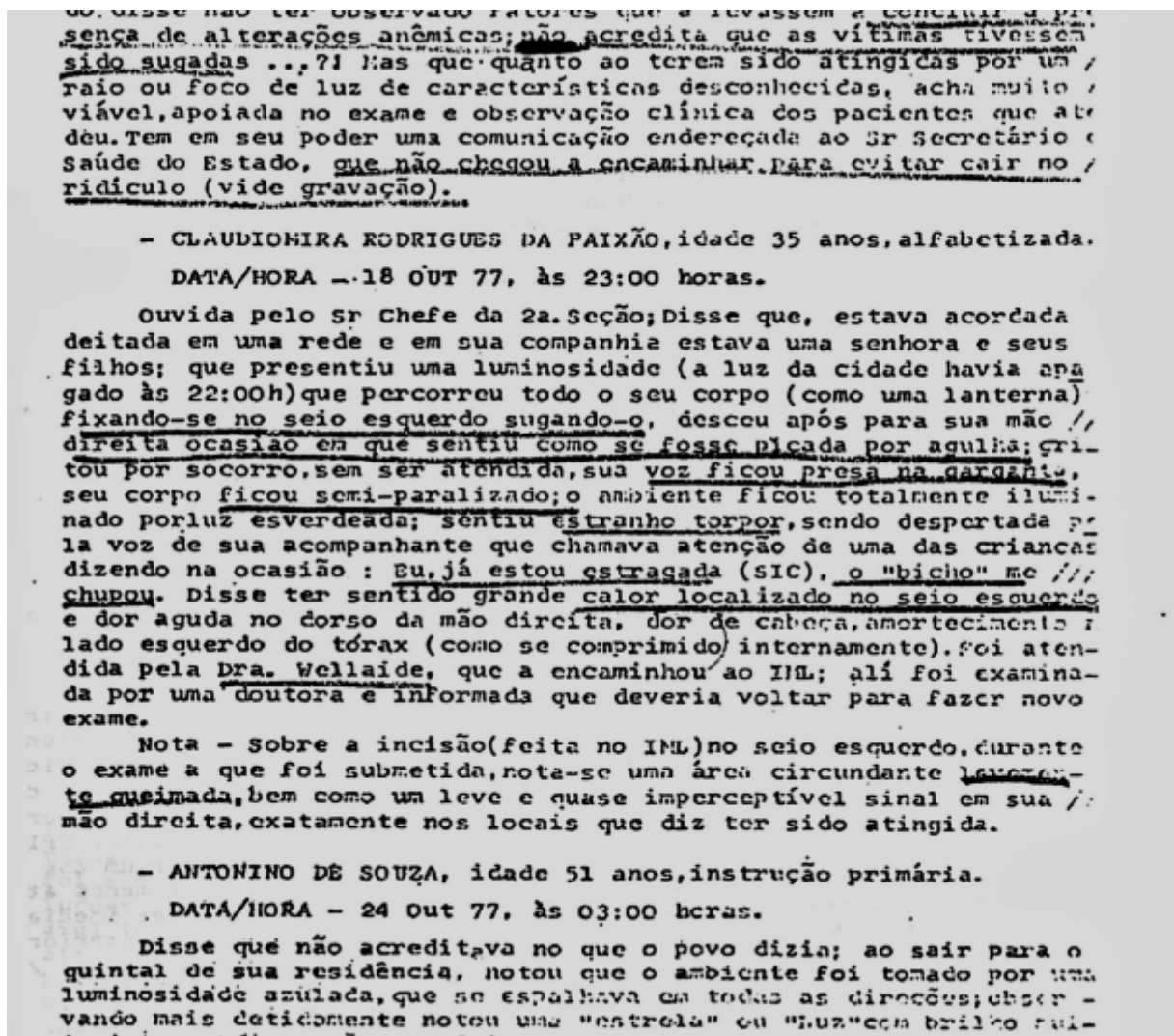


Figura 15 “O bicho me chupou” foram as palavras de Claudomira Rodrigues da Paixão, logo após ter sido atacada pela luminosidade intensa e misteriosa que tomou conta do quarto onde estava, como registrou um dos relatórios militares. Fonte: RELATÓRIO DE MISSÃO – OPERAÇÃO PRATO, 1977, p. 23.

Em pequena nota, o jornal *A Província do Pará* traz as considerações sobre a atuação do Comando Aéreo Regional nas localidades onde se registravam vítimas do *Chupa-Chupa*. No canto da página, o texto destaca o posicionamento do tenente-coronel Camilo, oficial

assistente nas investigações, que é categórico ao afirmar que tudo se tratava apenas de ilusão de ótica, justificando-se pelo “baixo nível intelectual” da população:

[...] “Os moradores confundiram os satélites artificiais existentes na região e os meteoritos que riscam os céus, com naves extraterrenas.

As reações orgânicas que sofrem as pessoas que travam conhecimentos com os seres ditos interplanetários, – comentou – são provenientes de uma reação de temor. Tudo tem por causa os vários comentários prematuros sobre o problema. As pessoas que falam desconhecem qualquer senso de lógica.

[...] Se realmente o problema vir a se tornar realidade, o mesmo será encaminhado ao Ministério da Aeronáutica, para que com a supervisão de ‘experts’ consiga se chegar a uma resposta objetiva sobre o problema”, concluiu o tenente-coronel Camilo (*A Província do Pará*, 5 nov. 1977, p. 11).

Relacionar os avistamentos a uma confusão entre satélites e meteoritos encerraria um debate que na imprensa só estava começando. A ideia de que as testemunhas e supostas vítimas não possuíam qualquer senso de lógica, incapacitando-as de analisar a situação com considerável discernimento, não impediu que o Ministério da Aeronáutica, por meio da FAB, já tivesse realizado uma missão no interior do Pará, iniciada antes da publicação da nota no jornal. Os relatórios que levamos em conta aqui já registravam, desde outubro de 1977, depoimentos de vítimas e avistamentos de corpos luminosos pelos céus de cidades do interior paraense, especialmente Colares, Santo Antônio do Tauá e Santo Antônio de Umbituba. Esses documentos têm como base os relatos de moradores e as observações da equipe militar na região. O início de tudo, como aponta Paul Ricoeur (2007, p. 156), não está nos arquivos, mas nos testemunhos que nos asseguram que algo aconteceu e que alguém atesta ter assistido pessoalmente. Foram muitos os que assistiram as evoluções do *Chupa-Chupa* no Pará, atestam os documentos. Optamos por destacar os relatos dos moradores de Colares, sintetizando as informações registradas. Nome, idade, escolaridade, data e hora da ocorrência são categorias que as páginas confidenciais do 1º Comando Aéreo Regional trazem, além de uma síntese do episódio vivenciado por essas pessoas e descrito em discurso indireto. Na Tabela 3, enumeramos as testemunhas que só avistaram corpos luminosos e as vítimas que, além de presenciar o inusitado, sofreram reações em seu corpo.

**Tabela 3**

Vítimas e testemunhas do município de Colares, registradas no Relatório de Missão da Operação Prato, realizada em 1977 no Pará.

<b>Vítima ou Testemunha</b>	<b>Idade (anos)</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Data / Hora da ocorrência</b>	<b>Avistamentos</b>	<b>Reações no corpo (caso de ataque)</b>
José Jorge dos Santos	48	Instrução primária	23 out. 77 / 1h	Foco de luz penetrando o telhado	Intenso calor e amortecimento na região direita do pescoço, torpor, dor de cabeça e sonolência



Domingas Maria dos Santos	22	Instrução primária	23 out. 77 / 1h	(Só confirmou o depoimento do pai)	-
Selma Maria dos Santos	21	Instrução primária	23 out. 77 / 1h	(Só confirmou o depoimento do pai)	-
José Zilton Oliveira	26	Instrução primária	21 out. 77 / 1h	Objeto cor cinza de forma cônica e tubular plástico, à deriva em canal	-
Emídio Campos de Oliveira	50	Instrução primária	23 out. 77 / 2h	-	Moleza, mancha arroxeadada na face interna da coxa direita
Neuza Pereira Aragão	25	Instrução primária	26 out. 77 / 22h15	Forte luminosidade próxima à cozinha	Crise nervosa
Maria Beatriz Leal Ferreira	42	Alfabetizada	27 out. 77 / 0h35	Forte luminosidade na casa	Crise nervosa
Alfredo De La Ó	48	Instrução superior (padre)	13 out. 77 / 3h25	Objeto em velocidade emitindo forte luz pela parte superior e inferior, próximo a Capela da cidade	-
Antônio Acácio de Oliveira	53	Alfabetizado	19 out. 77 / 19h30	Objeto voador emitindo velozmente três focos	-
			01 nov. 77 / 19h	Deslocamento imediato de luz de forte intensidade	-
Wellaide Cecim Carvalho	24	Instrução superior (médica)	16 out. 77 / 18h30	Objeto metálico luminoso que fazia evoluções em alta velocidade	-
			22 out. 77 / 19h30		
Claudiomira Rodrigues Paixão	35	Alfabetizada	18 out. 77 / 23h	Foco de luz verde que iluminou todo ambiente onde estava	Torpor, calor localizado no seio esquerdo, dor aguda no dorso da mão direita, dor de cabeça, amortecimento do lado esquerdo do tórax
Antonino de Souza	51	Sargento Reformado da PM / PA	24 out. 1977 / 3h	Luminosidade azulada em seu quarto	Paralisia total do corpo momentaneamente
			26 out. 77 / 1h30	Objeto luminoso próximo à Unidade Hospitalar da cidade	-
			06 nov. 77 / 19h	Objeto voador iluminado, cor cinza neve e formato circular, com uma cúpula em cima	-
Orlando Fontenelle Trindade	40	Instrução primária	26 out. 77 / 4h	Luz cor azul muito intensa e brilho espelhante	-
			01 nov. 77 / 0h30	Objeto luminoso cor amarelo-	-

				avermelhada se deslocando em velocidade média	
Raimundo Galvão Trindade	36	Instrução primária	15 out. 77 / 4h	Luz esverdeada que iluminou todo ambiente onde estava	Fraqueza, dormência na coxa direita e mancha arroxeadada e quente, cefaleia frontal e tontura
Elias Oliveira	42	Instrução primária	01 nov. 77 / 1h-1h30 (calculada)	Corpo luminoso circulando em velocidade média, envolto de luz azul	-
			04 nov. 77 / 22h (calculada)	Objeto luminoso circulando próximo à praia	-
Roberto dos Anjos Silva	32	Alfabetizado	01 nov. 77 / 5h30	Objeto luminoso cor amarelo-avermelhada circulando com baixa velocidade	-
			06 nov. 77 / 5h08	Corpo luminoso cor amarela e forte intensidade, emitindo luzes azuladas	-
Rósio de Oliveira	36	Instrução primária	04 nov. 77 / 4h30	Corpo luminoso cor amarela deslocando-se a baixa altura e sem emitir ruído	-
			04 nov. 77 / 23h	Objeto luminoso deslocando-se a média altura	-
			04 nov. 77 / 0h (estimada)	Objeto luminoso em grande velocidade que desapareceu imediatamente	-
			05 nov. 77 / 1h (estimada)	Objeto luminoso de cor azulada muito intensa	-
			05 nov. 77 / 3h	Corpo luminoso deslocando-se em alta velocidade próximo ao farol da cidade	-
			05 nov. 77 / 4h	Corpo luminoso de coloração que modificava constantemente até desaparecer	-
Ivan de Oliveira	36	Alfabetizado	03 nov. 77 / 1h30	Luz azul muito intensa parada sobre a água onde ia pescar	-
Marcelino Ferreira Cardoso	46	Alfabetizado	05 nov. 77 / 23h (estimada)	Objeto luminoso semelhante a um balão de cor amarelo-	-

				avermelhada	
			05 nov. 77 / 1h (estimada)	Objeto luminoso cor amarelo- avermelhada sem brilho e sem ruído	-
			05 nov. 77 / 3h (estimada)	Corpo luminoso deslocando-se sobre a água	-
Amin Benjamin	56	Instrução primária	07 nov. 77 / 5h20	Objeto luminoso de cor azul clara deslocando-se a baixa altura	-

Obs.: Das 20 pessoas mencionadas no documento, sete foram atingidas diretamente pelo foco, sofrendo reações no corpo, como fraqueza, tontura e sonolência. A maioria das testemunhas avistou corpos luminosos no céu da cidade, confirmando a informação aos militares (vide Anexo 1).

Fonte: RELATÓRIO DE MISSÃO – OPERAÇÃO PRATO, 1977, p. 20-8.

Percebemos que, além de crise nervosa, as tonturas e o amortecimento de membros atingidos pela luz, conforme também noticiaram os jornais, eram as consequências mais comuns entre as vítimas do foco. Além disso, não se pode deixar de mencionar a quantidade de pessoas que tiveram seus depoimentos registrados pelos militares, se referindo aos avistamentos de corpos e objetos luminosos de variadas cores, que lançavam feixes de luz e circulavam em velocidade (variando da baixa a alta) em diferentes pontos do município. O destaque, nos próprios relatórios, é dado aos que diziam as pessoas consideradas com maior grau de instrução, como a médica responsável pela unidade municipal de saúde, Wellaide Cecim Carvalho. Ela conta sua experiência ocorrida nos dias 16 e 22 de outubro de 1977, ocasiões em que viu um objeto luminoso de brilho metálico, e menciona também o estado de saúde dos pacientes que por ela foram atendidos.

[...] Entrevistada por elementos da equipe, entre outras afirmativas disse que: A fim de preservar sua reputação ética profissional deixou de fazer uma comunicação mais completa com referência às pessoas que se dizem atingidas por um “foco de luz” de procedência desconhecida (quatro casos que atendeu). Disse que; além da crise nervosa seus pacientes apresentavam outros sintomas tais como: SIA (amortecimento parcial do corpo), evidenciando a. Quadro clínico quando presente uma crise nervosa onde as atingidas são as extremidades. Seus pacientes referem: Cefaléia, astenia, tonturas, tremores generalizados e o que reputa mais importantes são as queimaduras de 1º grau, bem como marcas de micro-perfurações. De acordo com o sexo, os homens sobre o pescoço (jugular) e as mulheres, digo a mulher, no seio (só um caso). Pediu reservas ao externar a sua opinião pessoal; acredita nos fatos que vem ocorrendo na região. Não põe dúvida quanto a prováveis consequências que venham no futuro a se fazer presentes nas pessoas afetadas. Completando; disse não ter observado fatores que levassem a concluir a presença de alterações anêmicas; não acredita que as vítimas tivessem sido sugadas ...? Mas que quanto a terem sido atingidas por um raio ou foco de luz de características desconhecidas, acha muito viável, apoiada no exame e observação clínica dos pacientes que atendeu. Tem em seu poder uma comunicação endereçada ao Secretário de Saúde do Estado, que não chegou a encaminhar, para evitar cair no ridículo (vide gravação) (RELATÓRIO DE MISSÃO – OPERAÇÃO PRATO, 1977, p. 22-3).

Wellaide Cecim e o padre Alfredo De La Ó são as únicas testemunhas com nível superior de escolaridade mencionadas no documento. Ambos confirmam terem presenciado corpos luminosos e estranhos circularem em Colares, mas a médica é mais detalhista ao descrever o comportamento das vítimas, desacreditando que elas tenham sido sugadas, mas acompanhando-as no posicionamento de que foram atingidas por um raio luminoso. O que vale ressaltar também é o receio que a profissional tinha de ser taxada de ridícula ao falar sobre o que ocorria na cidade, diante do caráter sobrenatural dos casos. Além desses relatos em que as testemunhas contaram suas experiências com o foco luminoso, seguem outros depoimentos reunidos num grupo definido “relatos populares”, mas sem especificar quem testemunhou ou o que sofreu, caso tenha sido atacado. Em geral, tratam-se de avistamentos registrados entre 27 de outubro e 8 de novembro de 1977 nas cidades do interior do Pará.

Com a assinatura do sargento João Flávio de Freitas Costa (Chefe da Equipe A2), os comentários, datados de novembro de 1977, que integram a parte final dos relatórios sintetizam os resultados da missão e descrevem o percurso, realizado pelos militares, desde a chegada até a saída dos municípios atingidos pelo fenômeno. O objetivo era conhecer o que tinha de verdadeiro no espaço aéreo brasileiro em relação aos aparecimentos dos OVNI, observados pela população local. Depois de ouvirem testemunhas oculares e as pessoas atingidas pela luz, o documento alerta a ausência de uma conclusão satisfatória sobre o caso.

Sentimos não ter chegado a uma conclusão plenamente satisfatória, sobraram dúvida e carência de explicação para alguns pormenores nas ocorrências (entre tantas), abaixo relacionadas.

[...]

E outros casos... deixaram-nos dúvidas e falta de explicação, baseadas nos nossos padrões de conhecimento.

Das pessoas “atingidas”, muito embora algumas divergências quanto a cor do “foco de luz”, os sintomas descritos são muito coincidentes para ser negado a evidência. Crise nervosa, sim, na presença do inusitado. Não existe causa sem efeito. Muito embora devendo reconhecer a influência negativa da imprensa, chegando à irresponsabilidade de levar o pânico a populações inteiras (Colares, Ubintuba e outras localidades) e o desrespeito pelo uso de termos pejorativos. Entretanto não houve difusão dos sintomas das primeiras pessoas atingidas, para que tivessem sido espalhados entre moradores muitas vezes sem o menor vínculo de comunicação (RELATÓRIO DE MISSÃO – OPERAÇÃO PRATO, 1977, p. 34-5).

Notemos que o trabalho da imprensa era criticado nos relatórios: a sua “influência negativa” marcava a sua atuação irresponsável capaz de incutir o pânico entre as populações. O próprio nome “Chupa-Chupa” era considerado uma criação da imprensa, num ato de “irresponsabilidade e desrespeito ao público”. No entanto, as reportagens sobre o *Chupa-Chupa* publicadas pelos jornais paraenses faziam parte do inventário levantado pelos envolvidos na operação que reuniam informações sobre o caso.

RELATÓRIO OVNI

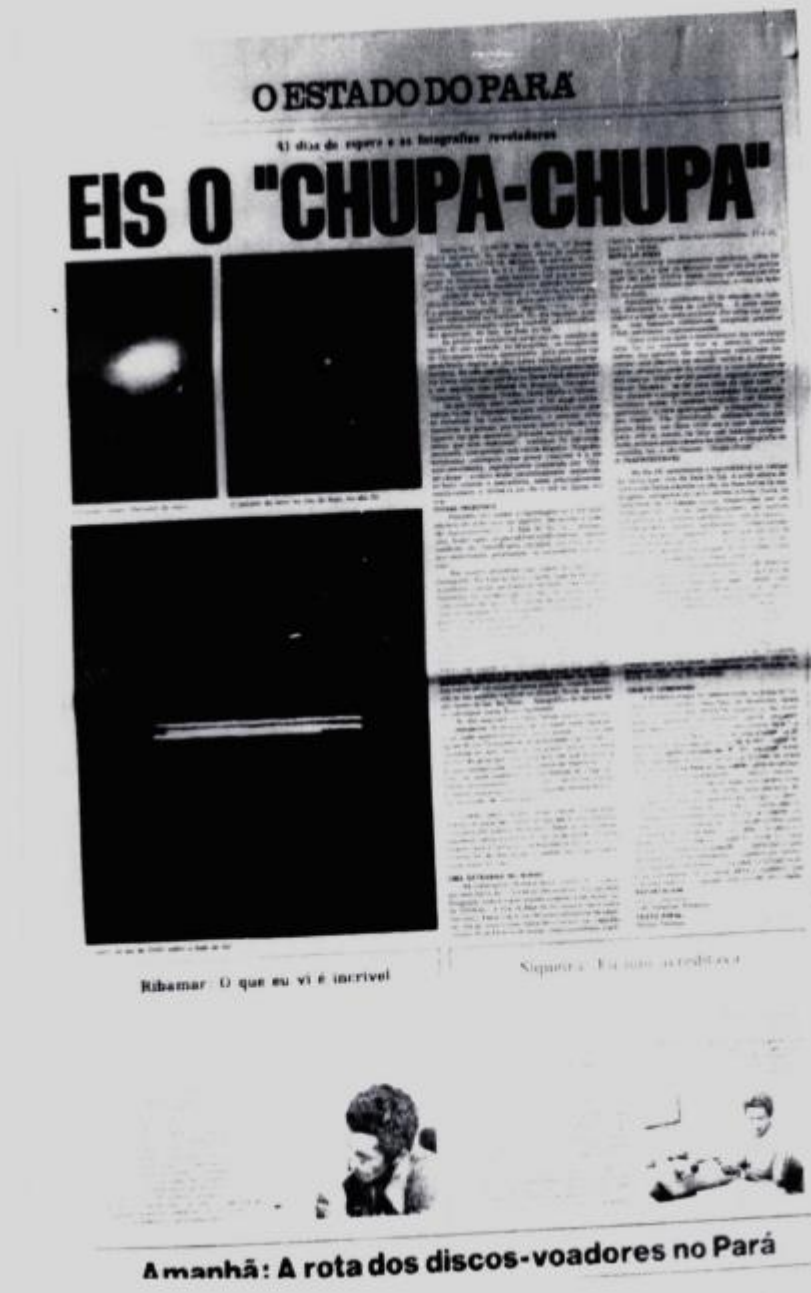
CONFIDENCIAL

ANEXO 2 - Fls 13

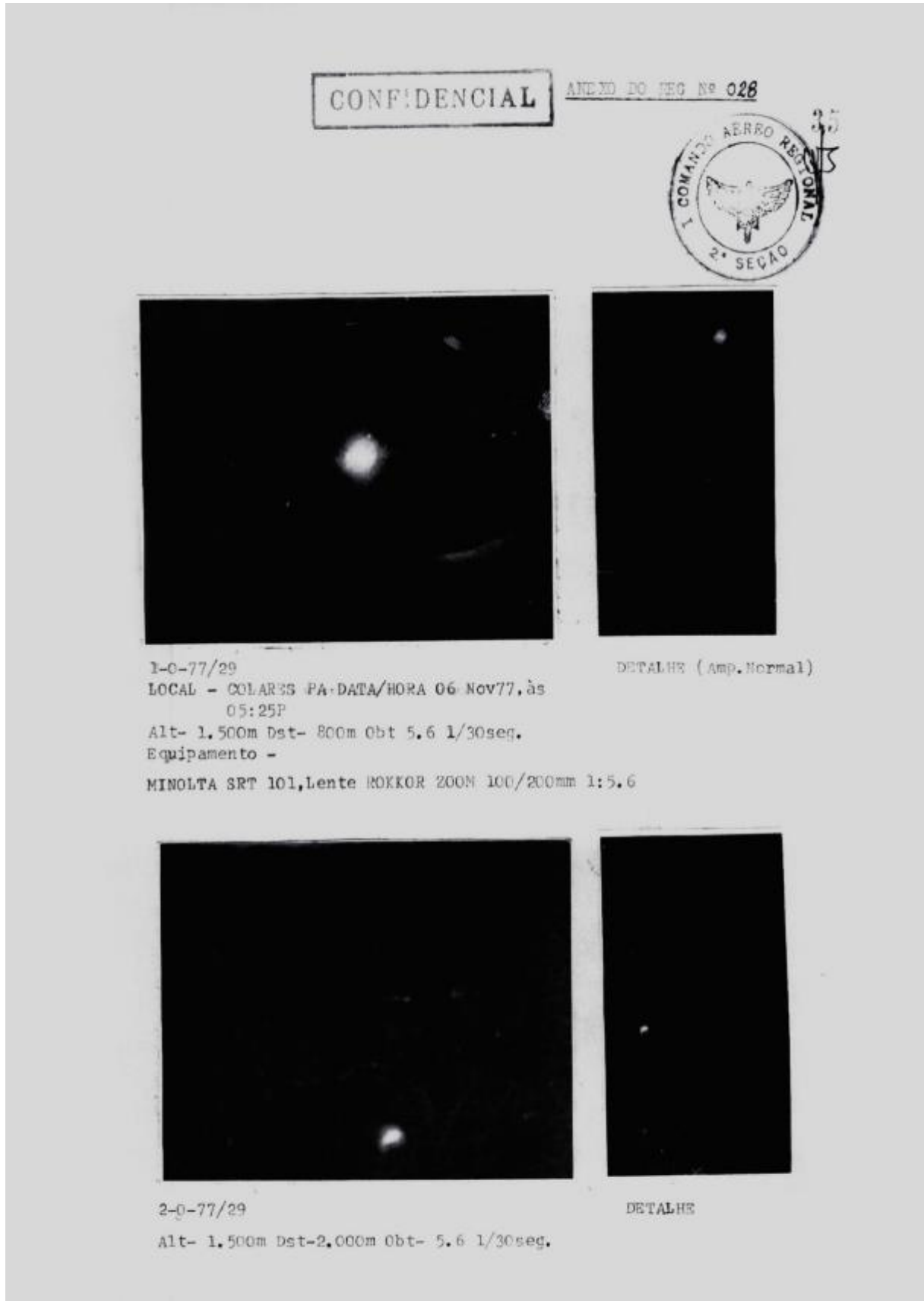
IMPrensa LOCAL

JORNAL - O ESTADO DO PARÁ

DATA - 25 Jun 1978



**Figura 16** A polêmica edição do jornal *O Estado do Pará*, publicada em 24 de julho de 1978, trazia fotos do *Chupa-Chupa* e esgotou em poucas horas. A investigação sobre OVNI, desenvolvida pela Aeronáutica, mapeava as notícias sobre o assunto, publicadas pela imprensa local. Vários recortes de reportagens eram anexados aos relatórios. Fonte: REGISTROS DE OBSERVAÇÕES DE OVNI, 1978, p. 153.



**Figura 17** Registro fotográfico de corpos luminosos circulando nos céus de Colares, em 6 de novembro de 1977. As imagens integram os arquivos confidenciais produzidos pelo 1º Comando Aéreo Regional. Além dos relatos de moradores, os próprios militares registraram as luzes inusitadas que apavoravam o município. Fonte: REGISTROS DE OBSERVAÇÕES DE OVNI, 1978, p. 35.

Nas considerações finais sobre a operação, ressaltam-se os baixos índices cultural, sócio econômico e sanitário em que viviam as vítimas do *Chupa-Chupa*. Seriam pessoas de formação simples e “facilmente influenciados pelos meios de comunicação, nem sempre usados por pessoas escrupulosas”. Diante disso, o desespero levava as pessoas a cometerem excessos, como a queima de fogos e o alto consumo de bebida alcoólica. A histeria coletiva que vivia Colares fazia os investigadores temerem que a população pudesse sofrer uma onda de suicídio, principalmente entre os “mais fracos de espírito”.

A cidade de Colares-PA vive um estado de “histeria coletiva”, seus moradores impressionados com o aparecimento das misteriosas LUZES de origem desconhecida, não dormem, não pescam (principal atividade da população), e sobretudo debilitam-se na bebida, gastando seus poucos recursos em fogos e bebida. Desde o cair da noite ao alvorecer, são acesas fogueiras, fazem procissão (diária), fogos e tiros são constantemente disparados, como que para assustar um “inimigo” que não sabem quando e onde vai “atacar”, bandos de 20 a 30 pessoas (em sua maioria homens), percorrem a cidade em todos os sentidos.

[...]

Em se pensar que perdure a atual situação, ou seu agravamento, prevemos problemas de várias ordens, inclusive com possibilidade de auto-eliminação por parte dos mais fracos de espírito em consequência do pavor do desconhecido (RELATÓRIO DE MISSÃO – OPERAÇÃO PRATO, 1977, p. 36-7).

Para acalmar a população era necessário que medidas preventivas fossem tomadas, como a proibição da venda de fogos de artifício e bebidas alcoólicas, além de desenvolver logística capaz de melhorar o trabalho de vigilância realizado pelos moradores da cidade, que deviam fazer rodízios nas áreas com maior incidência de luzes. Quando o relatório descreve a “situação atual” de Colares, com data específica em 9 de novembro de 1977, o destaque é dado aos moradores que teriam aprendido a conviver com o problema. As palestras e os filmes exibidos pelos militares na cidade são apontados como ações que, de certa maneira, surtiram efeito entre a população. Entretanto, os focos continuavam aparecendo e, agora, com horário definido, o que já não assustava tanto quem assistia o fenômeno. O *Chupa-Chupa* virara rotina, registram os documentos.

As “luzes” continuam a aparecer e o que é de pasmar, obedecendo a um “horário”, os populares já não se mostram tão assustados. Porém ainda permanece a dúvida, o “monstro” criado pela Imprensa – “o chupa”, em sua ação de sugador de sangue (possivelmente não verdadeira), deixou marcada naquelas mentes: o pavor a uma imagem distorcida e adversa da realidade (RELATÓRIO DE MISSÃO – OPERAÇÃO PRATO, 1977, p. 37).

É curioso notar que, apesar das evidências relatadas pelos investigadores, a ideia de que o *Chupa-Chupa*, sugador de sangue, seria um monstro criado pela imprensa ainda persiste. Contudo, os objetos luminosos, fotografados e descritos por várias testemunhas, não

foram desconsiderados, ousando-se considerá-los como corpos luminosos “inteligentemente dirigidos” por contas das evoluções que faziam nos céus.

A existência e presença na região do OBJETO [ilegível] é patente [ilegível] vimos sim um corpo luminoso [ilegível] movimentando-se em altitudes e direções variadas, efetuando manobras complexas, indicando que, estes corpos e luzes, são: INTELIGENTEMENTE DIRIGIDOS.

Nossa certeza está apoiada em nossas observações pessoais e no relato confiável de pessoas a quem por suas ações e comportamentos (analisados), podemos confiar. Nossos registros cine-fotográficos não retratam nossa certeza, pois muito carentes de recursos técnicos, materiais e pessoal (só no final do período, usamos um tipo de filme ALTA SENSIBILIDADE), deixou a desejar. Nas demais vezes perdemos a oportunidade, fotografando com material inadequado; acreditamos que com melhores recursos possamos chegar ao razoavelmente satisfatório (RELATÓRIO DE MISSÃO – OPERAÇÃO PRATO, 1977, p. 37-8, grifos do autor).

Geralmente, o posicionamento dos militares, em relação às aparições das luzes misteriosas, era divulgado pela imprensa de maneira muito discreta e com pouca relevância frente às outras notícias. Os relatórios, à época, corriam de maneira sigilosa e, somente anos depois de o fenômeno atingir as populações do interior e da capital paraenses, é que eles vieram à tona (em sua maioria, extra oficialmente). Imaginemos o vazamento desses documentos num período de grande excitação e dúvidas sobre o que estava ocorrendo, e o comportamento da imprensa na divulgação dos fatos. Objetos inteligentemente dirigidos frequentemente foram cogitados e relatados pelos entrevistados dos jornais, mas a Aeronáutica desacreditava o fenômeno ao reforçar que aquilo não passava das consequências de um povo cheio de crenças e de baixa intelectualidade. A costura da memória sobre o *Chupa-Chupa*, tecida pelas narrativas dos jornais, popularizou uma história que, até hoje, povoa o imaginário local. Os documentos-monumentos que os ufólogos brasileiros anseiam para que sejam liberados em sua totalidade revelam que, num país de ditadura militar, a questão da segurança nacional ultrapassava os limites do espaço aéreo brasileiro, temendo intervenções do espaço sideral. As palestras e exibição de filmes, que buscavam tranquilizar a população, ocorriam paralelamente às ações em acampamentos montados nos lugares em que os corpos luminosos eram registrados com maior frequência.

Tanto o fenômeno noticiado, quanto o fenômeno investigado produziram uma materialidade que salvaguarda os vestígios de um episódio muito curioso, alçado entre os grandes mistérios da Amazônia. Entre as disputas narrativas e enquadramentos de fatos, os sentidos em torno do *Chupa-Chupa* se espalharam, passando pelo inacreditável, pelo ridículo, pelo medonho, pelo fantástico. As memórias sobre o fenômeno também são diferentes, dependendo do ponto de vista: se olharmos apenas para o que dizem as vítimas, o monstro sugador apavorante impera; no caso dos intelectuais, médicos e psicólogos, as luzes



misteriosas viram farsa e piada, além de caminharem ao lado das lendas e visagens da região amazônica; dos relatórios militares, desponta um fenômeno inusitado e uma missão incapaz de responder definitivamente do que se tratava o caso. Entre essas lembranças tecidas pela experiência e construídas ao longo do tempo, cabe-nos ouvir o que 40 anos depois a população de Colares, que hoje brinca com o *Chupa-Chupa*, guarda em suas memórias, levando em conta o trabalho constante que envolve a formação delas, e até que ponto a atuação da imprensa e do Estado na investigação do fenômeno contribuiu nesse processo memorialístico.

### 3. NA TERRA DA LENDÁRIA MARIA VIVÓ, A PERSISTÊNCIA DAS LUZES E A CONSTRUÇÃO DE IMAGINÁRIOS

*Estamos no fim do mundo  
Temos que nos conformar  
O que está na escritura tem que se realizar  
O que o profeta disse  
Acho que não vai falhar  
[...]  
E assim sucessivamente  
O bicho vai atacando  
Ele baixa e a luz forte  
Vai logo focalizando  
Tira o sangue e a pessoa  
Fica aí se acabando  
[...]  
Vamos agora rezar  
É a única salvação  
Pedir a Deus que nos livre  
Da terrível maldição  
Dessa luz misteriosa  
E das unhas do “Chupão”.*

(José Cunha Neto)

*[...] A conclusão é: vê-se alguma coisa, mas não se sabe o quê. É até difícil, quase impossível, fazer-se uma ideia clara destes objetos, pois eles não se comportam como corpos, mas são etéreos como pensamentos.*

(Carl Gustav Jung)

Quem se aproxima da orla da cidade se depara com um pequeno manguezal que se formou às margens da Praia do Humaitá, afastando banhistas e atraindo catadores de caranguejo. Ao longe, uma forte luz de movimento sincronizado pode até espantar o visitante desavisado. No entanto, o foco luminoso inevitavelmente frustrará as expectativas daqueles que, embevecidos pela aura misteriosa que Colares emana, desejam testemunhar o fenômeno apavorante ocorrido no final dos anos 1970: vem do farol aquele raio que não assusta e sim orienta os pescadores da região. Nem por isso, aquela que podia ser uma simples construção no meio do rio, cumprindo suas funções náuticas, está livre dos mistérios que pintam de tons ainda mais interessantes essa Saramandaia amazônica.

Partindo da praia, em menos de vinte minutos faz-se o percurso até o farol, cruzando as águas barrentas do Rio Pará. Não há nada de espetacular naquela estrutura de ferro sustentada por pedras rochosas pretas cobertas de limo. De lá, vê-se a pacata cidade de onde desponta entre as casas a grande igreja dedicada ao culto e veneração de Nossa Senhora do

Rosário, padroeira do município, que anualmente é homenageada pelos fiéis no segundo domingo de dezembro. Para parte desse povo, sempre tão dedicado às celebrações religiosas, nas pedras do farol reina outra personagem: supostamente filha de uma mulher grávida de uma cobra, a serpente lendária Maria Vivó é a guardiã do farol. Vive sob suas pedras protegendo o lugar e atacando os forasteiros mal intencionados.

Diante da forte relação da região amazônica com seus rios e florestas, despontam do imaginário local várias histórias sobre a Cobra Grande, conhecida ainda como Boiúna.<sup>49</sup> Paes Loureiro (2000, p. 174-5) acrescenta aos atributos fantásticos da serpente, a partir de narrativas de moradores de pequenos municípios do Pará, a capacidade de se transformar em um navio iluminado, encantando e assombrando os espectadores. Belém, por exemplo, também compartilha da crença de que vive adormecida sob a cidade uma enorme cobra: a cabeça da serpente estaria assentada embaixo da Catedral da Sé e o rabo sob as pedras da Basílica Santuário de Nossa Senhora de Nazaré, somando cerca de quatro quilômetros de extensão, em percurso semelhante ao realizado atualmente pela principal romaria do Círio de Nazaré.<sup>50</sup> Até hoje, principalmente entre os mais velhos, atribui-se os tremores de terra que atingiram a cidade em janeiro de 1970 ao despertar momentâneo da Cobra Grande que, se um dia acordar por completo, para o infortúnio de todos, leva para o fundo das águas da Baía do Guajará a capital paraense, resultando um cenário de destruição completa, um apocalipse contemporâneo.<sup>51</sup>

Iniciando a viagem pela rodovia BR-316, ainda em Belém, seguindo pela estrada PA-140, em percurso realizado em pouco mais de duas horas, chega-se ao Rio Guajará-Mirim,

---

<sup>49</sup> A Boiúna figura entre os vários encantados que compõem o cenário mitológico da Amazônia. Em Colares, assume o nome de Maria Vivó, e também se aproxima de outros seres que desfrutaram de certa fama entre a população local como a Matinta Perera, o Boto e o Curupira. Paes Loureiro (2000, p. 248) fala sobre a onipresença desses seres fantásticos na região e como são respeitados/temidos: “Os encantados na cultura amazônica estão em todos os lugares: entre os índios e caboclos, entre o céu e a terra, nas seivas, nos campos, no fundo das águas. São seres animados por singular força mágica, capazes de prodígios e antropomorfias, sujeitos a estados divinos ou satânicos. São encantados, bichos-do-fundo ou caruanas. Alguns deles, na forma de animais mitológicos dotados de grande fidelidade, chegavam a acompanhar os índios em fuga, após o castigo dos pajés; outros têm seu nome mantido no desconhecimento ou esquecido, para que não seja pronunciado”.

<sup>50</sup> Festa religiosa realizada anualmente em Belém desde 1793, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré foi reconhecido Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO em 2013. É a maior manifestação religiosa do Pará e homenageia a Virgem de Nazaré durante 15 dias. Reúne aproximadamente dois milhões de pessoas somente na procissão do segundo domingo de outubro. Atualmente, 12 romarias compõem o calendário oficial da festividade, além de diversos eventos de natureza profana realizados também com o propósito de cultuar a santa.

<sup>51</sup> Gilbert Durand (1997, p. 316) destaca que a figura da serpente é um dos símbolos universais mais importantes da imaginação humana, possuindo diversas direções simbólicas. Em síntese, “a serpente é o triplo símbolo da transformação temporal, da fecundidade e, por fim, da perenidade ancestral”. Na própria Amazônia, região em que a Boiúna mostra força e resistência ao tempo, percebe-se ressignificações variadas de acordo com as narrativas de diferentes localidades.

onde uma balsa faz a rápida travessia de veículos e passageiros entre a Vila da Penhalonga e a Ilha de Colares. De ônibus, mais 20 minutos de estrada, chegamos à capital ufológica da Amazônia na noite daquela sexta-feira, 11 de novembro de 2016, para realizar a última etapa da pesquisa. Antes, debruçamo-nos nos jornais e relatórios militares. Agora, durante os cinco dias em que estivemos em Colares, o objetivo era ouvir as pessoas que viveram o fenômeno, já que, nas palavras de Ana Paula Goulart Ribeiro (2015, p. 75), “os depoimentos ajudam a recuperar informações sobre fatos e processos que só podem ser conhecidos pela narrativa daqueles que os viveram diretamente ou daqueles que os presenciaram de alguma maneira”. Vale destacar que não assumimos o papel de apenas recolhedores de performances verbais, como orienta Alessandro Portelli (2010, p. 19-20), mas buscamos provocá-las, contribuindo assim para a criação de memórias sobre as quais identificamos os imaginários que ainda persistem em torno desse episódio ocorrido 40 anos atrás.

Considerando a definição de imaginário desenvolvida por Durand (1997, p. 18), ou seja, “o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens*”, esbarramos em um conceito bastante denso – teoricamente falando –, principalmente se levarmos em conta as diversas interpretações que vêm sendo dedicadas ao tema. Acompanhamos Jean-Jacques Wunenburger (2007) na tentativa de delimitar, a partir das diferentes apropriações do conceito, o que seria o imaginário:

[...] Conviremos, portanto, em denominar imaginário um conjunto de produções, mentais ou materializadas em obras, com base em imagens visuais (quadro, desenho, fotografia) e linguísticas (metáfora, símbolo, relato), formando conjuntos coerentes e dinâmicos, referentes a uma função simbólica no sentido de um ajuste de sentidos próprios e figurados (WUNENBURGER, 2007, p. 11).

O objetivo não é atribuir a esse conceito a noção de fantasia, mito ou ficção. A proposta é justamente mergulhar nessa função simbólica construída em torno do fenômeno *Chupa-Chupa*, a partir das memórias dos sobreviventes e vítimas das luzes misteriosas, identificando os imaginários que atravessam essas lembranças.<sup>52</sup> Para isso, cinco pessoas foram entrevistadas: Hilberto Araújo Freitas, Manoel João de Oliveira Filho, Newton de Oliveira Cardoso, Maria Tereza Furtado de Miranda e Terezinha Auxiliadora Monteiro. Divulgamos seus nomes com a autorização dada por eles para que assim o fizéssemos. Além

<sup>52</sup> O próprio Jean-Jacques Wunenburger (2007, p. 7) fala da flexibilidade da palavra “imaginário”, apresentando uma grande quantidade de usos e apropriações do termo: “Nos usos correntes do vocabulário das letras e das ciências humanas, o termo ‘imaginário’, como substantivo, remete a um conjunto bastante flexível de componentes. Fantasia, lembrança, devaneio, sonho, crença não-verificável, mito, romance, ficção são várias expressões do imaginário de um homem ou de uma cultura. É possível falar do imaginário de um indivíduo, mas também do de um povo, expresso conjunto de suas obras e crenças. Fazem parte do imaginário as concepções pré-científicas, a ficção científica, as crenças religiosas, as produções artísticas que inventam outras realidades (pintura não-realista, romance etc.), as ficções políticas, os estereótipos e preconceitos sociais etc.”

de viverem em Colares, outro ponto que os liga é que todos têm pelo menos um episódio de avistamentos ou contato com as luzes misteriosas. Fiando retalhos e bordando histórias agora com mais cinco pessoas, encerramos esta pesquisa conhecendo mais um pouco da singularidade desse fenômeno, lançando o olhar para seus protagonistas, ou seja, os sobreviventes e vítimas do *Chupa-Chupa*. Dessa forma, seguimos o impulso de reviver o passado por meio da experiência de nossos interlocutores (ALBERTI, 2004, p. 14), experiência que parece contínua, afinal, há quem diga que os focos luminosos nunca abandonaram a Ilha de Colares.

### **3.1. Newton Cardoso: a célebre vítima e protagonista na preservação dessa história**

Não há um museu sobre o *Chupa-Chupa* em Colares. Quem resguarda a história, transformando-se no seu principal patrimônio, são seus moradores que várias vezes já compartilharam as experiências com jornalistas, ufólogos, pesquisadores e documentaristas. Foram eles que viveram o inexplicável em 1977 e se mostram receptivos quando curiosos chegam ao município, tentando levar consigo respostas definitivas que, na maioria das vezes, não são alcançadas. Por iniciativa da sociedade civil, alguns estabelecimentos comerciais da cidade abraçaram a temática ufológica, decorando as fachadas com a clássica representação de seres extraterrestres como humanoides verdes de grandes olhos puxados. Esbarrar em uma escultura ou pintura de ET faz lembrar que não estamos em qualquer lugar e que – ainda que com ações pontuais – algumas pessoas se propuseram a lutar para que o fenômeno não caia no esquecimento. Uma delas, sem dúvida a mais importante, é Newton de Oliveira Cardoso. Qualquer visitante que chegue a Colares buscando informações sobre o *Chupa-Chupa*, certamente será orientado a encontrar o Tenente, como é conhecida a única pessoa que foi atacada pelas luzes e que ainda está viva.

Com dificuldades para andar e auxiliado por duas muletas, Tenente nos recebe em seu sítio. Distante da região central da cidade, o que chama a atenção no lugar é a pequena construção erguida próxima ao portão de entrada. Pescador aposentado, Newton teve a iniciativa de construir seu próprio museu abrigando jornais, revistas, pinturas e esculturas que simbolizam o *Chupa-Chupa*. Das mãos daquele homem de 60 anos saem também pequenos chaveiros de extraterrestres que atraem cada vez mais turistas. Não à toa, em meio a risadas, brinca com a própria fama na cidade: “Eu acho que sou mais procurado do que o prefeito”. As críticas à administração pública, que ainda não desenvolveu um projeto voltado para a preservação da memória do fenômeno, transformam-se em admiração diante da iniciativa

tomada por ele, que ainda promete uma estátua para que os visitantes lembrem-se da mais importante vítima do *Chupa-Chupa* mesmo depois de morto. Contudo, a facilidade para lidar com as memórias dessa experiência que mudou completamente a vida de Newton foi conquistada ao longo do tempo e nem sempre elas foram motivos de sensações agradáveis.

O jovem Newton já se dedicava há uns anos ao ofício que a maior parte dos homens da região segue: pescador. Com apenas 18 anos, chegando de mais um dia de trabalho, decidiu ir ao encontro da esposa em um lugarejo chamado Mocajatuba, que atualmente é considerado uma cidade do interior de Colares. O fornecimento de energia elétrica logo seria suspenso e somente as luzes de velas e candeeiros orientariam a caminhada, que ainda tinha um rio a ser atravessado. O breu da noite compunha o cenário da experiência mais aterrorizante da vida de Newton.<sup>53</sup> Eis uma narrativa que poderia ser contada de qualquer outro lugar do país sem grande surpresa... mas estamos na Amazônia de 1977. Numa terra em que as noites eram apavorantes e os dias intranquilos. Após jantar, o pescador deitou na rede, cobriu-se com o lençol e dormiu. Despertou de repente depois de sentir um “negócio” esquentando o corpo, como se tivesse esbarrado em alguma luz, seguido de três fortes sugadas. Bastante inquieto, mas sem conseguir gritar, a esposa percebeu que algo de errado estava acontecendo e pediu ajuda. Minutos depois, Tenente voltou a si e percebeu a grande quantidade de pessoas que estava em casa e questionou o que tinha ocorrido. As marcas no corpo não deixavam dúvidas: “O *Chupa-Chupa* te chupou”, disse-lhe a mulher.<sup>54</sup> Num estado de desânimo e sem conseguir se levantar, o pescador pediu ajuda para sair de casa, pois se recusou terminantemente a passar a noite no lugar. No outro dia, visitaria a unidade de saúde da cidade e descobriria que, só naquela noite, o foco havia feito mais três vítimas em diferentes pontos do município. O pânico estava instalado:

[...] O povo aqui andava muito revoltado com esse negócio aí. A gente não dormia. Eram cinco, seis famílias numa casa pra dormir de noite, sabe? Cachaça no comércio não tinha mais. Comida tava até faltando naquele tempo. Pessoal vinha pra cá, esperar aqui de noite, todo mundo de espingarda pra atirar naquele negócio. Quando que ia pegar? Aquilo não fazia nem barulho! Quando dava aquilo já tava atacando os

<sup>53</sup> Jean Delumeau (2009, p. 138) considera a noite como um componente essencial na construção do medo na sociedade: “Fantasmas, tempestades, lobos e malefícios tinham muitas vezes a noite por cúmplice. Esta, em muitos medos de outrora, entrava como componente considerável. Era o lugar onde os inimigos do homem tramavam sua perda, no físico e no moral”.

<sup>54</sup> Entre as várias entrevistas concedidas por Newton Cardoso à imprensa, destacamos a conversa que ele teve com o jornalista e ufólogo Daniel Rebisso Giese. Um trecho foi publicado em livro (GIESE, 1991, p. 88) e não se distancia da versão sustentada até hoje para quem se dispõe a ouvi-lo: “Já faz muito tempo... naquela época a gente morava em Mocajatuba. Estava na rede dormindo, à noite, quando acordei com uma forte queimadura. Não vi nenhum aparelho, só reparei que o meu pescoço tava queimado, do lado esquerdo. Sentia uma espécie de ardor no local da queimadura. Aquilo desapareceu depois de alguns dias, mas fiquei durante muito tempo sem ânimo, com tonturas e uma fraqueza enorme... Ainda hoje sinto vertigem e fortes dores de cabeça”.

outros aí. Olha, hoje em dia, eu vou te falar um negócio: nunca, nunca quero que um negócio daquele apareça, bicho! Não quero não. Pra ninguém. (Newton de Oliveira CARDOSO. Entrevista ao autor).<sup>55</sup>

Vampiro interplanetário, luzes sugadoras, foco luminoso, luz-vampiro são alguns dos nomes que povoaram as páginas da imprensa e de relatórios da Operação Prato, tentando definir o que não tinha explicação naquele fenômeno. Tenente não usa nenhum deles. Não tem intimidade com esses nomes criados, em sua maioria, por quem estava fora do lugar onde os avistamentos eram frequentes. Para ele, tudo se resume à abstração de palavras como “negócio” e “aquilo”. Entretanto, os efeitos gerados por esse contato prejudicaram por muito tempo a sua saúde, sobretudo na locomoção, além do desconforto causado quando o assunto vinha à tona, mesmo anos depois. De um jeito acanhado, quase num sussurro, confessa que pouco tempo após o ataque passou a dormir sob um balcão, em casa. Era medo, afinal, “o distante, a novidade e a alteridade provocavam medo” (DELUMEAU, 2009, p. 82). O quão distante do cotidiano daquelas pessoas estava o *Chupa-Chupa*? O quão inexplicável eram as consequências dos ataques sugadores? Nesse cenário fértil para a imaginação, despontaram justificativas baseadas em alucinações e neurose coletiva, versões criticadas por todos nossos entrevistados. O deboche e o escárnio apequenam o sofrimento e o temor que essas pessoas viveram nesse período.

Seguindo a ideia de Wolfgang Iser (2013, p. 266), em que a necessidade de tornar representável o que não é perceptível só é possível quando a consciência recorre à memória, ao conhecimento e à informação, possibilitando a formação de “imagens”, percebemos que 40 anos depois dos primeiros registros de ataques do foco luminoso à população paraense, a construção dos imaginários em torno do fenômeno agrega, além das próprias memórias dos sobreviventes, referências produzidas pelas indústrias da mídia, principalmente a televisão e o cinema. Cabe-nos aqui retomar o que Thompson (2011) chama de “mundanidade mediada”:

[...] nossa compreensão do mundo fora do alcance de nossa experiência pessoal, e de nosso lugar dentro dele, está sendo modelada cada vez mais pela mediação de formas simbólicas. Esta difusão dos produtos da mídia nos permite em certo sentido a experiência de eventos, a investigação de outros e, em geral, o conhecimento de um mundo que se amplia para muito além de nossos encontros diários. Os horizontes espaciais de nossa compreensão se dilatam grandemente, uma vez que eles não precisam estar presentes fisicamente aos lugares onde os fenômenos observados ocorrem (THOMPSON, 2011, p. 61).

Quem nunca visitou Colares ou apenas ouviu falar do *Chupa-Chupa* em programas de televisão e documentários, certamente constrói suas referências a partir desses produtos. No

---

<sup>55</sup> Entrevista concedida por CARDOSO, Newton de Oliveira. **Entrevista**. [12 nov. 2016]. Entrevistador: Phillippe Sendas de Paula Fernandes. Colares (PA), 2016. 1 arquivo .mp3 (47 min.).

entanto, é curioso notar que as próprias pessoas que estiveram na cidade em 1977 se reconhecem nessas produções, referendando essa ficção como algo bastante próximo do que se passou. Newton assim o faz quando perguntamos sua opinião sobre as pessoas que dizem que *Chupa-Chupa*, visagens e assombrações é a mesma coisa: “Não. Não é não. É porque eles ainda não viram. Se eu tivesse gravado hoje em dia, eu ia botar na televisão pra ti ver como era. Só do ‘coisa’ tu ia ficar com medo... como eles vêm.” Tenente se referia principalmente ao programa *Linha Direta Mistério* (2005), da Rede Globo de Televisão, e ao documentário *Chupa-Chupa: a história que veio do céu* (2007), produção da TV Cultura do Pará em parceria com a Fundação Padre Anchieta. Em ambos há simulações de como as luzes atacavam as pessoas em Colares, assim como entrevistas com Newton Cardoso e outros moradores da cidade. A linha que separa o real e o fictício parece ainda mais tênue quando o assunto é o fenômeno *Chupa-Chupa*.



**Figura 18** O pescador aposentado Newton de Oliveira Cardoso exibe seu pequeno acervo de revistas e recortes de jornais sobre o fenômeno *Chupa-Chupa*. É a única vítima viva que teve contato direto com as luzes misteriosas, logo é bastante procurado por quem visita Colares atrás de mais informações sobre o episódio. Por isso, resolveu construir seu próprio museu. Fonte: Foto do autor.



Por ser a principal vítima, além do grande assédio, Newton de certa forma também é bastante cobrado na versão que sustenta sobre o ataque porque enfatiza que não viu qualquer objeto voador ou extraterrestre na ocasião. Reforça sim as reações no corpo a partir do momento que sentiu as sugadas e o ardor, mas lembra que, por estar embrulhado e dormindo, não viu nada. Quando os militares chegaram a Colares e procuraram o pescador, eles buscavam – como ainda fazem os visitantes de hoje – conclusões sobre o caso. O coronel Uyrangê Hollanda Lima, responsável pelas investigações da Operação Prato, também o abordou tendo em mãos alguns desenhos de extraterrestres e fez a pergunta: “Tenente, quais são dessas caricaturas aqui que veio te atingir?” A resposta dada ao militar é precedida de uma risada, como nos conta Newton:

Aí eu falei: “Ó, coronel, eu não vou... não vou lhe confirmar qual foi dessas caricaturas que me chupou aqui...” Porra! Eu tava dormindo, né? Tu achas que eu ia confirmar um negócio... “Não! Não, eu vi!” Não, não faço isso não! Porque eu não vi. Eu não tava dormindo? Como é que ele me faz essa pergunta pra mim, né? (Newton de Oliveira CARDOSO. Entrevista ao autor).

As respostas que ao longo de quatro décadas tantas pessoas buscaram seguem sendo construídas, mas a versão sustentada por Tenente, que pouco mudou, se mantém perturbadora no sentido de permitir o devaneio daqueles que se interessam pelo tema e tanto necessitam de definições para o caso.

A volta da normalidade aos céus de Colares, se é que podemos falar isso, tranquilizou a população e fez com que as pessoas retomassem suas vidas, principalmente o trabalho que havia sido abandonado, gerando uma crise de abastecimento no lugar. O auge do fenômeno *Chupa-Chupa* pode ser pontuado nos últimos três meses de 1977, mas ainda em 1978 e 1979 registram-se alguns avistamentos. Com o passar dos anos, o bloqueio criado pelos moradores, consequência do terror provocado por esse episódio, foi se diluindo até chegar ao ponto que se identifica hoje: a cidade faz questão, ainda que com certas limitações, de se colocar como a cidade do *Chupa-Chupa*. Isso é notório, principalmente nos meses das férias escolares quando ocorre o chamado “verão ufológico” e no próprio carnaval, como já mencionamos. Esses bons frutos trazidos pelo fenômeno faz Tenente até louvar o episódio que por muito tempo lhe traumatizou: “Foi até bom... foi até bom acontecer esse negócio porque aqui em Colares tá vindo muita gente de fora. Colares tá famosa!”.

Convite para desfilar em bloco de carnaval, entrevistas para televisão, fotografias em jornais e revistas, várias reportagens. Tenente também navega por essas águas que trouxeram fama para esse pequeno município do nordeste do Pará. E apesar de declarar o medo que esses ataques luminosos voltem, é enfático ao dizer que as luzes nunca abandonaram a ilha,

aparecendo principalmente para pescadores durante as noites de verão. Porém, felizmente, sem atacar ninguém. Sabe-se lá até quando.

[...] Aparece! Aparece sim. É porque tu não pescas. Porque se um dia tu pescasse, tu mandavas fundear ali uma embarcação ali perto daquelas pedras que tem, e ficava lá de uma às duas horas, três horas da madrugada pra ti ver as luzes. Vem de lá daquela... da banda da Baía do Sol [praia da Ilha do Mosqueiro, próxima à Colares]. Vem e para ali em cima do Machadinho [praia de Colares]. Eles ficam lá, aquela luz. De lá vem pra cá pra cima de Colares assim, né? (Newton de Oliveira CARDOSO. Entrevista ao autor).

Com dificuldade para andar, antes do fim da entrevista, o pescador pede para que tiremos uma fotografia em frente ao museu construído e mantido com tanto orgulho, apesar dos poucos recursos. A simplicidade de Newton de Oliveira Cardoso oculta o homem já acostumado às luzes dos holofotes. Ele lembra que certa vez recebeu uma turma de alunos de uma escola municipal, sendo bombardeado de perguntas. Tenente gosta de receber as pessoas e falar sobre a sua experiência. De preferência, depois do almoço, quando todos parecem ser bem-vindos: “Quando eu tô de bom coração, eu vou atender”, brinca.

### **3.2. Do medonho *Chupa-Chupa* aos dias violentos de hoje: ceticismo, lamento e paixão**

Um pouco ansioso e sentado no pátio de casa. Assim encontramos o pescador aposentado Manoel João de Oliveira Filho, de 71 anos. Na noite daquela segunda-feira, 14 de novembro de 2016, todas as atenções estavam voltadas para o céu. A lua nunca estaria tão perto da Terra como naquele dia, divulgavam os veículos de notícia país afora. Iniciou-se uma conversa sobre os mistérios daquele mesmo céu, onde àquela hora, brilhava e atraía a curiosidade de tanta gente a chamada Super Lua. Apesar da história do *Chupa-Chupa* ser imensamente conhecida no município, isso não significa que a oportunidade de ouvi-la mais uma vez não desperte o interesse, sobretudo entre os mais jovens. Enquanto Manoel se preparava para a entrevista, quatro crianças que brincavam na rua foram se aproximando pouco a pouco. Sentados no meio fio, lá estavam aqueles pequenos olhares atentos a um velho amazônida, dominador da arte de narrar e que viveu os dias tensos de 1977, história que a jovem plateia só conhece por ouvir a experiência de seus avós.

Levando em consideração a função de comunhão social atribuída ao imaginário, favorecendo, entre outros, a memória coletiva e os sistemas de representação (LEGROS et al, 2014, p. 12), percebemos o quão forte é a relação desse município com o episódio do *Chupa-Chupa*, apesar do fenômeno não ter sido uma exclusividade de Colares. A memória desse lugar é completamente atravessada por esses imaginários que vêm sendo construídos ao longo

do tempo. As explicações de sobreviventes e vítimas não são unanimidade, assim como não houve, em meio aos jornais e relatórios, um único discurso entre as frustradas tentativas de compreender definitivamente o caso. Dizer que algo inexplicável ocorreu parece ser um lugar-comum, mas o fato é que até hoje despontam justificativas para o fenômeno que segue despertando o interesse de muitas pessoas ainda. Talvez o medo e o pavor vivido nesse período sejam os fatores que unem as diferentes narrativas dessa população que teve sua história transformada significativamente, como também destaca Manoel:

[...] Inclusive esse aparelho, ele meteu... amedrontou o povo de Colares, né? De noite, a energia nesse tempo ia nove e meia, aí o povo ficava apavorado. A gente morava aí nessa casa do meu pai, que era aí de canto... Estendia as velas nas canoas e tudo. Todos os vizinhos iam pra lá. [...] Quando o aparelho... aparecia a luz, o pessoal gritava: “Lá vem! Lá vem!” Era gente correndo, era gente chorando, era gente gritando, tudo, né? E soltando foguete, dando tiro e tudo (Manoel de OLIVEIRA FILHO. Entrevista ao autor).<sup>56</sup>

Os pescadores foram os primeiros a ver o que ele chama de “aparelho” que, entre as formas que assumia, estava a de uma sombrinha e de um peixe. Manoel também destaca que as luzes emitidas pelo objeto tinham as cores azul e verde, predominantemente, mas com um detalhe: as evoluções realizadas pelo aparelho não emitiam qualquer barulho, ou seja, os deslocamentos eram completamente silenciosos, apesar de muito velozes. No rio, na areia, na cidade: por onde se identificava o já frequente brilho intenso, o desespero tomava conta das pessoas do entorno. Como a razão era incapaz de convencer aquela população amedrontada dos motivos daquilo estar acontecendo, a suspeita de que só podia ser algo de fora do planeta Terra era bastante aceitável. Não para Manoel que, apesar de não ter ideia de onde vieram as luzes, faz questão de dizer que nunca viu pessoas no aparelho. Em um primeiro momento, tentando tranquilizar familiares e amigos, chegou a dizer que se tratava de um fenômeno inofensivo e passageiro, mas quando se registraram as primeiras vítimas da luz sugadora, a preocupação também tomou o pescador.

Foram quase dois meses sem pescar porque o pai o proibia. Ainda que a chegada dos militares ao município tenha tranquilizado parcialmente a população, Manoel de Oliveira Filho lembra que muita gente foi embora da cidade e que o número só não foi maior porque as dificuldades de transporte na época eram grandes. Hoje, uma possível volta do *Chupa-Chupa* – o que o pescador diz não temer – transformaria Colares numa cidade fantasma. Durante a Operação Prato, Manoel acompanhou um dos militares em missão noturna no farol da cidade. Era o lugar ideal para um possível contato com os aparelhos, mas ele destaca que os

<sup>56</sup> Entrevista concedida por OLIVEIRA FILHO, Manoel João de. **Entrevista**. [14 nov. 2016]. Entrevistador: Phillippe Sendas de Paula Fernandes. Colares (PA), 2016. 1 arquivo .mp3 (23 min.).

radiotransmissores trazidos pela Aeronáutica não possuíam tecnologia capaz de estabelecer qualquer comunicação com a luz que inutilizava os equipamentos quando passava. Essa foi apenas uma entre as várias experiências do pescador que presenciou a circulação dos focos luminosos também nos rios. O ano de 1977 inaugurou um período de grandes atribulações em vários municípios do Pará, especialmente Colares, que só voltaria à normalidade em 1980, segundo o pescador. Lenda? Para ele, não.

Não, eu não acho que seja lenda. Eu tenho pra mim que não. Isso foi uma coisa que apareceu mesmo assim, né? Apareceu, desapareceu e ninguém sabe contar a verdade, né? O que significava aquele aparelho, né? Só a única coisa que ainda aconteceu foi isso... Eu ainda fico indeciso se era deles mesmo que sugava o sangue, né? Ainda fico indeciso. Mas o pessoal diz... Uns dizem que era. Diz que colocava de longe, do alto assim o aparelho, varava telha e ia sugar a pessoa na cama, na rede (Manoel de OLIVEIRA FILHO. Entrevista ao autor).

A voz cansada de Manoel não o impede de descrever com detalhes a sua experiência com as luzes misteriosas. Reforça que já deu entrevistas várias vezes e que em momento algum declarou ter visto extraterrestres ou pessoas nos aparelhos que circulavam pela cidade. Resume o questionamento numa frase: “O que eu vi *tô* contando e pra mim ET não existe, de jeito nenhum!”. Os humanoides de estatura baixa, geralmente representados na cor verde, estão materializados em Colares na forma de pequenas esculturas e algumas pinturas. O ceticismo do pescador em relação aos ETs não invalida o seu posicionamento quando perguntado sobre a persistência das luzes no município

Não, ainda ronda! Ronda. Ela não ronda pra cá, mas ali na praia sempre a gente vê a luz. Sempre ali no Machadinho a gente vê a luz. De madrugada, assim... de umas três horas em diante, ela aparece lá. O pessoal chama até fogo fátuo, né? Mas não é. Pra mim, é a mesma luz. [...] O pessoal vê muito. O pessoal que pesca ali... Nós vimos várias vezes. Às vezes toda noite nós saía pra pescar, a luz tava lá. E aí o pessoal tira até como graça: “Lá está o Chupa-Chupa! Lá está o Chupa-Chupa!” [risos] (Manoel de OLIVEIRA FILHO. Entrevista ao autor).

O *Chupa-Chupa* pode até estar lá, mas atualmente isso não é motivo para grandes preocupações, conta Manoel. Testemunha ocular do fenômeno, o pescador aposentado que dedicou a maior parte de sua vida ao trabalho nos rios da Amazônia lamenta a chegada da violência na cidade, antes tão tranquila, excetuando-se, claro, os últimos anos da década de 1970. Antigamente, a preocupação eram as luzes. Hoje é a falta de segurança que amedronta a população, configurando-se um problema não apenas das grandes cidades brasileiras.

Semelhante à opinião do pescador, a violência também preocupa a professora Terezinha Auxiliadora Monteiro, de 78 anos. Figura das mais respeitadas na cidade de Colares, a professora, atualmente aposentada, formou gerações e dificilmente alguém não a conhece por lá. Foi com muita disposição e simpatia que nos recebeu na manhã de domingo,

13 de novembro de 2016. Católica fervorosa e devota de Nossa Senhora do Rosário, ela optou por substituir a missa de domingo pela celebração de sábado, tornando possível a entrevista. Filha da terra, dedica um carinho admirável por aquela ilha. Não à toa, foi uma conversa pontuada de saudades e emoções.



**Figura 19** O céptico pescador Manoel João de Oliveira Filho, 71 anos, que acompanhou a missão de alguns militares durante a Operação Prato. Testemunha ocular, diz ter presenciado pelo menos dez vezes as luzes que assustavam a população, mas se recusa a acreditar em extraterrestres, já que nunca viu ninguém dentro dos aparelhos. Segundo ele, somente em 1980 as coisas realmente voltaram à normalidade. Fonte: Foto do autor.

É necessário retomar João de Jesus Paes Loureiro (2000, p. 66) quando fala sobre a importância do imaginário no sistema de produção cultural amazônico, assumindo papel dominante. Nas histórias de lendas, visagens e assombrações da região, percebe-se o protagonismo desse imaginário, enriquecendo um patrimônio simbólico preservado, principalmente, pela tradição oral do seu povo. É graças ao hábito dos velhos e velhas da Amazônia de contar histórias, que se conhecem as curiosas justificativas para os mistérios da natureza e do mundo, a partir de um olhar que compartilha referências únicas. Falar sobre o *Chupa-Chupa*, fenômeno que se distancia do balaio onde se encontram as lendas e

assombrações, também produz imaginários e isso faz com que tenhamos uma história ainda mais interessante, apesar da dificuldade de se encontrar explicações convincentes até mesmo para quem testemunhou e sobreviveu ao aterrorizante ano de 1977.

Terezinha Monteiro, ou simplesmente professora Terezinha, embarca na missão de contar os detalhes do que viveu durante as aparições das luzes sugadoras com muita tranquilidade. O caminho percorrido pela conversa torna-se, em síntese, uma declaração de amor ao lugar onde nasceu. “Terra de amor e de paz / Colares, a bela morena / Como outra não há igual” são os versos recitados por aquela senhora de quase 80 anos, de olhos marejados, disposta a falar não apenas sobre o que tornara a cidade famosa, mas também sobre seus anseios, conquistas e dificuldades vividas, a maior parte, nessa pequena ilha da Amazônia paraense. Pelos anos dedicados à educação na cidade, a professora esbanja conhecimento quando o assunto é a história do município. Detalhes geográficos, ocupação indígena e estrangeira, chegada dos jesuítas são alguns temas pelos quais transcorre com facilidade. De um tempo mais recente, destaca o progresso que chegou trazendo consigo coisas muito relevantes, como as alternativas de transporte que antes dependia unicamente dos rios, mas também se entristece ao falar do fim daqueles dias em que se podia dormir com as portas da casa abertas: “A culpa da violência é o desenvolvimento”.

Colares nunca foi assim uma cidade, um município, uma ilha que sentisse fome. Não tinha, meu filho. Também ninguém mexia nada de ninguém. Isso era tão lindo e amável. Você podia sair e deixar o que você quisesse na frente da sua casa. Você achava. Dormia-se de portas abertas. Hoje tá difícil, meu filho. [...] O que está acontecendo com esse nosso povo? O que está acontecendo com essa demanda que não é amável para nós e pra ninguém? Não só em Colares, mas no Brasil todo (Terezinha Auxiliadora Costa MONTEIRO. Entrevista ao autor).<sup>57</sup>

Formar-se em Pedagogia foi um dos grandes desafios na vida de Terezinha. Como acontecia com as jovens meninas nascidas no interior, trabalhou como doméstica em uma casa na capital. Depois migrou para o serviço de cozinheira. Afeita aos estudos, ela conseguiu concluir o curso e atuou por muitos anos como professora na cidade, aposentando-se em 1995. No final da década de 1970, Terezinha já lecionava nas escolas de Colares, testemunhando o pânico causado pelos focos luminosos. Nunca foi atacada diretamente pela luz, mas presenciou algumas vezes, ao lado do marido pescador, a evolução delas nos céus da cidade, sempre momentos de muita aflição, recorda:

Em 77 nós tivemos um pânico muito medonho aqui, que foi dessa luz misteriosa. Desse Chupa-Chupa, que por sinal, a gente não dormia e os pescadores não saiam

<sup>57</sup> Entrevista concedida por MONTEIRO, Terezinha Auxiliadora Costa. **Entrevista**. [13 nov. 2016]. Entrevistador: Phillippe Sendas de Paula Fernandes. Colares (PA), 2016. 1 arquivo .mp3 (1h 10 min.).

pra pescar de noite, era só de dia. [...] Eu vi duas vezes a luz. Vi! Eu vi uma lá que a gente vinha botando a canoa pra fora, vi de fora pra cá pra beira, e outra vez ele ia pra pescar (não era esse poste de concreto, era de madeira... mais pra lá um pouco) e quando ele saiu, disse: “Teca! Teca!” (o meu apelido com ele) Eu disse: “O que é?” Ele disse: “Olha! Acorda as crianças. Eu não vou mais pescar”. Eu disse: “Por quê?” “Olha! A luz... a luz desceu bem aí em cima dessa prefeitura” (Terezinha Auxiliadora Costa MONTEIRO. Entrevista ao autor).

Diferentemente das formas mencionadas pelo pescador Manoel de Oliveira Filho, a professora lembra que, das vezes que presenciou a evolução das luzes, elas se apresentavam geralmente no formato de abajur, pirâmide ou de carro. A presença dos militares não significou a resolução do problema, já que após o término da operação nunca houve um anúncio oficial do que ocorreu na ilha e os focos luminosos persistiam. Terezinha lembra que chegou a recepcionar o coronel Hollanda, mas nunca ouviu dele o que de fato estava se passando em Colares. Só sabia que a força da luz inutilizava os aparelhos que os militares usavam na investigação.

Quando em 1969 o mundo conhecia o primeiro homem a pisar na lua, o norte-americano Neil Armstrong, ponto alto da corrida espacial entre URSS e EUA, Terezinha trabalhava na casa de uma família como doméstica. Recorda o alvoroço gerado pela notícia e canta os versos de uma música composta por Ary Lobo e Luiz Boquinha sobre o tema: “Eu vou pra lua, mamãe / Eu vou morar lá / Sair do meu *Sputnik* / Do Campo do Jiquiá”. Até hoje duvida se de fato os americanos chegaram à lua. Supõe que poderiam ter chegado até determinada parte, fotografado e espalhado a notícia de que lá estiveram. Segundo ela, “a lua faz parte do projeto de Deus e o projeto de Deus ninguém assinou. Só Ele que fez”. No entanto, quando perguntada sobre a possibilidade do fenômeno, ocorrido em Colares apenas 16 anos depois de fincarem a bandeira dos Estados Unidos na lua, ter vindo de outro planeta, a professora não titubeia:

Nós não vamos dizer que ela seja deste nosso planeta Terra, mas quem sabe não será do outro? Nós ficamos em dúvida. Eu pelo menos fico em dúvida porque não tem, como é que se diz, não tem barulho como se fosse de um avião. Como é que aquela luz vive assim andando? Isso é de muito tempo que essa luz anda aqui em Colares.

[...]

E eu tenho, assim, pra mim, que não é daqui. Não é do nosso planeta, desses homens que vivem preparando intrigas. Eu, pra mim, na minha concepção, não é daqui. Eu tenho impressão que é de lá. De lá do infinito. Pra mim lá tem outras pessoas. Pra mim, eu tenho que... são até muito mais inteligentes do que a gente. Eu tenho essa concepção. Por isso que eu te digo assim: já pensou... Lua, sol, estrelas, céu... Só o mistério da natureza, né? Só o mistério da natureza. E o homem, com as suas descobertas, ele não é mais do que Deus (Terezinha Auxiliadora Costa MONTEIRO. Entrevista ao autor).

As respostas sobre o *Chupa-Chupa* ficam por conta dos mistérios da natureza, para a professora Terezinha. Ela acompanha o pescador Manoel na afirmação de que as luzes

continuam circulando pela cidade. Basta disposição e coragem para encontrá-las, principalmente na Praia do Machadinho e no entorno da pequena escultura de Jesus Cristo, em frente à Praia do Humaitá, na orla de Colares. Entre uma recordação e outra do período em que o grande temor era o *Chupa-Chupa*, a professora aposentada confessa que sonha em aprender inglês ou aperfeiçoar o francês, já que teve contato com o idioma na juventude, quando os parentes viajavam a trabalho para a Guiana Francesa. Parar de estudar? “Nunca”, afirma categoricamente. Ela também nutre outros desejos pensando na realidade da cidade onde vive, como o projeto de um dia construir um campo agrícola criando a possibilidade de os próprios moradores produzirem seus alimentos. Apesar de ter firmado parcerias com vereadores da cidade, o projeto nunca saiu do papel. Assim desenrola-se a conversa com professora Terezinha, pontuando fatos do passado e esperanças para um futuro não tão distante, sempre preocupada em fortalecer as contas desse colar – fazendo referência ao nome da cidade – para que nunca corra o risco de arrebentar. Em relação às dúvidas que recaem sobre o fenômeno, responde: “Não digo nem como lenda, já é uma cultura nossa daqui”.



**Figura 20** “Encontrei a felicidade aqui nesta Ilha de Colares”, conta emocionada a professora aposentada Terezinha Auxiliadora Costa Monteiro, de 78 anos. Ao lado do marido, presenciou algumas vezes as luzes conhecidas como *Chupa-Chupa* que até hoje circulariam pelo município. Descrente em relação ao homem ter chegado à lua nos anos 60, não duvida que os focos luminosos tenham vindo de outro planeta. Fonte: Foto do autor.



### 3.3. Numa cidade de “aura azul” e portais invisíveis, um futuro incerto: os discos voadores vêm aí?

Dos nossos cinco entrevistados, ninguém mora mais distante do centro de Colares do que a educadora Maria Tereza Furtado de Miranda, de 67 anos. Um caminho de areia fina e branca que só consegue ser ultrapassado com motocicletas ou carros de maior potência é que leva ao grande sítio onde ela vive. Há quem faça o percurso de bicicleta ou até mesmo a pé, mas com certa dificuldade. Cercado pela mata fechada, o silêncio no lugar é interrompido constantemente pelo alvoroço dos 20 cachorros que lá habitam. Acrescente-se a eles mais 19 gatos. Sem falar nas aves, nos macacos que vez por outra frequentam a cozinha, e nos peixes que circulam pelas límpidas águas do igarapé que serpenteia o vasto terreno. De imediato, o que desperta a curiosidade é uma ampla construção em forma circular pintada de branco. Trata-se de um espaço sagrado: a Igreja Chão de Tupinambá, homenagem aos ancestrais indígenas que ocupavam essa região, onde hoje é o município, antes da invasão dos povos europeus. É nessa igreja que há 30 anos realiza-se o ritual do Santo Daime, doutrina surgida na Amazônia no começo do século XX e marcada pelo sincretismo religioso, que tem como base em seus cultos o consumo de uma bebida considerada sagrada, feita a partir de um cipó e de uma folha encontrados na floresta, causando efeitos que facilitariam o processo de autoconhecimento buscado por seus adeptos. Em noites de ritual, o fluxo de veículos até o sítio é intenso, atraindo pessoas de outras cidades do Pará e até de outros estados.

A ex-secretária de cultura do município é conhecida como Tereza de Colares. Ela confessa que evita ao máximo ir ao centro do município, só deixando o sítio quando realmente precisa. Dois fatos importantes marcaram a vida da educadora naquele ano de 1977. O primeiro, o nascimento do filho. O segundo, como para toda população, a aparição das luzes misteriosas. Já vivendo nesse mesmo lugar na época, a experiência que Tereza relata sobre o fenômeno *Chupa-Chupa* ocorreu primeiramente com o vizinho que morava na frente de sua casa.

A minha experiência foi que uma noite nós estávamos aí, né, e o disco apareceu. Aquela luz muito grande, aquele foco assim. Primeiro apareceu em frente à casa do vizinho do outro lado. Quem morava aí era a dona Margarida... não, mas não morava mais. Morava a filha dela com o marido. Ele abriu a janela, viu. [...] Ele olhou e viu o disco, se trancou com a mulher e os filhos, e se meteram embaixo da cama e ficaram deixando as horas passar, né? Aquela luz, aquela luz. Quando eles viram que não tava mais, eles olharam na janela novamente e o disco estava em cima daqui de casa, tá? A luz estava em cima (Tereza MIRANDA. Entrevista ao autor).<sup>58</sup>

---

<sup>58</sup> Entrevista concedida por MIRANDA, Tereza. **Entrevista**. [14 nov. 2016]. Entrevistador: Phillippe Sendas de Paula Fernandes. Colares (PA), 2016. 1 arquivo .mp3 (41 min.).

O vizinho abandonou o lugar com a família no outro dia após ter visto a luz da janela. Quando o objeto ficou em cima da casa onde ela vivia, apesar de não ter atingido ninguém diretamente, o marido na época sentiu um calor muito grande, seguido de uma tontura e desmaiou. Descrito como uma roda de luz e brilho muito intensos, o foco desapareceu imediatamente. Tereza lembra que o “disco” – como ela se refere – ficou entre dois jambeiros que tinham na frente da casa. Um dia depois dos avistamentos, as folhas começaram a cair e em uma semana as duas árvores estavam completamente secas. Na segunda vez em que a professora avistou o objeto luminoso, ela estava voltando da cidade em direção a casa. Deparou-se com o temido *Chupa-Chupa* sobre a copa das árvores que encobriam o caminho. O medo a paralisou diante do inesperado, mas não chegou a ser atingida. Na época das aparições, apesar da dificuldade de acesso, muitas pessoas visitaram o sítio, pois era considerado um lugar propício para o registro das luzes. Ela menciona que integrantes do Instituto Paraense de Parapsicologia (IPP) também lá estiveram à procura de extraterrestres.

Indo na contramão do comportamento da população em geral, Tereza de Colares relata a sua tranquilidade para lidar com o problema que impunha pavor a todos. Numa cidade do interior da Amazônia, acostumada apenas com os mistérios dos seus encantados, a possibilidade de uma invasão extraterrestre ou o próprio fim do mundo fazia da situação um caos. Conhecedora desde criança da literatura fantástica de Júlio Verne, ela recorda que sabia da ocorrência de fenômenos semelhantes em outros lugares do mundo e tentava acalmar os ânimos das pessoas apavoradas, justificando que havia outros seres, em outras galáxias, e que tudo deveria ser encarado com normalidade. Voz solitária, aquelas palavras definitivamente não convenciam: fogueiras, fogos de artifício, vigílias, ruídos de batidas em latas e painéis seguiam (com pouca eficiência) na tentativa de afugentar as luzes. E a cidade padecia ainda mais com a crise de abastecimento e a ruptura na rotina dos seus moradores. Quando perguntam sobre a veracidade dos fatos, uma das mais empolgadas defensoras dessa história faz questão de destacar a capacidade que o município tem de atrair fenômenos dessa natureza. Colares torna-se uma terra de “aura azul”:

Muita gente não acredita e tal, mas realmente é verdade. Eu acredito porque eu vi. Se eu não tivesse visto podia dizer que é imaginação, é uma luz qualquer, é um cometa. Não. Eram discos voadores realmente. Então Colares, ela é uma cidade que atrai isso porque ela tem uma aura azul linda. Ela atrai todas essas coisas dos povos da floresta (Tereza MIRANDA. Entrevista ao autor).

Com muita clareza e determinação, Tereza constata que o fenômeno vivenciado, sobretudo no interior do Pará na década de 70, foi ocasionado pela ação de discos voadores. Além da natureza ufológica, ela relaciona o episódio com as características da cultura

amazônica, lembrando as entidades e encantados que povoam os rios e florestas da região. Convém trazer a reflexão de Ana Pizarro (2012, p. 20) ao afirmar que a Amazônia possui formas de miscigenação cultural sem comparação com outras regiões do continente americano, além de diferentes formas de vida humana relacionando-se com a natureza. Inevitavelmente, isso influi no mundo simbólico e nos imaginários da região. Mas o que esses seres buscavam afinal? Nesse ponto, só florescem hipóteses: Tereza diz que alguns acreditam que era a oportunidade de investigar o sangue humano, outros veem as aparições como uma chance de estabelecer contato com o planeta Terra, e há quem diga que, na verdade, Colares possui uma base, próxima ao farol, onde esses objetos se abrigam e por isso nunca teriam deixado a cidade.

Eu acho que eles vão voltar ainda pra cá porque eles são muito bem recebidos. A natureza aqui... eles tem uma coisa assim com a natureza daqui, que eu acho realmente que eles precisam de algo daqui, nem que seja pra eles respirarem, alguma coisa. Mas eles tão sempre aqui. Eles tão presentes. [...] Os fenômenos estão aí. Eles tão aparecendo sim. Eles vêm. Eles vão, voltam, mas eles estão presentes aqui. Pra mim, eu não descarto a possibilidade de dizer que eles não vêm mais, não. Eles estão aí... sempre (Tereza MIRANDA. Entrevista ao autor).

Apesar de se julgar preparada na época, o encontro inesperado com o *Chupa-Chupa* fez com que o medo tomasse conta de Tereza, impedindo-a de esboçar qualquer reação. O trabalho constante de autoconhecimento e também de fortalecimento da espiritualidade que vem desenvolvendo ao longo dos anos faz com que a professora diga que hoje sim está preparada. Caso as luzes reapareçam com a força que surgiram em 1977, não é o medo que acomete a professora, mas a curiosidade e a disposição para entrar em contato com seres, supostamente, de uma civilização muito mais evoluída que a nossa, de uma esfera de conhecimento muito mais avançada. Mais do que nunca, as luzes parecem ser bem-vindas naquele sítio.

Eu espero que um dia ele desça aqui. Agora eu me sinto preparada pra entrar em contato com eles, conversar... Se eles quiserem até me levar pra dar uma volta, eu vou [risos]. Agora eu já tô preparada, não tenho mais medo de nada. Eu nunca tive medo de nada, mas eu tive no momento que eu vi a luz e eu fiquei... Mas depois, hoje em dia eu já me preparei pra receber eles. Eu acho que agora eu tô preparada (Tereza MIRANDA. Entrevista ao autor).

Passado o temor causado pelas luzes, aos poucos a cidade foi retomando sua rotina. No entanto, isso não significa que as aparições tenham cessado. Pode-se dizer que os ataques às pessoas finalizaram, mas a presença das luzes se manteve, com uma diferença: a população local acostumou-se com o fenômeno, conta Tereza. As dificuldades para lidar com isso também levaram certo tempo para serem superadas. Inicialmente as pessoas recusavam-se a falar sobre o *Chupa-Chupa*, temendo serem motivos de zombaria e descrédito. Diante do

interesse que a história despertou, um novo movimento se configurou no lugar, transformando-o em uma cidade de turismo ufológico. A educadora acredita que isso ficará ainda mais forte por conta da curiosidade que os jovens da cidade têm demonstrado, garantindo assim a preservação dessa história, garantindo assim que a “aura azul” de Colares se mantenha mais forte.



**Figura 21** Maria Tereza Miranda ou Tereza de Colares, 67 anos, em frente ao altar da Igreja Chão de Tupinambá, construída no sítio onde vive. No alto, ao lado da imagem de Jesus Cristo, a fotografia de Mestre Irineu, lavrador maranhense que no começo do século XX fundou a doutrina do Santo Daime, no Acre. Professora do município de Colares em 1977, Tereza presenciou duas vezes as luzes que amedrontavam a população. Nos dias de hoje, aguarda sem medo um novo contato com os discos voadores. Fonte: Foto do autor.

Construída pelas próprias mãos, com a ajuda de amigos, está exposto no quintal da casa de Hilberto Araújo Freitas um disco voador contornado por pequenas lâmpadas coloridas que piscam freneticamente. Dentro do aparelho, alguns bonecos fazem o papel dos ocupantes. Aos 76 anos, o maquinista, militar aposentado, está sempre envolvido com a manutenção de equipamentos eletrônicos. Ele é o responsável pela produção e transmissão de conteúdo da Rádio Rosário, na cidade de Colares. Apesar de viver no município há mais de 20 anos, Seu Beto, como é conhecido, não nasceu lá e nem presenciou os acontecimentos de 1977. Talvez por isso não cumpra um dos critérios definidos para a escolha dos entrevistados da pesquisa,

no entanto, a figura desse senhor conquistou certa notoriedade no lugar por ser o único ufólogo da região, dedicando-se a interpretar fenômenos de natureza extraterrestre, entre eles o *Chupa-Chupa*. Contudo, a certeza da existência de outros seres fora do planeta Terra só veio quando, ainda jovem, se deparou com filmes confidenciais armazenados num acervo da escola militar onde aprendia assistência eletrônica e de máquinas nos anos 1960. Às escondidas, assistiu torpedos voadores cruzando os céus da Ilha da Trindade, a partir de registros das Forças Armadas. O que antes era visto como ficção científica virou uma paixão. Desde então, passou a estudar o tema, tornando-se um empolgado ufólogo embrenhado nas matas de uma cidade do interior do Pará, marcada por fenômenos sobrenaturais que, segundo ele, podem ser cientificamente explicados por meio da física quântica. Numa conversa repleta pressuposições e interpretações científicas, Beto revela a sua vontade de aprender cada vez mais, sempre preocupado com a sua liberdade e preparando-se para um futuro que reserva grandes surpresas: “Eu quero asas. Ninguém vai tirar minhas asas. Eu tenho é que voar”, afirma.

Hilberto chegou a fazer parte do Instituto Paraense de Parapsicologia e destaca o domínio que tem do método da hipnose. O pai de 14 filhos lembra que era muito difícil lidar com temas ufológicos no passado, principalmente pelo desconhecimento da maior parte das pessoas que chegou a julgá-lo como louco. O percurso trilhado durante as décadas de trabalho, envolvendo a manutenção eletroeletrônica e cursos de diferentes naturezas, trouxe para ele referências permitindo-o elaborar explicações científicas para o que ocorreu no nordeste paraense no final da década de 1970. Nos dias de hoje, é frequentemente procurado por grupos para realizar vigílias em Colares, principalmente na Praia do Machadinho, onde as luzes seriam mais frequentes. Relata, maravilhado, o fascínio causado pelas luzes e a tecnologia dominada por esses seres imensamente mais avançados que a gente. Agora por que esse lugar? Ele acredita que naquela cidade escolhida para morar há mais de 20 anos existem portais invisíveis que, a partir deles, possibilitam o contato extraterrestre.

Eu pressuponho. Eu não afirmo nada porque não dá pra afirmar. Se der pra afirmar, eu afirmo! Agora, eu acho o seguinte: que... não só aqui em Colares, como em vários lugares do planeta, têm portais invisíveis. São invisíveis esses portais. É, como se diz, é tipo um atalho, uns atalhos de computador. Então, por lá eles navegam e tal, fazem tudo. Aqui nós estamos no Equador [Linha do Equador]. No Equador você tem, por exemplo... É uma esfera a Terra, né? Qual é a parte mais próxima do Sol ou mais próxima de algum planeta? A parte é o que? O Equador. Por quê? Se a nave vem fazendo essa viagem daqui pra cá são tantos anos luz, mas se vem daqui pra cá é outros 500. Nem que seja... Bom, aí já horas não, já é pouca

coisa porque é na velocidade da luz que eles andam. Mas pra chegar até aqui é muito mais longe [...] (Hilberto Araújo FREITAS. Entrevista ao autor).<sup>59</sup>

E o ufólogo não se refere apenas à distância, registrando que o percurso até as cidades localizadas próximas à Linha do Equador seria menor comparado com outras regiões do planeta, mas ele menciona também a força magnética dos polos Norte e Sul que sofreria uma neutralização justamente nessa zona, facilitando a aproximação das naves extraterrenas. Colares, além de abrigar um portal invisível, possibilitaria também o contato com esses seres graças à sua neutralidade magnética.

O também radialista mantém uma rede de relacionamento com pessoas de todo Brasil, voltada para o estudo dos fenômenos ufológicos. Além de frequentar seminários dedicados à temática, é um ávido pesquisador de fóruns que debatem o assunto na internet. Uma das experiências mais curiosas que destaca ocorreu há seis anos em Colares: uma nave extraterrestre teria o seguido, mas rapidamente desapareceu. Longe de ser um episódio isolado, Beto destaca que as luzes aparecem o tempo todo. Além disso, muito comum entre os pescadores, é o relato de bolas de fogo saindo de dentro da água dos rios que margeiam a cidade. Segundo ele, seriam sondas espaciais ou pequenas naves exibindo sua tecnologia avançada, realizando manobras que nenhum veículo que conhecemos teria a capacidade de desenvolver.

Se o pânico não tomasse a população em 1977, registrando-se várias vítimas das luzes sugadoras, a imprensa e os militares talvez não tivessem se deslocado para a região que, na época, tinha o acesso bastante difícil pela falta de infraestrutura. Contudo, Hilberto não acredita totalmente nessa ideia de que os focos luminosos sugavam o sangue das pessoas. Ele afirma que a preocupação dos seres extraterrestres era captar a energia vital da população e até mesmo colher pequenas quantidades de sangue para fins de pesquisa, mas sem o propósito de causar mal. O ufólogo lembra que as pessoas ficavam até um mês sem disposição para realizar suas atividades rotineiras porque justamente tiveram sua energia captada. Todo esse episódio complexo que marcou a vida de tanta gente no lugar seria uma tentativa de estabelecer contato, para a qual não estavam preparados.

Ouvir o Seu Beto é entrar num filme de ficção científica. A mesma ficção que ele rejeitou quando se deparou com o filme *confidencial* na escola militar onde estudava. Conhecer o fenômeno *Chupa-Chupa* a partir do seu olhar é mergulhar em uma história pintada com cores ainda mais fortes de algo fantástico e inexplicável, apesar de recorrer a

---

<sup>59</sup> Entrevista concedida por FREITAS, Hilberto Araújo. **Entrevista**. [12 nov. 2016]. Entrevistador: Phillippe Sendas de Paula Fernandes. Colares (PA), 2016. 1 arquivo .mp3 (1h13 min.).

várias teorias científicas. Na grande mesa do quintal de sua casa, estão espalhadas ferramentas e peças de aparelhos eletrônicos onde ele dedica parte do tempo consertando-os, quando não está no computador pesquisando sobre os extraterrestres, seres tão caros para aquele humilde senhor de quase 80 anos, que contribui significativamente com suas memórias atravessadas por imaginários para o fortalecimento da cultura ufológica nessa cidade do interior da Amazônia.



**Figura 22** Seu Beto, 76 anos, ostenta no quintal de casa um disco voador construído pelas próprias mãos com a ajuda de amigos. Luzes coloridas contornam o objeto discoide que foi pensado e executado depois do relato de avistamentos de um amigo que visitava a Ilha de Colares. O único ufólogo da região busca na ciência as respostas para o fenômeno *Chupa-Chupa* e para outros que ocorrem misteriosamente no Brasil e no mundo. Fonte: Foto do autor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nove países são cortados pela Amazônia. Cerca de 60% está no Brasil. Uma vasta área que abriga florestas, rios, cidades pequenas, algumas metrópoles. A marca da região é a heterogeneidade, apesar de persistir o apelo ambiental aliado ao exotismo nos sentidos produzidos sobre ela. O avanço da fronteira agrícola ameaça o patrimônio mundial resguardado na biodiversidade amazônica. Os problemas das grandes cidades dificultam ainda mais a vida das populações pobres imersas nas misérias de suas favelas. A falta de oportunidades nos pequenos municípios obriga um intenso movimento migratório na busca de um futuro mais justo. Compondo esse imenso mosaico, tão diverso, falamos neste trabalho de um lugar localizado no nordeste do Pará, que preserva, graças à tradição oral, a história de um fenômeno inexplicável que desperta até hoje, 40 anos depois, o interesse e a curiosidade de tantas pessoas mundo afora. Tentando compreendê-lo e até mesmo desvendá-lo, vários olhares foram lançados para o *Chupa-Chupa*. Seguimos um propósito diferente: preocupamo-nos em falar sobre suas memórias. Preocupamo-nos em falar sobre seus imaginários. As respostas definitivas nos faltam e não será nessas linhas que se descobrirá o que, afinal, ocorreu em Colares e nas cidades vizinhas naquele assombroso ano de 1977. O que movimentou esta pesquisa foi um fenômeno cultural que, transformado em fenômeno comunicacional, produziu narrativas de diferentes naturezas: ocupando as histórias contadas pelos velhos e velhas da região; as notícias publicadas pelos jornais paraenses na época; e os relatórios produzidos durante a investigação sigilosa realizada pelos militares.

O sobrenatural, o maravilhoso, o medonho inspiraram essas narrativas fantásticas, o que não significa dizer que são irreais. São narrativas marcadamente comunicacionais, mediadas por aqueles que dominam a arte de narrar e seguem compartilhando-as com os seus, mediadas pela imprensa tradicional, mediadas pelas instituições que ousaram investigar o fenômeno. Diante disso, é notável a contribuição de diferentes setores na construção das memórias e dos imaginários em torno do *Chupa-Chupa*. Não é à toa que cada vez mais produções audiovisuais têm se debruçado nessa história, fortalecendo certas interpretações, enfraquecendo outras, apresentando novos pontos de vista, mas, sobretudo enriquecendo os processos de disputa que envolvem as memórias e os imaginários sobre esse episódio. Colares, para uns, pode ter vivido meses de neurose coletiva e total descontrole emocional. Para outros, pode ter sido visitada sim por extraterrestres, assumindo o posto de capital ufológica da Amazônia. Fato é que as lendas de lá, depois dos últimos anos da década de 1970, perderam o protagonismo para os raios luminosos que atingiam as pessoas causando



várias reações no corpo. E para quem viveu e testemunhou o fenômeno, a linha que separa as histórias do *Chupa-Chupa* e os relatos de visagens e assombrações é muito clara: não se pode afirmar que o que a população viveu foi algo fantasioso. As provas? Elas estão nas marcas do corpo. Elas estão em suas memórias visuais, dizem.

As disputas narrativas que demonstram o quão pulsante foi o fenômeno *Chupa-Chupa* são perceptíveis a partir das fontes analisadas na pesquisa. Da imprensa, o vampiro interplanetário, a luz sugadora e os discos voadores amedrontaram a população do interior, registrando-se também vítimas na capital. Localidades que dificilmente ganhariam as páginas dos jornais, diante das dificuldades de acesso e até mesmo por conta dos critérios de noticiabilidade, eram mencionadas frequentemente quando os avistamentos das luzes passaram a ser constantes. Os jornais publicaram em suas edições as visitas que grupos do interior faziam até as redações em busca de ajuda. Quando os moradores de Belém também denunciaram as luzes, chega-se ao ponto da comoção geral diante do pavor que o inexplicável causava. O *Chupa-Chupa* só não resistiu mesmo à pilhéria e à razão: médicos, militares e antropólogos orientavam as pessoas a manterem a calma, já que as luzes não passavam de fruto da imaginação, não passavam de fantasia, afirmavam. O fenômeno caiu na graça do público rendendo marchinha de carnaval, charges e as mais irreverentes histórias.

O medo que vem do alto levou as autoridades das cidades onde ocorreram os primeiros avistamentos a procurarem, além da imprensa, o I Comando Aéreo Regional (I COMAR), vinculado a Aeronáutica. Não há registro de nenhuma outra ação militar anterior à Operação Prato, voltada para a investigação de fenômenos de natureza extraterrestre. Levando em conta o contexto em que estavam inseridos, de uma ditadura que naquele mesmo estado enfrentou a resistência de uma guerrilha, a apreensão era grande por parte dos militares. No entanto, tudo era visto com muito ceticismo quando as explicações apresentadas pela maioria da população atribuíam a ETs os ataques dos raios luminosos. Numerosas são as páginas dos relatórios militares referentes à investigação que, apesar de não serem conclusivas, revelam os diferentes formatos que os aparelhos tinham, além das evoluções surpreendentes que realizavam nos céus do Pará. “Objetos inteligentemente dirigidos” está entre as hipóteses levantadas, mas que não pode ser comprovada até mesmo porque os equipamentos não possuíam tecnologia suficiente para registros mais claros. Além disso, um dossiê contendo várias reportagens publicadas pelos jornais mostra a preocupação da instituição com a maneira como a imprensa estava lidando com o caso, responsabilizando-a significativamente por parte do caos instalado. Curiosos ainda são os depoimentos que fazem parte desses relatórios: não havia um perfil de vítima, mas os avistamentos relatados eram muito

semelhantes, assim como as reações que os atingidos sofriam no corpo. O *Chupa-Chupa* não escolhia quem atacar, nem quando, nem onde, registraram os relatórios.

As páginas dos jornais e os relatórios da Aeronáutica são documentos de credibilidades diferentes, mas abordando o mesmo tema. De um lado, temos uma imprensa investigativa que diariamente publicava reportagens sobre o caso. Do outro, sigilosamente, eram registrados pelos militares os detalhes do fenômeno nos relatórios que só seriam divulgados muitos anos depois. São os relatos da população das cidades atingidas que unem ambos. São as histórias contadas por quem testemunhou as luzes ou foram atingidos por elas que baseiam esses documentos. Partindo do que as pessoas falavam, em diferentes versões, convergem nas páginas dos jornais e relatórios os imaginários em torno do fenômeno. Na imprensa, desponta o cenário apocalíptico vivido pelas cidades do interior como consequência do temor de uma invasão extraterrestre ou ainda uma experiência científica para investigar as propriedades do sangue humano, iniciada por seres de outros planetas. Entre os militares, o pânico era tamanho que havia a preocupação de um suicídio coletivo ocasionado pela histeria. São diferentes versões sustentadas ao longo do tempo que contribuem também na formação de memórias sobre o *Chupa-Chupa*.

A análise dessas histórias preservadas na materialidade de jornais e relatórios foi a primeira etapa da pesquisa que só pode ser concluída com as entrevistas de sobreviventes do episódio, moradores de Colares até hoje. São esses os atores que resguardam em suas memórias o que ocorreu naquela pequena ilha em 1977. E é a partir deles que o fenômeno se reconfigura, principalmente agora quando se identifica maior interesse entre os jovens pelas questões ufológicas, que tornaram a cidade onde vivem um lugar famoso. Há uma forte recusa quando os episódios são relacionados à credence popular, principalmente porque, ainda que tenham justificativas diferentes, todos presenciaram as luzes e acompanharam a população no medo e pânico que a afligiu. É unanimidade também, entre os sobreviventes, que Colares, até hoje, é visitada por essas luzes, muito mais tranquilas, já que nunca mais se registraram ataques sugadores. Com bom humor, tem gente que espera ansiosamente um convite para passear num disco voador, mas também tem morador que relata verdadeiro pavor das luzes voltarem tal como apareceram nos anos 70. Nem entre eles, que juntos se reuniram na casa de vizinhos, em torno de fogueiras, batendo panelas e soltando foguetes, o *Chupa-Chupa* foi capaz de produzir apenas uma interpretação, apenas uma memória. As versões sustentadas são semelhantes em sua essência, mas cada uma possui uma particularidade que nos faz crer o quanto as memórias em torno do fenômeno seguem em disputa. Por isso, vale destacar a força que esse episódio conquistou no lugar, levando a cidade a abraçar a temática, pensando nos

visitantes curiosos que vão até lá, a fim de se depararem com o popular *Chupa-Chupa*. Sem falar nas outras ações como o carnaval ufológico, em que seres verdinhos sambam ao lado dos “ufoliões”, como passaram a serem conhecidos os brincantes.

As três fontes de nossa pesquisa são costuradas pelos relatos dos moradores. As três fontes apresentam diferentes interpretações, revelando memórias e imaginários de um fenômeno envolto de mistérios há 40 anos. Apesar de se tratar de um fenômeno ocorrido especificamente na Amazônia, os vetores de imaginários carregam consigo elementos universais baseados, por exemplo, em profecias bíblicas, física quântica e até mesmo em ficção científica transformada em realidade. As memórias revelam um trauma que por muito tempo fez com que essa população se recusasse a falar sobre a história, por conta do desconforto que causava lembrá-la, e também do medo de terem seus relatos julgados como credence, mentira. Hoje todos reconhecem a importância que o episódio tem para a cidade, potencializando o turismo: o *Chupa-Chupa* ufológico triunfou sobre o *Chupa-Chupa* mitológico. Eis um fenômeno marcado por um intenso fluxo comunicativo, atravessado por processos de construção de memórias e circuitos de imaginário ao longo de todos esses anos.

Alguém que visita a cidade de Colares agora pode se deparar com outro sobrevivente e ouvir atentamente as histórias que ele tem para contar, bordada por outras memórias e imaginários que não couberam nestas linhas. Pode conversar ainda com uma criança ou um adolescente que certamente já conhece a história, ouvida pela boca de seus pais e avós. Isso só confirma a riqueza do objeto que, a cada dia, desperta o interesse e atrai mais pessoas, que contribuem, de diferentes formas, para a sua preservação. Nessa Saramandaia amazônica, ainda que desponham novas interpretações dispostas a desvendar o fenômeno, é no mistério que está guardado seu trunfo. Na dúvida, é melhor olhar para cima. Ou não, se não quiser correr o risco de se deparar com o fantástico, o sobrenatural, o medonho *Chupa-Chupa*, que há quatro décadas movimenta a vastidão dos céus da Amazônia.

## REFERÊNCIAS

### Fontes bibliográficas

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: Textos em História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

\_\_\_\_\_. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALVES, José. **O Grau – Operação Prato**. Belém: Cromos, 2012.

ANTUNES ALMEIDA, Rafael. **“Objetos intangíveis”**: Ufologia, ciência e segredo. 2015. 508 p. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília.

ARAGÃO, Nely da Costa; MIRANDA, Paula Maria Campos de. **A cultura ufológica na Ilha de Colares-PA**: entre o real e o imaginário – um estudo de casos. 2010. 72 p. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Pedagogia, Campus Universitário de Castanhal, Núcleo de Colares, Universidade Federal do Pará, Colares.

ATHAYDE, Reginaldo de. **ETs, santos e demônios na Terra do Sol**: repertório de terror e medo no Nordeste brasileiro. São Paulo: Mythos Editora, 2000.

BARBOSA, Marialva. Meios de comunicação: lugar de memória ou na história? In: **Revista Contracampo**, v. 35, n. 1, ed. abril-jul/2016, ano 2016. Niterói: Contracampo, 2016, p. 7-26.

\_\_\_\_\_. O presente e o passado como processo comunicacional. **Matrizes**, v. 5, p. 145-155, 2012.

BARBOSA, Marialva; RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Comunicação e história: um entre-lugar. In: BARBOSA, Marialva; RIBEIRO, Ana Paula Goulart (orgs.). **Comunicação e História**: partilhas teóricas. Florianópolis: Insular, 2011, p. 8-28.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. **Jornais Paraoaras**: catálogo. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1985.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAMPOS FILHO, Romualdo. **Guerrilha do Araguaia**: o silêncio quebrado, 1 abr. 2007. Disponível em: <<http://www.grabois.org.br/cdm/colecao-principios/150862-44569/2007-04-01/guerrilha-do-araguaia-o-silencio-quebrado>> Acesso em 13 mar. 2016.

CAVALCANTE, Agildo Monteiro. **Ilha de Colares na Amazônia**: fenômeno prato-voador. Belém: Editora Café, 2014.

COLOMBO, Fausto. **Arquivos imperfeitos**: memória social e cultura eletrônica. São Paulo: Perspectiva, 1991.

CORRÊA, Carlos Hugo Studart. **Em algum lugar das selvas amazônicas**: as memórias dos guerrilheiros do Araguaia. 2013. 574 p. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília (DF).

COUTO, Mia. **O fio das missangas**: contos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CUNHA NETO, José. **A luz misteriosa e o Chupa-Chupa encantado (cordel)**. Belém: s/ ed., 1977.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arqueologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

EULÁLIO, Ana Carolina Oliveira. **O discurso dos jornais de Belém sobre o fenômeno chupa-chupa**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Comunicação Social – Jornalismo, Universidade da Amazônia, Belém.

FERNANDES, Phillippe Sendas de Paula; BARBOSA, Marialva. História oral e memória na Amazônia: o fenômeno Chupa-Chupa. In: **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 8, n. 8, mar/2016, ano 2016, p. 45-58.

FERREIRA, Paulo Roberto. **A censura no Pará**: a mordaza a partir de 1964. Belém: Paka-Tatu, 2015.

FURTADO, João Jadson da Silva. **O realismo fantástico em Colares**. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Comunicação, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará, Belém.

GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014a.

\_\_\_\_\_. **A ditadura escancarada**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014b.

GIACONETI, Milton José. **As luzes no céu e a Guerra Fria**: do limiar do conflito ao imaginário sobre os discos voadores (1945-1953). 2009. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

GIESE, Daniel Rebisso. **Vampiros extraterrestres na Amazônia**. Belém: Falangola Editora, 1991.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário**: perspectivas de uma antropologia literária. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

- JUNG, C. G. **Um mito moderno sobre coisas vistas no céu**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- JURANDIR, Dalcídio. **Belém do Grão-Pará**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1960.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.
- LEGROS, Patrick et al. **Sociologia do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Obras reunidas, volume 4**. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.
- MACHADO, Ismael. **Golpe, contragolpes e guerrilhas: o Pará e a ditadura militar**. Belém: IAP, 2014.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- MATHEUS, Letícia Cantarela. **Comunicação, tempo, história: tecendo o cotidiano em fios jornalísticos**. 2010. 282 p. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- MEDITSCH, Eduardo. **Rádio e pânico: A Guerra dos Mundos 60 anos depois**. Florianópolis: Editora Insular, 1998.
- MONTEIRO, Walcyr. **Visagens e assombrações de Belém**. Belém: Cromos Editora, 2012.
- MORAIS, Fernando. O sonho da Transamazônica acabou. In: **Cem quilos de ouro e outras histórias de um repórter**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 37-80.
- MORAIS, Fernando; GONTIJO, Ricardo; CAMPOS, Roberto. **Primeira Aventura na Transamazônica**. São Paulo: Brasiliense, 1970.
- MOTA, Carlos Renato. As principais teorias e práticas do desenvolvimento. In: **A Difícil Sustentabilidade: Política energética e conflitos ambientais**. Marcel Bursztyn (org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2001, p. 27-40.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Revista Projeto História**. São Paulo: PUC-SP; Programa de Pós-Graduação em História, n. 10, dez. 1993, p. 7-28.
- PINTO, Lúcio Flávio. **A violência no campo: uma motivação sem fim**. Disponível em <<http://www.lucioflaviopinto.com.br/?p=1304>> Belém: Jornal Pessoal, 2010. Acesso em 22 set. 2010.
- PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio – Imaginário e modernização**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A história oral nos estudos de jornalismo: algumas considerações teórico-metodológicas. In: **Revista Contracampo**, v. 32, n. 2, ed. abril-julho, ano 2015. Niterói: Contracampo, 2015, p. 73-90.

\_\_\_\_\_. A mídia e o lugar da história. In: **Lugar Comum**, n.n. 11, p. 25-44, 2000.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; BRASILIENSE, Danielle Ramos. Memória e narrativa jornalística. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lúcia Maria Alves (orgs.). **Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 219-235.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SANT'ANNA, André Albuquerque; YOUNG, Carlos Eduardo Frickmann. **Conflitos no Campo e Desmatamento na Amazônia: duas faces de uma mesma moeda**. In: V Encontro Nacional de Economia Política, 2000, Fortaleza. Anais do V Encontro Nacional de Economia Política. Fortaleza: SEP, 2000.

SANTO AGOSTINHO. **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

SANTOS, Rodolpho Gauthier Cardoso dos. **A invenção dos discos voadores: Guerra Fria, imprensa e ciência no Brasil (1947-1958)**. 2009. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SARAMAGO, José. **Da estátua à pedra e discursos de Estocolmo**. Belém: Editora UFPA, 2013.

SCHRAMM, João Francisco. **Alteridade Alienígena no discurso militar**. 2011.76f. Monografia. Graduação em Antropologia – Instituto de Ciências Sociais. Universidade de Brasília, Brasília.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SIMÕES, Maria do Socorro. Narrativas da Amazônia Paraense. In: **Revista Gelne**. Ano IV, n. 2, 6 abr. 2009, p. 7-15. Disponível em: <[http://www.gelne.ufc.br/revista\\_ano4\\_no2\\_32.pdf](http://www.gelne.ufc.br/revista_ano4_no2_32.pdf)> Acesso 30 jul. 2015.

STEINBRENNER, Rosane. Centralidade ambiental x Invisibilidade urbana (ou os novos “fantasmas” da Amazônia). In: ARAGÓN, Luis E.; OLIVEIRA, José Aldemir (orgs.). **Amazônia no cenário sul-americano**. Manaus: Editora da UFAM, 2009, p. 19-40. Disponível em: <<http://unuhoopedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/viewFile/3438/3368>> Acesso 10 ago. 2015.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

WEINRICH, Harald. **Lete**: arte e crítica do esquecimento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

WELLS, H. G. **A Guerra dos Mundos**. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia. Editores, 1953.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O imaginário**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

## Fontes documentais

### *Relatórios*

COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. **Mortos e desaparecidos políticos**. Brasília: CNV, 2014.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **Conflitos no Campo Brasil 2005**. Goiânia: CPT Nacional Brasil, 2006.

RELATÓRIO DE MISSÃO – OPERAÇÃO PRATO. Ministério da Aeronáutica – 1º Comando Aéreo Regional. **Relatório**. Belém, novembro 1977.

RELATÓRIO DE MISSÃO – OPERAÇÃO PRATO (Colares/PA). Ministério da Aeronáutica – 1º Comando Aéreo regional. **Relatório**. Belém, 1983.

REGISTROS DE OBSERVAÇÕES DE OVNI. Ministério da Aeronáutica – 1º Comando Aéreo Regional. **Relatório**. Belém, 1978.

### *Reportagens publicadas em jornais*

1º COMAR afirma que OVNI na Vigia foi pura ilusão de ótica. **A Província do Pará**, Belém, 5 nov. 1977. 1º Caderno, p. 11.

APARIÇÕES e mortes aterrorizam Vigia. **O Liberal**, Belém, 17 out. 1977. 1º Caderno, p. 16.

AS EVOLUÇÕES dos objetos nos céus da Vigia. **A Província do Pará**, Belém, 20 out. 1977. 1º Caderno, p. 15.

BICHO sugador ataca mulheres e homens em povoado da Vigia. **O Liberal**, Belém, 8 out. 1977. 1º Caderno, p. 21.

CHUPA-CHUPA é só fantasia. **A Província do Pará**, Belém, 20 nov. 1977. 1º Caderno, p. 16.

DISCO voador ataca mulher. Pavor na Ilha do Mosqueiro. **O Estado do Pará**, Belém, 1 nov. 1977. Cidade, p. 11.



DISCO voador em Icoaraci. **O Estado do Pará**, Belém, 14 nov. 1977. Cidade, p. 12.

“DISCO”. **O Estado do Pará**, Belém, 21 nov. 1977. Cidade, p. 3.

DISCOS voadores. **O Estado do Pará**, Belém, 23 out. 1977. Cidade, p. 3.

FENÔMENO da luz intranquiliza a cidade. **O Liberal**, Belém, 17 nov. 1977. 1º Caderno, p. 21.

FOCO fez mais duas vítimas. **O Estado do Pará**, Belém, 20 nov. 1977. Cidade, p. 12.

FOCO misterioso volta a Marituba. **O Estado do Pará**, Belém, 15 dez. 1977. Interior, p. 9.

FOLIAS do Chupa-Chupa. **A Província do Pará**, Belém, 20 nov. 1977. 2º Caderno, p. 16.

LUZ e pavor nas noites vigienses. **A Província do Pará**, Belém, 20 out. 1977. 1º Caderno, p. 16.

LUZ. **O Liberal**, Belém, 18 nov. 1977. 1º Caderno, p. 3.

LUZ. **O Liberal**, Belém, 19 nov. 1977. 1º Caderno, p. 3.

MARCIANOS estão chegando. **O Estado do Pará**, Belém, 19 nov. 1977. Cidade, p. 12.

MÉDICOS não viram nada demais na “vítima” da luz. **O Liberal**, Belém, 17 nov. 1977. 1º Caderno, p. 22.

MORADORES da Matinha viram o Disco Voador. **O Estado do Pará**, Belém, 16 nov. 1977. Cidade, p. 9.

OBJETO voador. **O Estado do Pará**, Belém, 14 out. 1977. Cidade, p. 3.

PROFESSORA e policial, as novas vítimas do estranho foco. **O Estado do Pará**, Belém, 18 nov. 1977. Cidade, p. 12.

QUEM acredita em discos voadores? **A Província do Pará**, Belém, 13 nov. 1977. 2º caderno, p. 12.

SERIA um disco voador o estranho objeto que intranquiliza Vigia? **O Liberal**, Belém, 15 out. 1977. 1º Caderno, p. 21.

VAMPIRO interplanetário só gosta de mulher. **A Província do Pará**, Belém, 19 nov. 1977. 1º Caderno, p. 14.

## Fontes fonográficas e audiovisuais

*Músicas, filmes e documentários*

DIEGUES, Carlos. **BYE BYE Brasil**. Produção: Lucy Barreto, Luiz Carlos Barreto. São Paulo, BR: L. C. Barreto Ltda, 1979.

JUNGE, Daniel. **Mataram Irmã Dorothy** (They killed Sister Dorothy). EUA: Moviemobz, 2008. DVD. 94 min.

NASCIMENTO, Milton; BASTOS, Ronaldo. Menino. In: NASCIMENTO, Milton. **Geraes**. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1976. 1 CD. Faixa 4.

VELOSO, Caetano. O Império da Lei. In: VELOSO, Caetano. **Abraço**. São Paulo: Universal, 2012. 1 CD. Faixa 4.

## Entrevistas

CARDOSO, Newton de Oliveira. **Entrevista**. [12 nov. 2016]. Entrevistador: Phillippe Sendas de Paula Fernandes. Colares (PA), 2016. 1 arquivo .mp3 (47 min.).

FREITAS, Hilberto Araújo. **Entrevista**. [12 nov. 2016]. Entrevistador: Phillippe Sendas de Paula Fernandes. Colares (PA), 2016. 1 arquivo .mp3 (1h13 min.).

MIRANDA, Tereza. **Entrevista**. [14 nov. 2016]. Entrevistador: Phillippe Sendas de Paula Fernandes. Colares (PA), 2016. 1 arquivo .mp3 (41 min.).

MONTEIRO, Terezinha Auxiliadora Costa. **Entrevista**. [13 nov. 2016]. Entrevistador: Phillippe Sendas de Paula Fernandes. Colares (PA), 2016. 1 arquivo .mp3 (1h 10 min.).

OLIVEIRA FILHO, Manoel João de. **Entrevista**. [14 nov. 2016]. Entrevistador: Phillippe Sendas de Paula Fernandes. Colares (PA), 2016. 1 arquivo .mp3 (23 min.).



ANEXO B – APARECEM mais vítimas do “disco voador”. A **Província do Pará**, Belém, 19 nov. 1977. 1º Caderno, p. 1.

**na de tura**

eto da Universi-  
ssino, ontem,  
jurídica à Fun-  
volvimento da  
anismo surgido  
e-reitor, Clóvis  
e antes de ter  
l, a pesquisa na  
devida o empe-  
es da área de  
ular da univer-  
alegria e satis-  
fritos não imagi-  
s”. A escritura  
re outros, pelo  
que disse que  
tomar parte na  
tadores da  
tura. (Pág. 9)

**Antigo morador do Mosqueiro dá o nome à ponte**

A ponte sobre o Igarapé Cajuetiro, foi inaugurada, ontem, na Vila do Mosqueiro, recebendo o nome de “Zacharias dos Santos Mártires”, numa homenagem a um dos mais antigos moradores da Vila. A solenidade foi presidida pelo governador Aloysio Chaves, ao lado do prefeito Ajax Carvalho d’Oliveira e engenheiro Sílvio Afonso, diretor do DMER, que executou a obra. Presentes também familiares do homenageado, a inauguração contou com o apoio do povo. A fita simbólica foi cortada pela viúva do homenageado e pelo prefeito Ajax d’Oliveira. Com 60 metros de extensão por 11 de largura, a ponte do Cajuetiro passou a servir de “elo” entre Carananduba, Marau e Baía do Sol, com o Chapéu Virado, Farol, e Prais Grahd e Vila do Mosqueiro. (Pág. 9)

**o de mercado 30**

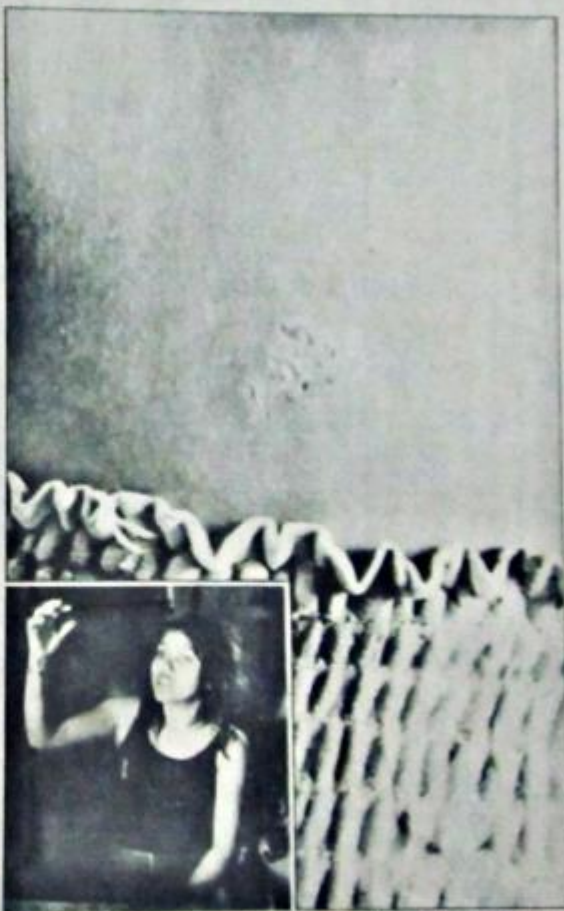
tro Bilac Pinto  
so do Supremo  
ão na pauta de  
a 30 da denún-  
l da República  
onal do MDB,  
es. O ministro  
lo processo no  
ado de violar  
resentação de  
la 27 de junho.

**tarés**

ar: às 04:30 e  
11:30 horas.  
e 04:30 e 17:40  
horas.  
e 05:30 e 13:30  
e 20:23 horas.  
e 07:30 e 14:30  
e 21:23 horas.

**Aparecem mais vítimas do “disco voador”**

Aumenta a cada dia o clima de intran-  
quilidade entre os moradores de alguns  
bairros, em decorrência do aparecimento  
da “luz misteriosa” que só ataca pessoas do  
sexo feminino. Isto faz com que as mais  
absurdas versões surjam sobre esse fenô-  
meno, do qual, segundo se conta, muitas  
pessoas já foram vítimas. O “disco voa-  
dor” é o comentário predominante e algu-  
mas pessoas que se dizem atacadas, exi-  
bem pequenas marcas como se fossem  
picadas de injeções, especialmente nos  
seios. A jovem Aurora do Nascimento Fer-  
nandes, 18 anos, residente no bairro de  
Jarunas está com marcas visíveis e diz que  
foi atacada na quinta-feira à noite, às 11  
horas, quando regressava para sua casa. A  
estudante Maria Regina Alves Freitas, de  
13 anos, disse que viu o objeto misterioso,  
ontem pela manhã, por volta das 9 horas. O  
“disco voador” apelidado de “chupa-  
chupa”, está servindo de goiação. (Pág. 14)



Na foto acima, Regina. Na maior, marcas nos seios de Aurora detidas pelo “disco”

**Perez: São é estímulo América L**

O presidente da Venezuela, Andrés Bello, ao agradecer a todos os países que lhe foi de apoio e apoio político, Paulo e um exemplo entre importantes estímulo para latino-americana e para i das novas zonas tropicais, tentam especulações sobre sociologia mexicana, e, é racista, que sua condona dade e ao perpetuar atraz atinco que lhe foi ofereci Club Perez afirma que “ quanto divulgar dos stels misticagem e de como meo a uma comunidade capaz de lograr o fruto: uma cooperação estreita, presidente da Venezuela, para o Rio, de onde volta (Pág. 5)

**Golbery in que o Para será inden**

Em resposta a um recimento de deputado, a respeito da possível terras desapropriadas Park, o ministro Góis Silva, esclareceu que, 1.184,71 são desaproprias tas estaduais. A verdade uma transferência de modo de Direito Privado mente uma subseção direção do Estado, a q rai como proprietária, i desse bem, por tempo ad. Se não houve dano porque se pensar em lo sua vez, o Ministério- comativo à Câmara P Ministério não possui responder as perguntas deputado Jader Barbal

ANEXO C – MAIS vítimas e a estória do prosdócimo. A **Província do Pará**, Belém, 20 nov. 1977. 1º Caderno, p. 16.

... para, te passou a alguma sendo o subcons-

O dr. Zoghbi examinou cuidadosamente as marcas deixadas em Aurora Nascimento e deu uma explicação: elas foram feitas por unhas

## Mais vítimas e a estória do prosdócimo

Continua o povo a criar estórias fantasiosas sobre o aparelho misterioso, para muitos um "disco-voador" e para outros o bem denominado "chupa-chupa". Ontem, por exemplo, três mulheres foram atacadas e apresentando os mesmos sintomas das outras vítimas, foram até o Pronto Socorro Municipal. Existe ainda o caso da apreensão de um prosdócimo, versão que em parte está sendo mantida em sigilo.

Na Passagem Tabatinga, mãe e filha foram envolvidas pela luz. Primeiro Marli Ferreira, de 15 anos. Depois sua mãe Maria Lindalva, de 34 anos. As duas falavam sobre o Cirio de Icoaraci que se realiza hoje quando foram atacadas pela "luz vampiro". Seria um "aviso" para que não fossem ao Cirio da vila.

Na Passagem Santa Maria, na Cremação Maria das Graças Farias Coelho, antes de deitar, rezava de joelhos pedindo proteção contra a "luz" quando foi atacada pelos raios. Contrita, continuou rezando. Ao levantar estava com leves ferimentos no joelho. Ficou apavorada com as marcas que os raios lhe deixaram. Mais tranquila, descobriu que os ferimentos eram em razão das longas horas que passou em penitência.

No ônibus da Nova Marambaia entre o falatório de alguns passageiros foi possível saber que a polícia havia apreendido dois prosdócimos a baixo grau de temperatura. Dentro, sacos plásticos cheios de sangue congelado. O líquido da vida irá a exame no Instituto Médico Legal para se saber à qual das vítimas atacadas pela "luz misteriosa" pertencem.

Na Pedreira duas famílias brigaram e logo o telefone tocou na Delegacia pedindo o comparecimento da polícia. A primeira versão dava conta do ataque da luz aos indivíduos envolvidos na confusão, mas na realidade a estória era bem diferente. Havia faltado energia da Celpa e as duas famílias residentes no mesmo endereço, na luta pelo toco de vela para iluminar a mesa do jantar acabaram se engalfinhando, sem lesões.

Atualizados, os que se im um bre- s de ficção. la reporta- ências das es, 18 anos, s, e Maria e ouvindo- ntos vamos são despro- sobrevivên- te, alimen- à faixa cri- co ou quase

ria da vida, ão imensos talidade da informações

cientes at- to do estado , produzindo

cientes são i, por choque imente num os e a ação sionaram as

e encontram ejam assisti- ólogo.

ntes-cobaiaa ramos análi- se se proces- e no municí- los Estados.

ma- tu- de- na- em- an- en-



Maria Augusta recebeu a visita do médico.



Maria Carmem do Socorro também foi examinada ontem

ANEXO D – DISCO voador em Belém. Apareceu na Pedreira. O Estado do Pará, Belém, 2 nov. 1977. Cidade, p. 12.

**O ESTADO DO PARÁ**

BELÉM, QUARTA-FEIRA, 22 DE NOVEMBRO DE 1977

Em Belém dois adolescentes, Francisco e Paulo, de 15 anos, teriam visto à noite de antemão na travessa da Vileta, no bairro da Pedreira, entre as Avenidas Antonio Everdosa e Pedro Miranda, um objeto não identificado, emitindo uma luz azulada-esverdeada, provavelmente o mesmo que vem atormentando moradores de boa parte do interior paraense. Mosqueiro, Vigia, Açará e Colares, por exemplo. O testemunho desses menores não foi levado muito em crédito por quantos conversaram com eles, que estão assustados e demonstram isso quando falam sobre o assunto. Ocorre que na Travessa da Angustura, no mesmo bairro, algumas pessoas teriam visto o foco luminoso, embora não afirmem ter visto o aparelho. Esses aparecimentos estão inquietando e urge uma providência de alto escalão, no sentido de tranquilizar a população que começa a se sacudir com as informações a respeito do fato.

## Disco Voador em Belém. Apareceu na Pedreira

**O** objeto voador não identificado que vem atormentando moradores de alguns municípios paraenses, emitindo um foco de luz azulado e em alguns casos deixando vómito, foi visto à noite de antemão em Belém, no bairro da Pedreira, por dois garotos que conversaram na frente de uma residência, na travessa da Vileta. Depois, o mesmo objeto foi visto por algumas pessoas do bairro, já na travessa da Angustura. Como no interior, o objeto passou pelo local apenas rapidamente sem mostrar ninguém.

Na Pedreira, conheceu o testemunho dos garotos Francisco de Ades Barata Júnior, (Vileta, 671) e seu colega Paulo Roberto da Costa Virgínia, (Vileta, 748), ambos de 15 anos. Os dois disseram que estavam sentados na frente de um prédio, conversando e esperando as namoradas, quando repentinamente, ao longe, no céu, notaram uma forma luz azulada e rapidamente, deslocando por trás da copa de uma das muitas mangueiras existentes na rua. A seguir, oim e luz entre azulada, e esverdeada o aparelho desapareceu. Apavorados, eles tentaram chamar outras pessoas, mas nada mais ouviram. Dessa forma, os dois passaram a ser alvo de muitas perguntas. Quase ninguém acredita, no que disseram, que o objeto era o mesmo, segundo um tem chamado, grande "como um saca-rolhas", surgiu às 21 horas aproximadamente, justo na ocasião em que a lua estava encoberta por uma nuvem negra.





O que objeto é esse que filtra um foco até mesmo de tão perto?



A doméstica e os filhos somem-se aos temores de um ataque



Os dois adolescentes mostram o local onde passou o aparelho

**Em Brasília, a visita do objeto é comum**

BRASÍLIA (LONDRA) — Um grande número de personalidades e não apenas de políticos, tem observado, nos últimos meses, o aumento do fenômeno estranho no céu de Brasília. A descrição desse fenômeno, conhecido num país, o aparecimento de discos voadores precedido um facto de luz verde. Diana Fonseca, ministra do "Centro Brasileiro" descreveu a experiência porque passou na casa de uma amiga em sua residência todo mundo já se viu com naturalidade a vista do disco voador e sua luz verde. Trata-se de fenômeno misterioso, já que ninguém, até agora, com exceção do dono, resolveu qualquer problema. O fenômeno ocorre com mais frequência no Lago Sul, a zona residencial mais sofisticada de Brasília.

ANEXO E – PROFESSORA e policial, as novas vítimas do estranho foco. O Estado do Pará, Belém, 18 nov. 1977. Cidade, p. 12.

# O ESTADO DO PARÁ

## Professora e policial, as novas vítimas do estranho foco

**Discos voadores**

A cada dez dias passa, as vítimas do misterioso "foco misterioso", "discos voadores", "suas estranhas" "ambulações" e muitas outras normas, dadas pelo povo, ao inexplicável fenômeno do espaço, autônomo autossustentável. O mesmo, no dia de hoje, passou foram atingidos em pontos baixos do mesmo cidade.

**No Crimeado**

No Crimeado, a vítima Maria Ruth Santos viveu momentos no Crimeado, passagem São José, 47, ex-iva na sala assistindo televisão com seu esposo, quando por volta das 23:00 horas, passou, fechar a janela do quarto, ao faz-lo, viu uma luz de cor verde-esmeralda, momento, sentiu um clarão no seu lado direito, que enquanto todo o seu corpo. Então ela gritou, e o clarão foi em cima de sua filha de meses que estava na cama. Quando seu esposo correu para investigar, viu o clarão verde, quando ela sumiu e durante todo o dia, de vez em quando, sentiu seu corpo esquentar, como se estivesse com febre.

**No Comércio**

No comércio, a professora Rosalinda Cruz, de 23 anos de idade e sua irmã, Ruth Maria de 18 anos, residentes na travessa Frijoles Guimarães, 722, estavam estudando na sala quando por volta de 1:00 hora, da madrugada, Rosalinda viu uma estranha, bem diferente à que ela já viu antes. Então chamou sua mãe para ver e antes que sua genitora chegasse, a sombra apareceu, e voltou rapidamente, sendo desmistificada, completamente, pois sentiu que estava ficando forte e sua cabeça foi virada sem que ela se movimentasse. Segundo as meninas, o "foco" ia e voltava e cada vez que fazia isso, elas sentiam que **estavam sendo sugadas**. Foi quando sua mãe apareceu na sala e em fração de segundos tudo desapareceu. Agora, elas não agüentam mais.

Em Itaipava, no conjunto da COHAB, na casa Nº 51, onde reside a senhora Dionéia de Silva Santana, o "foco misterioso", atacou por volta das 20:00 horas. Dona Dionéia estava lendo e novela, juntamente com o seu esposo, que em determinado momento foi até a cozinha buscar café de dormir, deixando sua esposa, sozinha, na sala, de repente, dona Dionéia viu um clarão que luminava toda a frente de seu rosto, mas não se importou. Foi quando desceu em sua direção um rito vermelho, que quando mais se aproximava, mais forte ficava. Sem ação, Dionéia ficou tremendo sentindo uma leveza por



**Maria José** "Foi percebida pelo 'foco'"



**Ruth Santos** "Foi sugada pelo 'foco'"



**Rui Santos** "O clarão veio de alto dentro do teto."

dele o corpo, quando percebeu que algo queria entrar em seu corpo. O foco por seu espanto, que ele comece a gritar, não conseguiu mais falar, pois o "foco misterioso" já havia desaparecido.

**No Estrada Nova**

No bairro da Estrada Nova, no Pedro Eulário, com o passageiro, São Cristóvão, 14, Maria José Santos viveu um momento muito misterioso. Ela estava lendo um livro quando viu uma luz muito forte, vermelha, que veio de cima do teto. Quando ela se levantou para ver, a luz desapareceu. Ela ficou muito assustada e começou a chorar. Ela contou que a luz parecia ser um objeto que estava voando e que ela sentiu uma sensação de ser sugada.



**Soldado** "Foi sugado pelo 'foco'"

eram quase 00:30 minutos. Eu comecei a sentir uma sensação de ser sugado e depois disso, tudo ficou muito ruim. Quando o fenômeno parou, eu estava muito fraco e com muita dor de cabeça. Quando eu fui para o hospital, o médico disse que eu estava com uma infecção e que eu precisava de tratamento. Eu fiquei muito assustado e não sei mais o que aconteceu. Eu acho que eu fui sugado pelo foco misterioso.

**Soldado também viu**

eram quase 00:30 minutos. Eu comecei a sentir uma sensação de ser sugado e depois disso, tudo ficou muito ruim. Quando o fenômeno parou, eu estava muito fraco e com muita dor de cabeça. Quando eu fui para o hospital, o médico disse que eu estava com uma infecção e que eu precisava de tratamento. Eu fiquei muito assustado e não sei mais o que aconteceu. Eu acho que eu fui sugado pelo foco misterioso.

Os discos-voadores fazem parte da história desde que o mundo é mundo. Agora em Belém, uma luz forte que dizem sugar o sangue das pessoas substituiu os objetos metálicos.

## Luz pode atacar, mas não tira vida de ninguém

**Crônicas** ou não, histórias de discos-voadores, homens verdes, focos de luz, bola de fogo, etc. acompanham o homem desde que o mundo é mundo. Não é uma simples questão de mais ou de menos, porque das pessoas diretamente ligadas a essas aparições, por muitos depoimentos têm sido prestados por gente às vezes de considerável respeitabilidade no mundo social. Contudo, há períodos em que essas manifestações cívicas se tornam esporádicas, perdendo considerações de todo o tipo, nas quais se entremesam gerações e gerações de seres.

**Antes de Cristo**

Documentos históricos, alguns de caráter científico, e até livros religiosos, como a Bíblia, sugerem em suas páginas, na linguagem simples que de caráter científico, a presença de seres de outras planetas e objetos estranhos via nos céus interpretada dentro de uma visão científica, a destruição de Sodoma e Gomorra tem sido obra de seres extraterrestres, que indignados com a atitude pecaminosa dos habitantes dessas duas cidades, teriam enviado broncas astronômicas, atingindo-as. As sete pragas do Egito também teriam sido, nada mais nada menos, que uma contaminação bacteriológica das leivuras por entidades vindas de outros mundos. Mas não é somente de destruição do jafimônico, senão que vivem as páginas da história. A construção dos pirâmides do Egito, por exemplo, hoje se inserem na mente de alguns cientistas como uma obra que dificilmente, para ser erguida, teria sido construída por seres humanos, sendo produto de alta engenharia espacial, empregada por um civilização evoluída.

A medida em que os séculos foram passando, a evolução do pensamento científico não conseguiu negar a obra de que tudo eram coisas de mentalidades ainda adormecidas pela forma de saber.

Muito pelo contrário, hoje em dia quando as maiores conquistas espaciais nos campos de física, química, cosmologia e até na mente humana se acentuam o privilégio desses grandes descobertas, ainda é mantido quase sempre em sigilo por milhares de homens. Enquanto isso, o povo sofre-se para suas próprias percepções, adicionando a elas uma que não tem nenhuma comprovação com as ambições científicas, as manifestações extraterrestres, que sempre existiram, mas que ainda guardadas as devidas proporções causam rebeldia.

**Nel azul**

Justamente por ser um assunto em que o único resultado "a priori" é a própria imaginação, os discos-voadores, para a maioria, ainda fazem parte de um universo de ficção cinematográfica. No entanto, antes do surgimento do cinema, mais precisamente na segunda metade do século XIX, os jornais, as amadoras de rádio e os livros, citaram a maior profusão dessas entidades que a história já registrou. É muito mais, na Europa e nas Estados Unidos, através de rês, aquecidos de sangue, monstros espaciais, são seres seres minúsculos vindos em direção do terreno de um povo, desfilaram por muito tempo nas ruas de bar, em conferências em universidades, em sessões científicas e, principalmente, nos livros. Naquela época, não faziam grandes comentários de tipo "o fim do mundo está próximo" ou "isso é um castigo de Deus". No âmbito científico, nem cartas científicas de reputação, escaparam as fórmulas apressadas para saber o planeta em que estavam vivendo um, Carol Sanders, que chegou a uma conclusão original:

deixar entrar um possível bombardeio por discos voadores, um grupo de cientistas declarou a Terra. Ele não disse como isso seria possível, mas mais bem guardado, para fazer que possível, foi mesmo reconhecido que um sereno qualquer que afirmasse ter visto uma luz estranha.

**Trilângulo de mar**

A mais recente história de ciência a sobre o que de fato aconteceu com Carle e o que por volta de 1960, para uma série de experiências que foram feitas em sua zona de ação. Espéculos científicos já foram enviados com até hoje nenhuma relação foi tomada, quando os resultados para um problema até lá tem pouco tempo de existência.

No Brasil, País privilegiado em ciência, assuntos, inclusive o magnetismo, apontados de ONIA, lutas realizadas, antes do espaço, etc. já formam um considerável rol de dúvidas para os conhecimentos ligados ao assunto, tal a facilidade que existe para se difundir em

luzes. Se alguém viu um objeto que não era um objeto, isso não é uma descoberta, mas sim uma confirmação sobre o assunto de luzes, quando as vezes provém de luzes em algum caso a luzes. E caso que descobertas de luzes, feitas por pessoas sérias, não podem ser divulgadas na imprensa de qualquer forma. A maioria desses de substância e por vezes de luzes. Porém, quando um fato ou algo assim acontece com o foco do grupo, então se torna claro que a sociedade estaria

**Preocupações**

As aparições do foco em Belém ganharam força e parte das aparições relatadas por milhares de pessoas de Vigor e Mosquito. Em pouco tempo, a luz começou a aparecer em outras partes da cidade, aparecendo em pontos. Agora, não há mais um caso, mas tanto pode ser no Juazeiro, na Marabá, como no garoto Bento Gomes. Os fatos, não são grandes, mas são de natureza de substância e por vezes de luzes e Marabá. Uma pessoa, que vive no bairro da Crimeado, disse que ela não viu o "foco misterioso", mas tem ouvido muito que se aparece em sua casa.

## Amanhã: A invasão dos marcianos





ANEXO G – “FOCO” fez mais duas vítimas. O Estado do Pará, Belém, 20 nov. 1977. Cidade, p. 12.

# O ESTADO DO PARÁ

SELEM DOMINGO, 20 DE NOVEMBRO DE 1977

## “Foco” fez mais duas vítimas

Porém, mais uma “vítima” do fogo foi registrada ontem na residência localizada em Cangaíba, município de Brejo Verde. O atingido foi o gessador Benedito de Conceição Silva, de 29 anos de idade, o seu filho.

Em quatro horas da manhã, quando eu já estava com meu filho de 14 anos, Jorginho e mãe e fiquei na porta da casa, ouvi fuziladas vindo do chiqueiro da casa. Quando voltei para o cômodo, eu estava muito assustado e não sabia o que estava acontecendo. Quando voltei a olhar, eu vi um homem muito grande e muito forte, com um rifle na mão, e estava se movendo para cima da casa. Quando voltei a olhar, eu vi um homem muito grande e muito forte, com um rifle na mão, e estava se movendo para cima da casa.



Largo de início, não tinha medo dele, só com medo dele e do começo, depois de um tempo eu já não tinha medo dele. Depois de muito tempo, eu já não tinha medo dele. Depois de muito tempo, eu já não tinha medo dele.

O gessador chefe de Aldeia Cultura do Pará, Gilson de Fátima recebeu uma carta de Gilson Medeiros da Silva, morador na Vila Aurora, em 58, município de Itaipava. Estado do Pará. Nessa carta, o gessador narra de forma detalhada, que se encontra atualmente em um hospital, com medo de um aparelho que tem instalado constantemente em seu corpo. Não querendo ser perturbado, ele pediu para que fosse enviado para ele um aparelho que ele não sabia o que era.

Para Sr. Gilson Medeiros, por mais duas vezes de um aparelho que está instalado em seu corpo. Não querendo ser perturbado, ele pediu para que fosse enviado para ele um aparelho que ele não sabia o que era. Não querendo ser perturbado, ele pediu para que fosse enviado para ele um aparelho que ele não sabia o que era.



Desta vez foi no centro da cidade, bairro do Reduto, na primeira residência do morador, na Avenida Lobo, nº 834. Morador há dez anos no local, o morador de 29 anos, Valter Ferreira Ramos, de 29 anos de idade, está em um hospital, com medo de um aparelho que tem instalado em seu corpo. Não querendo ser perturbado, ele pediu para que fosse enviado para ele um aparelho que ele não sabia o que era.

### É isto que o povo acha:



Emmanuel Lima, coordenador de DENRAG, afirma que não sabe explicar o que aconteceu há alguns meses em uma zona rural, quando uma galinha pôs um ovo que tinha dentro dele que o mundo a acabar em 1980, e todos sabem que o mundo a acabar mesmo? Faltam as condições para esse ovo, e depois chegaram a conclusão que não há explicação para isso. Não há explicação para isso. Não há explicação para isso.

Emmanuel Lima, coordenador de DENRAG, afirma que não sabe explicar o que aconteceu há alguns meses em uma zona rural, quando uma galinha pôs um ovo que tinha dentro dele que o mundo a acabar em 1980, e todos sabem que o mundo a acabar mesmo? Faltam as condições para esse ovo, e depois chegaram a conclusão que não há explicação para isso.



Emmanuel Lima, coordenador de DENRAG, afirma que não sabe explicar o que aconteceu há alguns meses em uma zona rural, quando uma galinha pôs um ovo que tinha dentro dele que o mundo a acabar em 1980, e todos sabem que o mundo a acabar mesmo? Faltam as condições para esse ovo, e depois chegaram a conclusão que não há explicação para isso.

Cláudio Ribeiro, coordenador de Igreja São João, no Pará, não sabe explicar o que aconteceu há alguns meses em uma zona rural, quando uma galinha pôs um ovo que tinha dentro dele que o mundo a acabar em 1980, e todos sabem que o mundo a acabar mesmo? Faltam as condições para esse ovo, e depois chegaram a conclusão que não há explicação para isso.



Emmanuel Lima, coordenador de DENRAG, afirma que não sabe explicar o que aconteceu há alguns meses em uma zona rural, quando uma galinha pôs um ovo que tinha dentro dele que o mundo a acabar em 1980, e todos sabem que o mundo a acabar mesmo? Faltam as condições para esse ovo, e depois chegaram a conclusão que não há explicação para isso.

Emmanuel Lima, coordenador de DENRAG, afirma que não sabe explicar o que aconteceu há alguns meses em uma zona rural, quando uma galinha pôs um ovo que tinha dentro dele que o mundo a acabar em 1980, e todos sabem que o mundo a acabar mesmo? Faltam as condições para esse ovo, e depois chegaram a conclusão que não há explicação para isso.



Emmanuel Lima, coordenador de DENRAG, afirma que não sabe explicar o que aconteceu há alguns meses em uma zona rural, quando uma galinha pôs um ovo que tinha dentro dele que o mundo a acabar em 1980, e todos sabem que o mundo a acabar mesmo? Faltam as condições para esse ovo, e depois chegaram a conclusão que não há explicação para isso.

Emmanuel Lima, coordenador de DENRAG, afirma que não sabe explicar o que aconteceu há alguns meses em uma zona rural, quando uma galinha pôs um ovo que tinha dentro dele que o mundo a acabar em 1980, e todos sabem que o mundo a acabar mesmo? Faltam as condições para esse ovo, e depois chegaram a conclusão que não há explicação para isso.

Emmanuel Lima, coordenador de DENRAG, afirma que não sabe explicar o que aconteceu há alguns meses em uma zona rural, quando uma galinha pôs um ovo que tinha dentro dele que o mundo a acabar em 1980, e todos sabem que o mundo a acabar mesmo? Faltam as condições para esse ovo, e depois chegaram a conclusão que não há explicação para isso.

ANEXO H – RELATÓRIO DE MISSÃO – OPERAÇÃO PRATO (Colares/PA). Ministério da Aeronáutica – 1º Comando Aéreo regional. Relatório. Belém, 1983.

ACE Nº 3252/83

**RÉPRODUÇÃO DE ORIGINAL  
ILEGÍVEL**

MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA  
1º COMANDO AÉREO REGIONAL

RELATÓRIO DE MISSÃO

OPERAÇÃO PRATO

I - PARTE INFORMATIVA

A equipe deslocou-se para COLARES às 19:00 horas do dia 24 Out 77, onde chegou às 20:15 horas.

Mantido contato com o Prefeito, Sr ALFREDO, este solicitou ao vereador MANOEL COSTA que acompanhasse a equipe, face seu estado de saúde.

Foram ouvidas diversas pessoas que haviam sido atingidas pela "Luz", abaixo mencionadas:

- JOSÉ JORGE DOS SANTOS, idade 48 anos, instrução primária.  
DATA E HORA DA OCORRÊNCIA: 23 Out 77, às 01:00 hora.

Disse que no dia e hora acima referidos, quando no interior de sua residência, percebeu que através do telhado penetrava um foco de luz procurando atingi-lo na região do pescoço. Como admitisse ser um bicho (morcego), bateu com as mãos como se tentasse assustá-lo; que sentiu um intenso calor e amortecimento na região direita do pescoço; gritando por socorro, sua esposa que dormia as proximidades, somente algum tempo depois é que veio em seu socorro, ajudando-o a levantar da rede. Com o grande barulho que fizeram, acreditaram ter afastado o "bicho".

Pela manhã verificaram surpresas que a camisola de sua filha DOMINGAS havia salpicos de sangue bem como apenas um pingo na camisa de JORGE e na rede, na qual dormiam DOMINGAS e sua irmã SELMA. Após este fato, passou a dormir com toda a família em outra residência. JORGE fez referência a um estranho torpor e sonolência que sentiu quando percebeu a "luz" em sua residência. Após isto sobreveio-lhe dor de cabeça por espaço de uma semana.

- DOMINGAS MARIA DOS SANTOS, idade 22 anos, instrução primária.

DATA E HORA DA OCORRÊNCIA: A mesma acima referida.

Disse nada ter sentido quando seu pai JOSÉ JORGE DOS SANTOS sofreu o que chamam "ataque do bicho"; que dormia com sua irmã SELMA em uma mesma rede, quando ambas foram despertadas por sua genitora, na ocasião seu pai se apresentava bastante nervoso e inquieto. Não refere ferimento alguma no corpo.

Sua irmã SELMA também foi ouvida, nada tendo acrescentado.

- JOSÉ ZILTON ARANHA, idade 26 anos, instrução primária.

DATA E HORA DA OCORRÊNCIA: 21 Out 77, às 01:00 hora.

Quando navegava no canal do QUIRIRIM, encontrou à deriva, um objeto de cor cinza, de forma cônica tubular plástico, com vi-

-continua-

ACE Nº 3252/83

(Continuação do Relatório de Missão - OPERAÇÃO PRATO - realizada na Cidade de COLARES/PA - fls. 2) - - - - -  
 viseira de borracha. Disse não ter observado nenhuma embarcação às proximidades do local do achado, durante seis (6) dias que passou no mar.

- EMÍDIO CAMPOS DE OLIVEIRA, idade 50 anos, instrução primária.

DATA E HORA DA OCORRÊNCIA: 23 Out 77, às 02:00 horas.

Disse que acordou no meio da noite sentindo uma moleza; tentou levantar, não conseguindo, tendo adormecido novamente. Pela manhã verificou que estava com uma mancha roxa com um ponto sensível no centro e localizado na face interna da coxa direita. Não deu muita atenção ao fato mas fez ligação com os recentes acontecimentos, admitindo então ter sido "chupado" pela "luz". Entretanto não se deixou abater, continuando a trabalhar normalmente. Diz ter comentado o acontecido com outras pessoas da cidade.

EMÍDIO fez referência ter estado hospitalizado no Hospital Juliano Moreira, quando tinha a idade de 16 anos, não sofrendo nenhum problema mental após essa idade.

- NEUSA PEREIRA ARAGÃO, idade 25 anos, 5a. série primária.

DATA E HORA DA OCORRÊNCIA: 26 Out 77, às 22:15 horas.

NEUSA encontrava-se com uma irmã menor na cozinha de sua residência lendo um livro de orações, quando observou a claridade já feferida pelas demais pessoas, sofrendo então uma crise nervosa. Foi atendida de imediato por elemento da equipe de operações que providenciou em seguida o atendimento médico para a mesma.

- MARIA BEATRIZ LEAL FERREIRA, idade 42 anos, alfabetizada.

DATA E HORA DA OCORRÊNCIA: 27 Out 77, às 00:35 horas.

Dna. BEATRIZ quando se preparava para dormir pressentiu a luminosidade já descrita, sendo acometida de crise nervosa. Prontamente refeita pela equipe médica.

#### OCORRÊNCIA:

DATA E HORA: 26 Out 77, às 20:05 horas.

Foi observado um meteoro de tamanho invulgar (20 cm de diâmetro de núcleo calculado à distância), com a trajetória perpendicular ao plano horizontal com uma inclinação aproximada de 30°. Foi observado em sua corrida até o nível das árvores. É interessante notar que sua luminosidade só foi observada, quando em baixa altitude; não deixava rastro. Entretanto sua "cauda" atingia, à distância calculada, de 40 cm, com chispas intermitentes. Esse fato ocorreu durante o deslocamento da equipe, quase na confluência da estrada principal da VIGIA com a estrada de Santo Antonio do Ubintuba.

OBSERVAÇÃO: O mesmo fato foi observado também por dois elementos da equipe de operações que permaneceram em Santo Antonio do Ubintuba.

ACE Nº 3252/83

(Continuação do Relatório de Missão - OPERAÇÃO PRATO - Realizada na Cidade de COLARES/PA - fls. 3) - - - - -

- Pe. ALFREDO DE LA Ó, vigário da Paróquia de COLARES/PA.  
DATA E HORA DA OCORRÊNCIA: 29 03:25 horas.

Após ter sido acordado por latidos insistentes dos cães das Casas próximas a Capela, assistiu, digo, avistou um objeto que lhe chamou atenção por emitir forte luminosidade e que se deslocava do mar para a terra no sentido Norte/Sul. O objeto desenvolvia grande velocidade, maior do que a habitualmente observada nos aviões a reação. Voava a uma altura aproximada de 20 metros em absoluto silêncio, pois dadas as condições favoráveis da madrugada, não ouviu nenhum ruído proveniente do aparelho.

Na parte superior o aparelho emitia forte luz vermelha e na parte inferior uma luz muito intensa que chegou a clarear toda a área onde passou.

OBS: - A energia elétrica na cidade é desligada às 22:00 horas. Tamanho aproximado do objeto em relação em que se encontrava o Pe ALFREDO DE LA Ó, segundo suas declarações, era de cerca de 50 cm (tamanho da boca de um tambor de óleo). A distância aproximada entre o objeto e o Padre era de 75m.

- ANTONIO ACACIO DE OLIVEIRA, idade 53 anos, alfabetizado.

DATA E HORA DA OCORRÊNCIA: 19 Out 77, às 07:30 horas.

Observou a passagem da "Luz", que vinha a altura das árvores pouco adiante de sua residência o "objeto" diminuiu a intensidade da luz, passando a um diminuto foco (comparado a um cigarro aceso); diz que após ligeira parada, o "aparelho" lançou por três vezes rápidos e consecutivos focos como um farol de carro no rumo da cidade; movimento de SW/NW; disse que nesse momento efetuou 2 disparos.

Dia 01 Nov 77 às 19:00 horas (2a. vez)

Observou o deslocamento da "Luz" que piscava intermitentemente, com momentâneo desaparecimento; que após a decolagem do HELICÓPTER da FAB, percebeu que a referida "Luz" se deslocava por cima / acompanhando o HELICÓPTER; após iniciou uma curva a direita, desaparecendo. Em seguida, procurou a Equipe de Apoio do HELICÓPTER, sendo encaminhado ao Chefe da 2a. Seção.

Às 19:00 horas do dia 01 Nov 77, pela primeira vez, elementos da 2a. Seção observaram uma "luz" que se deslocava no sentido SW/NW a altura estimada abaixo de 6.000m, mais precisamente 3.000m (observação 1S FLÁVIO).

DESCRIÇÃO: Luz de forte intensidade, azul/esverdeada, com semi-círculo avermelhado na parte superior, pulsante em seu aspecto luminoso, com tamanho calculado à distância 8 a 10 cm de diâmetro; grande velocidade; trajetória retilínea; iniciou suave curva à direita após percorrer 2/3 da abóbada celeste, passando neste instante a um pequeno ponto luminoso de cor avermelhada.

O fato foi observado pelos Ten Cel CAMILLO, 1S FLÁVIO e populares postados às proximidades do Cemitério da Cidade.

ACE Nº 3252/83

(Continuação do Relatório de Missão - OPERAÇÃO PRATO - realizada na Cidade de COLARES/PA - fls. 4) - - - - -

Os componentes da Equipe (2S ALMEIDA e 3S PINTO) que prestavam apoio (balisamento) ao pouso e decolagem do HELICÓPTERO, da posição em que estavam, observaram a "Luz", bem como os tripulantes - T Cel GONÇALVES, Ten KUSTER, Sgts ROBERTO e DOURADO.

Logo em seguida fomos procurados por um morador (Boca da Estrada da Laura) Sr. ANTONIO ACÁCIO OLIVEIRA, que informou ter observado a "Luz" em sua trajetória (Vide depoimento).

- WELLAIDE CECIM, idade 24 anos, médica (clínica geral), residente na Unidade de Saúde local (COLARES) em Belém na Av Pedro Miranda nº 1786 - fone 226-4297.

Entrevistada por elementos da Equipe, entre outras afirmativas disse que para preservar a sua reputação ética profissional, deixou de fazer uma comunicação mais completa com referência a quatro casos que atendeu em seu local de trabalho; afirmou que além de crise nervosa, seus pacientes apresentavam outros sintomas tais como: Parestia (amortecimento parcial do corpo), frizando a diferença aos sintomas apresentados por crises nervosas, que se localizavam nas extremidades; cefaléia, astenia, tonturas, tremor generalizado e o que reputa mais importante, todos apresentavam queimaduras de 1º grau, bem como marcas de pequenas perfurações; de acordo com o sexo, os homens na região do pescoço, mais precisamente sobre a jugular e as mulheres, no seio (só um caso).

Tem em seu poder e chegou a ler para a Equipe uma comunicação que iria encaminhar ao Sr Secretário de Saúde do Estado, não o fazendo para evitar cair em ridículo (víde gravação).

A Dra. WELLAIDE afirmou ter visto no dia 16.10.77 e 22.10.77 às 18:30 e 19:30 horas respectivamente, um objeto metálico luminoso, tamanho 3x3 aproximadamente, que fazia evoluções em alta velocidade sobre a parte frontal da Cidade. Descreve este objeto como tendo a forma cilíndrica, quase cônica, pois que tem uma parte mais estreita. Disse ter visto nitidamente, em companhia de outras pessoas que se faziam presentes no local (Unidade Hospitalar). Descreveu as evoluções de uma maneira quase "cômica"; o objeto se movimentava com balanceios laterais acentuados e não girando sobre si mesmo, entretanto vez ou outra como que parava e dava uma pequena volta (víde gravação).

Externou pedindo reserva sobre sua opinião pessoal, de que acredita nos fatos que vem ocorrendo na localidade; não põe em dúvida prováveis consequências que venham a se fazer presentes nas pessoas afetadas. Complementando disse não ter observado fatores que a levasse a concluir a presença de alterações anêmicas; não acredita que as vítimas tivessem sido sugadas, mas que quanto ao terem sido atingidas por um raio ou foco de luz de característica desconhecida, acredita na possibilidade, pelo exame que procedeu nos pacientes que atendeu.

- CLAUDOMIRA RODRIGUES DA PAIXÃO, idade 35 anos, alfabetizada. DATA E HORA DA OCORRÊNCIA: 18 Out 77, às 23:00 horas.

Ouvida pelo Chefe da 2ª. Seção, passou a referir-se a experiência por que passou.

Disse que estava acordada, deitada em uma rede e em sua companhia estava uma outra senhora e seus filhos; que pressentiu uma luminosidade que percorreu todo o seu corpo fixando-se em seu seio esquerdo sugando-o, descendo após para sua mão direita quando sentiu uma dor (como se fosse uma picada de agulha); foi então que conseguiu gritar por socorro. Anteriormente fez várias tentativas de gritar, porém, sentiu a voz presa e ficou toda paralizada. Disse

-continua-

ACE Nº 3252/83

(Continuação do Relatório de Missão - OPERAÇÃO PRATO - realizada em COLARES/PA). - fls. 5) - - - - -

Disse que foi um foco de luz verde que iluminou todo o ambiente; que pressentiu um estranho torpor sendo como que despertada pela voz de sua acompanhante, que chamava atenção de uma criança que havia urinado na rede, tendo dito na ocasião: eu é que já estou estragada (SIC). Arguida disse que o "bicho" já lhe havia chupado o sangue; que sentiu grande calor localizado no seio direito e uma dor aguda no dorso da mão direita, dor de cabeça, amortecimento do lado esquerdo do torax, como se houvesse uma compressão interna; foi atendida pela Dra. WELLAIDE CECIM, médica local, a qual não lhe ministrou medicamento algum, preferindo encaminhá-la ao DML, onde foi examinada, tendo sido informada que deveria voltar para novos exames.

Por sobre a incisão feita durante o exame no DML, nota-se uma área queimada levemente no seio esquerdo, bem como um sinal quase imperceptível em sua mão direita.

- RAIMUNDO GALVÃO TRINDADE

DATA E HORA DA OCORRÊNCIA: 15 Out 77, às 04:00 horas.

Entrevistado pela Equipe, fez o seguinte relato:

Dormia na residência do Sr EDUARDO, num dos quartos de cima, às 04:00 horas aproximadamente despertou com o ambiente iluminado fortemente por uma luz esverdeada, sentiu como que uma picada na parte interna da coxa direita; disse ter observado para o exterior da residência e não notou nada de anormal. Assegurou não ter sido a luz do luar que lhe dera tal impressão.

Pela manhã ao levantar sentiu-se enfraquecido, um adormecimento na coxa direita, cefaléa frontal e tontura, bem como sua coxa apresentava uma mancha arrocheada e quente. Não deu maior atenção ao que sentia por discordar e até fazer "chacota" com as pessoas que se dizem "chupadas" pelo aparelho. Não procurou médico nem deu publicidade ao fato, muito embora um amigo seu que trabalha no jornal "O LIBERAL" tivesse com ele insistido por uma reportagem.

Disse que a partir de então passou a acreditar e observar melhor, já tendo tido oportunidade de ver o "aparelho".

Mostrou à Equipe o local atingido, que assim se descreve:

Área ovalada de aproximadamente 20x12 cm na parte mais escura da coxa (parda ou canela); área circundante de 2,5cm de borda de cor acentuadamente mais clara; na parte externa nota-se o tecido epitelial em descamação acentuada (aspecto de queimadura).

- ANTONINO DE SOUZA, Sargento Reformado da PM/PA, residente em COLARES.

DATA E HORA DA OCORRÊNCIA: 23 Out 77, às 03:00 horas

Disse que não acreditava no que o povo dizia; ao sair para o quintal notou uma luminosidade azulada em seu quarto, verificando externamente notou uma estrela bastante luminosa, a lua estava em outra posição; comentou com sua esposa: não pode ser a lua (SIC). Voltou para o interior da casa e sentiu que não estava em si, como se tivesse recebido um "vento de ar"; ao chegar na cama, deitou e puxou a colcha para cobrir-se; foi então que sua esposa assustada informou: olha a luz! Ele quis falar, mais não deu acordo mais de si. Pareceu que um raio lhe pegara. Sentiu-se paralizado total-

-continua-

ACE Nº 3252/83

(Continuação do Relatório de Missão - OPERAÇÃO PRATO - realizada na Cidade de COLARES/PA. - fls. 6) -----

totalmente; nesse instante, gritou chamando sua mulher sem que esta lhe ouvisse, dando-lhe a impressão de que sua voz ficara presa na garganta; seu filho gritou, despertado por barulho feito por animal. Após isto, foi atendido por sua mulher, ocasião em que lhe disse: o "chupa" já me pegou, quase me chupando ("IC).

Na noite seguinte, passou a observar juntamente com outras pessoas, pois não acreditava. Às 01:30 horas do dia 25.10.77, percebeu uma luminosidade dirigida para a casa de esquina, defronte a uma "baiuca", na rua principal; ouviu alarme e a luz deslocou-se focando antes em uma "venda" próxima; percebeu o movimento ondulante do aparelho, notando perfeitamente uma luz amarela forte e outras luzinhas; disse ter a forma de uma arraia, redondo; que em cima tem uma elevação que ANTONINO imaginou ser um depósito de Gás.

Rascunhou a forma do aparelho, inclusive os detalhes.

Fez referência a grande velocidade, comparando a aviões da 2a. Guerra e aos atuais.

NOTA: ANTONINO acredita que sua salvação foi o barulho feito pelo animal e o grito de seu filho que assustou o "aparelho".

#### RELATÓRIO SUMÁRIO

- DIA 03 NOV 77 - Na área desde às 22:20 aguardando maré para travessia: Vigília pelo resto da noite sem anormalidade
- DIA 04 NOV 77 - Contatos com diversos elementos, informaram aos elementos da Equipe que no dia anterior, cerca das 22:00 horas, por várias vezes seguidas foram observadas passagens da "Luz" sobre a cidade, mas precisamente sobre o cemitério da Cidade, durante a iluminação, digo, no dia 02 Nov 77.
- Às 23:00 horas foi observada uma "Luz" em altitude média que se deslocava da Ponta do Bacuri no rumo de Soure.
- DIA 05 NOV 77 - Às 01:00P observada uma "Luz" parando sobre a Baía no rumo de Joanes; após deslocou-se à baixa altura sobre o mar, atravessando para Ubintuba/Baía do Sol. Nítida impressão ter iniciado deslocamento a partir das águas.
- Distância aproximada do ponto de observação: 15Km. Tamanho calculado: 10 cm (diâmetro de luz). Uma Trainera esteve próximo ao local, usou farol de busca - a luz após deslocar-se sobre as águas (pousada (?), rumou para o Norte.
- 01:15P, observada "Luz" pousada sobre a praia adiante de COLARES (Ponta do Cajueiro); aumento e diminuição gradual de intensidade luminosa, coloração do laranja-avermelhado ao amarelo pálido. A distância de 5 Km (estimado); sua forma convexa com o tamanho estimado de 3 metros (GUALTER/ERNESTO) - Confirmada árvore com a forma observada - possibilidade de reflexo luminoso.

- continua -

ACE Nº 3252/83

(Continuação do Relatório de Missão - OPERAÇÃO PRATO - realizada na Cidade de COLARES/PA - fls. 7) -----

- Às 02:15P, observado próximo ao Farol de COLARES uma forma circular luminosa, coloração azulada, variável em sua intensidade; deslocou-se com velocidade sobre as águas (rumo Norte), sua luminosidade reflexa permaneceu visível até às 03:25P. (1S FLÁVIO - 2S ALMEIDA - 3S PINTO).
  - Às 03:00P, observada "Luz", baixa altura sobre as águas no rumo de Soure, distância calculada 15 Km. Tamanho calculado 8/10 em de diâmetro. Desapareceu rumo Sul (1S FLÁVIO/ 3S PINTO).
  - Às 04:00P, uma "Luz" foi observada vinda de SE (RE), trajetória reta, apagou-se em frente a COLARES.
  - Às 18:26P, Passagem da Luz, procedente do rumo SE/NW, feita tomadas com Teodolito e foto. Sua luminosidade e lampejos foi visível para o observador (Ponto 8) bastante longe e quase no horizonte o que possibilitou uma ação mais efetiva, muito embora no momento auxiliado por uma criança, moradora às proximidades. Após sua passagem, foram verificados alguns efeitos: O HAND TALK / usado em varredura (como antena direcional) deixou de captar estática ou vozes em uma faixa compreendida entre 360º/330º NV durante 20 minutos. A pequena bússola para amarração do Teodolito / deixou de funcionar (marcação Sul). Estes fenômenos foram apontados aos companheiros da Equipagem que se deslocaram do Ponto 2 para o Ponto 8. A distância estimada foi de 1.200m a uma altura de 1.500/1.800m (passagem mais perto do observador).
  - Às 19:30P, Passagem da "Luz" procedente do rumo NW/SE cruzando o ponto de observação com grande velocidade não permitindo o uso do Teodolito; / feita uma foto, desapareceu ao atingir 2/3 da abóbada celeste.
- DIA 06 NOV 77
- Às 03:20P Observada uma "Luz" a baixa altura, vinda do rumo de Belém/Baía do Sol, desapareceu próximo a um barco que navegava no Canal do Navio a altura da Ponta da Mossoroca (defronte), deu a impressão por seu ângulo de descida que pousara na água. (FLÁVIO/ALMEIDA/PINTO).
  - Às 05:20P Vinda de SW (250º) uma "Luz"; a princípio seguia uma trajetória reta, com lampejos esverdeados comparados com um farol rotativo, aproximadamente a uma distância de 500m do observador; iniciou suave curva a direita (em perda), abruptamente para a esquerda em curva ascendente dobrando sua velocidade, rapidamente desapareceu, observando-se porém somente lampejos compactados em uma longa reta, iniciada após as manobras descritas.

- continua -



ACE Nº 3252/83

(Continuação do Relatório de Missão - OPERAÇÃO PRATO - realizada na cidade de COIARÉS/PA. - fls. 8) -----

- Às 05:25P vindo do rumo NW (350º) como que em voo picado, tendo como referência uma frondosa árvore existente no local de observação, distante uns 1.000m, a "Luz" procedeu a uma curva a esquerda (em subida), aprofundando o rumo NE (60º).

NOTA:- As passagens foram observadas de dois pontos distintos; de sobre o Mercado (28 ALMEIDA e 35 PINTO) e Campo do Luzio (18 FLÁVIO); tentativa de fotografia feita do último ponto. Dificil focalização em função da velocidade, mobilidade e distância estimada em 500/800m e 1.500 a 1.800m, no primeiro e segundo caso respectivamente. (filme de 125 ASA).

- DIA 07 NOV 77
- Às 05:20P foi observada vindo do rumo NW; uma luz que a baixa altura emitia lampejos; cor ou o horizonte com grande velocidade; os lampejos eram azulados. Diâmetro calculado pelo observador 5cm. Distância calculada entre 1.000/1.500m. Feita tomada de foto.
  - Às 18:50P observada a passagem de um Satélite no rumo SE/W. (ângulo obtido no Teodolito V= 06.3 H= 141.0).
  - Às 18:51P passagem de um Satélite rumo NW/SE (ângulo obtido no Teodolito V= 30.6 H= 324.8, V= 34.0 H= 324.4)
  - Às 19:30P passagem de um corpo luminoso vindo do rumo NW; desapareceu após percorrer 2/3 da abóbada celeste.
- DIA 08 NOV 77
- Às 05:20P Observado um corpo luminoso, vindo do N/S, desaparecendo no horizonte. (Obtida sua angulação final através do Teodolito V= 38.8 H= 183.2).
  - Às 05:21P, a frente do observador (teodolito aceso e máquina fotográfica pronta), surgiu a "Luz" distância calculada entre 500/1.000m. Em altitude de 1.200m, tamanho calculado: diâmetro de 8 a 10 cm; ao empunhar a máquina para foto, o objeto simplesmente sumiu... Leitura do instrumento estimada com referência a árvore sobre a qual foi visto o corpo luminoso (Luz), V= 12.3 H= 125.9.

18 - FLÁVIO

28 - ALMEIDA

35 - PINTO

CONFERE COM O ORIGINAL  
Em 18/FEV/83  
CH DO ARG

REPRODUÇÃO DE ORIGINAL  
ILEGÍVEL

OPERAÇÃO PRATO

ACE Nº 3252/83

II - PARTE OPERACIONAL

DATA - 20 OUT 77

0600/1800

14:00h - Deslocamento de Belém para Santo Antonio do Tauá-PA.

16:00h - Chegada ao Local, iniciado contatos com Informante e pessoas que se dizem ter sido atingidas por um / foco de luz, lançadas de um "Objeto- engenho des - conhecido".

17:00h - Deslocamento para o KM 12 ( Rod. Belém/Vigia )ouvidos ALZIRA FARIAS, MANOEL ESPIRITO SANTO, RADMUNDO FRANCISCO DAS CHAGAS e outros.

1800/2400

21:00h - Deslocamento para a vila de Espirito Santo do Tauá. Estabelecido contato com três elementos que permaneciam em "vigília", estes informaram que alguns estudantes que residem em uma localidade rio abaixo, teriam retornado para pernoitar ali em virtude de terem sido perseguidos pela "luz"quando viajavam em / um barco.

22:30 - Retorno a Santo Antonio do Tauá. A equipe permanece em vigília, sem anormalidades.

DATA - 21 OUT 77

0000/0600

Sem nada a relatar.

0600/1800

07:00 - Deslocamento para o KM 12, não sendo estabelecido contato com a pessoas procurada (havia observado a / "luz". Deslocamento em seguida para o KM 19, onde / contatamos com R.F.CHAGAS. Deslocamento em seguida para o KM 23 onde ouvimos D. AMÉLIA e suas filhas. Retorno à S. Antonio do Tauá, para reabastecer a viatura.

10:00 - Deslocamento ao Km 23, onde tomamos a estrada secundária de .....

ACE Nº 3252/83

Continuação do Relatório de Missão - P. Operacional (O. PRATO) fl. 2

0600/1800

17:00h - Deslocamento para Belém.

19:00h - Chegada em Belém, Relato verbal ao Sr. Chefe do A2. Ordem de retornar à região de Santo Antonio do Ubituba, município da VIGIA (Da 33).

1800/2400

21.30h - Deslocamento de Belém para SANTO ANTONIO DO UBINTUBA.

23:10h - Chegada ao local, mantido contato inicial com o Sr. // EMERSON AMADEU AMIN e seus familiares. Vigília s/anormalidades. (2400h).

DATA 22 OUT 77

0000/0600

A equipe permaneceu em vigília pelo resto da noite, sem ter observado movimento de "luzes" a baixa altura; porém foram observados deslocamentos de luzes (satélites) de diversas direções e velocidades variáveis.

08:00h - Deslocamento para TROMBETAS (município de S. Antº Tauá), via marítima (barco), onde mantivemos contato com algumas pessoas que teriam visto e sido atingidas pela "Luz".

11.30h - Retorno de Trombetas para Vila Nova de Ubituba, onde ouvimos diversas pessoas que teriam visto e sido atingidas pela "Luz".

1800/2400

19:00h - Foram observadas várias luzes deslocando-se em altitude com velocidade e direções variadas.

20.15 - Foi observado uma "luz", deslocando-se no sentido N/S a uma altura estimada de 1.200m, velocidade variável.

DATA 23 OUT 77

0000/0600

Sem anormalidades. Foram observados alguns satélites.

0600/1800

09:00h - Retorno à Belém, com chegada às 11:30h. Breve relato ao Sr. Chefe da 2a. Seção EM-1.

DATA 24 OUT 77 0600/1800

14:30h - Saída de Belém.

- continua -

ACE Nº 3252/83

(Continuação do Relatório de Missão-P.Operacional (O.PRATO) fl.3

0600/1800

DATA 24 OUT 77

15:45h - Chegada à região, contato com ELISIO SOUZA e BENEDITO FIGUEIREDO (Colônia São Bras - S. Antonio do Tauá).

1800/2400

18:15h - Chegada em Santo Antonio do Ubintuba, contato com moradores, informaram não haver anormalidades.

19:00h - Deslocamento para Colares-PA.

21:15h - Chegada em Colares, contato com o prefeito Sr. Alfredo, o qual devido seu estado de saúde, solicitou ao Jereador Manoel Costa (Duca), que nos acompanhasse até as pessoas que se diziam atingidas pelo "aparelho". No restante do período não se observou anormalidades.

0000/0600

DATA 25 OUT 77

04:20h - Observado o deslocamento de uma "luz" (Prov. satélite), no sentido SV/NV, a qual ao atingir a parte central da abóbada desapareceu; Como se tivessem iniciado a partir daquele ponto foram observados duas luzes paralelas agora movimentando-se em sentido contrário à primeira. No restante do período nada a relatar.

OBS - Populares observaram o movimento e parada da "Luz" na  
01:30h) esquina da "baiuca" do Chico. A equipe movimentou-se para observar, chegando com atraso ao local. (A "Luz" havia sumido).

Nada a relatar até o fim do período.

0600/1800

08:30h - Retorno de Colares para Santo Antonio do Ubintuba.

10:00h - Deslocamento da viatura para Belém, a fim de transportar o Chefe da 2a. Seção e Equipe Médica.

15:40h - Retorno da viatura, o Chefe da Seção informou que só no dia seguinte viria com a equipe médica.

1800/2400

Nada a relatar.

DATA 26 OUT 77

0000/0600

Nada a relatar.

- Continua -

ACE Nº 3252/83

Continuação do Relatório de Missão-P.Operacional (O.PRATO)Fl.4

DATA 26 OUT 77 0600/1800

06:40h - Deslocamento da viatura para Belém, a fim de transportar o Chefe da Seção e Equipe.

15:20h - Retorno da viatura à S. Antonio do Ubintuba.

16:00h - Deslocamento da viatura c/médicos para Vila Nova do Ubintuba, Médicos mantiveram contato com pessoas atingidas pela "luz",  
1800/2400

19:45h - Deslocamento para COLARES-PA, permaneceram em S. Antº do Ubintuba dois elementos dª Equipe, em vigília.

OBS. - Durante o deslocamento para Colares foi observado um fenômeno (20:05h) teoro-de tamanho pouco comum (20cm de diâmetro de núcleo luminoso, estimado), trajetória perpendicular, queda angular (50º) com referência ao plano horizontal, sendo observado até quase ao nível das árvores. Este fato também foi observado pelos dois da equipe que permaneceram em S. Antº. do Ubintuba.

21:20h - Chegada em COLARES-PA, mantido contato com várias pessoas relacionadas na Parte Informativa. O Chefe da Seção deslocou-se na viatura para FACATUBA.

22:15h - A sra. Neusa Pereira Aragão, foi atendida pela Equipe Médica (C N).

DATA 27 OUT 77

0000/0600

00:15h - Foi observação por populares a passagem de uma "luz" a / baixa altura no sentido NW/E, desapareceu as proximidades do campo de aviação. Os elementos da Equipe não observaram.

00:35h - A Sra. Maria Euzeriz Leal Ferreira, foi atendida pela / Equipe Médica (C N).

01:15h - Observadores instalados no alto da caixa d'água.

04:05h - Populares observaram o deslocamento de uma intensa "luz" ao nível das árvores (Roberto), informaram aos Observadores postados na caixa d'água (30 a 40m. de altura) ao nível do topo das árvores, nada observado.

Restante do período, nada a relatar.

0600/1800

08:00h - Deslocamento para a cidade da VIGIA.

- Continua -

ACE Nº 3252/83

Continuação do Relatório de Missão-P.Operacional (O.PRATO) Fl.5

DATA 27 OUT 77            0600/1800

- 09:30h - Contato com o Prefeito, pelo Chefe da 2a.Seção.
- 09:45h - Deslocamento de Vigia para S.Antº. do Ubintuba, em seguida a viatura seguiu para Belém com Chefe A2 e Equip.
- 15:30h - Viatura retorna de Belém para S.Antº.Ubintuba.
- 16:45h - Equipe deslocou-se de S.Antº.Ubintuba para Belém, com retorno a Belém do para o dia 29.10 às 10.00h.
- 19:15h - Chegada em Belém.

DATA 29 OUT 77

0600/1800

- 14:00h - Saída de Belém com destino à COLARES-PA:Com passagem em S.Antº. do Ubintuba ( moradores informaram não ter nada de anormalidade)16:30h.

1800/2400

- 18:10h - Deslocamento para Penha Longa/Colares.
- 18:50h - Observado satélite (?),rumo NE/SE, desapareceu ao atingir 60º no horizonte.
- 18:55h - Observado outro satélite rumo NE/SE.
- 22:30h - Chegada em Colares.Populares informaram que às 18:30h a "Luz", havia passado a baixa altura rumo N/S. Nada a relatar até o fim do período.

DATA 30 OUT 77

0000/0600/1800

Sem nada a relatar no período.

- 06:30h - Descanço até às 14:00h.
- 14:15h - Contato com populares e informantes..

1800/2400

- 19:00h - Populares informaram que a "Luz" havia sido observada na praia vinda do rumo N/S. Os elementos da equipe nada observaram.
  - 20:00h - Apresentação de Slides à população, boa aceitação.
  - 21:30h - Apresentação de Slides.
- Nada a relatar até o fim do período.

0000/0600

DATA 31 OUT 77

- 02:15h - Observado um navio às proximidades do farol.

- Continua -

ACE Nº 3252/82

Continuação do Relatório de Missão - P.Operacional (O.PEATO)Fl.6

DATA 31 OUT 77 0000/0600

02:15h - o navio permaneceu até as 04:30h., rumou para Soure.

Nada a relatar até o fim do período.

0600/1800

07:00h - Descanço estabelecido até às 14:00h.

1800/2400

18:40h - Populares informaram ter visto a "Luz" na orla marítima seguindo a direção SW. Não foi observado pelos componentes da Equipe.

20:00h - Contato com pescadores informaram ter sido observado no mar (Baía do Marajó) entre os Canais do Navio e Quiririm uma espécie de plataforma constante de quatro volumes de forma retangular e de cor vermelha interligados entre si, medindo cada volume 70cm.

22:55h - Passagem de um satélite, no rumo NW/SE.

23:10h - Contato com pescadores dos quais foi solicitado que informassem tudo aquilo que observassem.

Nada a relatar até o fim do período.

DATA 01 NOV 77

0000/0600

05:30h - Informante (Roberto), disse ter observado a passagem da "Luz" no sentido W/S, fazendo uma curva para a direita.

0600/1800

07:00h - Descanço até às 14:00h.

16:30h - Helicóptero sobrevoando a orla da cidade.

17:10h - Helicóptero pousado no campo do S.Pedro E. Clube.

1800/2400

19:00h - Elemento da equipe e o Sr.Chefe da 2a.Seção, avisados por populares,observaram a "Luz", deslocando-se de SW/E.

19:10h - Decolagem do helicóptero, circuito sobre a cidade (20,im) o sr.Antonio Acácio, informou que de sua residência havia observado a "Luz" acompanhar a decolagem do helicóptero.

19:25h - Ouvidos pelo Chefe do A2, D.Claudemira e o pescador "FI".

19:50h - Decolagem do helicóptero para Belém. Equipe recebeu ordem de retornar à Belém dia 02:11:77.

20:00h - Populares informaram ter sido observada a "Luz" pairando sobre a varzea, parte NE da cidade.

- Continua -

ACE Nº 3252/83

Continuação do Relatório de Missão-P.Operacional (O.PRATO)Fl.7

DATA 01 NOV 77 1800/2400

20:15h - Contato com o Pe.Alfredo de La O (Cap.Hollandia), tomada de informação.

Nada a relatar até o fim do período.

DATA 02 NOV 77

0000/0600/1800

06:00h - Nada a relatar até o final do período.

09:30h - Deslocamento para Belém.

Obs - Foram ouvidos Raimundo Galvão Trindade e outros.

11:40h - Chegada em Belém.

DATA 03 NOV 77

0000/0600/1800/2400

- Descanço até às 15:00h.

17:30h - Saída de Belém, com parada em S.Isabel.

21:30h - Chegada em Penha Longa, aguardando maré para travessia.

22:00h - Observado passagem de dois satélites, ambos rumo NW/SW.

23:10h - Chegada em Colares-PA.

- Nada a relatar até o final do período.

DATA 04 NOV 77

0000/0600

02:30h - Observado navio proximo ao Farol de Colares, às 03:15h deslocou-se seguindo o rumo S.

04:30h - Populares informaram ter observado a "Luz" se deslocando de NW/SE (Ponto 4 Roberto).A Equipe nada Observou.

0600/1800

- Descanço até às 14:00h. - Confeccção do Relatório.

17:30h - Populares informaram, ter estado na cidade um pessoal da Marinha ( manutenção do farol), no dia anterior. No dia da "iluminação" desde às 19:00 até às 22:00h , a "Luz" efetuou diversas passagens.

18:00h - Teodolito instalado proximo ao cemitério.

1800/2400

22:00h - Populares informaram, passagem da "Luz" na orla marítima, rumo N/E.

- Continua -



ACE Nº 3252/83

Continuação do Relatório de Missão-P.Operacional (O.PRATO)fl.8

DATA 04 NOV 77 1800/2400

- 22:15h - Deslocados dois elementos da Equipe P/observar a orla marítima (Ponto 2).
- 23:00h - Observado "Luz" em altitude média que se deslocava da Ponta do Bacuri no rumo de SOURE-PA (SE/NW),variação de tamanho e intensidade (Luciano/Gualter).

DATA 05 NOV 77

0000/0600/1800

- 01:00h - Observado "Luz"pairando sobre a água no rumo de Joanes/Jobim-PA, deslocando na direção de E/W.Em seguida de W/SE direção da Baía do Sml/Ubintuba. (01:30h).
- 01:15h - Observado "Luz" proximo a Ponta do Cajueiro.
- 02:15h - Observado "Luz"coloração azulada forte, proximo ao farol de Colares, deslocou-se com velocidade sobre água P/Norte se observou uma luminosidade reflexa sobre a água até às 03:25h. (Inicialmente observada por Gualter e Luciano).
- 02:30h - Embarcação (Traineira-Camaroeira),passou focando no rumo em que se observou a "Luz"como que pousando, tomou o rumo da Vigia.
- 03:00h - Observado a "Luz" deslocando-se a baixa altura sobre água na direção de Joanes, rumou para Belém SW. ( Foto )
- 04:00h - Observado "Luz" vinda do rumo de Belém a baixa altura, decau na água em frente ao farol de Colares, apagou-se.
- 08:30h - Ouvidos vários pescadores, que fizeram relatos sobre "Luzes" (12:00h) observadas, quer em movimento ou estacionadas sobre água. Descanço até às 17:00h. (Gualter).
- 15:00h - Deslocamento até a Vigia, a fim de manter contato p/Telef. e completar abastecimento.
- 18:00h - Instalação teodolito no campo do S.Pedro (Ponto 8)
- 18:26h - Passagem da "Luz"com lampejos azulados,focalizada no Teodolito (V=12.6 H=042.1, V=08.3 H=221.2, V=05.9 H=220.3)(Foto)
- 18:50h - Satélite rumo SE/W.
- 18:51h - Satélite rumo NW/SE.
- 19:30h - Passagem da "Luz", rumo NW/SE desapareceu ao cobrir 2/3 da abóbada celeste.( Foto).
- 20:30h - Teodolito instalado sobre o mercado (Ponto 2).

- Continua -

ACE Nº 3252/83

Continuação do Relatório de Missão- P.Operacional (O.PRATO)fl.9

DATA 05 NOV 77

1800/2400

- Nada a relatar até o final do período.

DATA 06 NOV 77

0000/0600

- 03:10h - Barco no través de Colares, rumo Belém.  
 03:20h - Observado "Luz" a baixa altura vinda do rumo de Belém/  
 Baía do Sól, desapareceu próximo ao barco, que navegava a altura da Ponta da Mossoroça.  
 05:20h - Observado "Luz", passagem sobre o Ponto 4, rumo SW/NE, tomado Foto.  
 05:25h - Observado "Luz", procedente do rumo NW, em picada, tomada Foto.

OBS: Dois elementos da equipe postados no Ponto 2 observaram o fato.

0600/1800

- Descanço até às 16:00h.

18:00/24:00

- Ouvidos alguns pescadores, todos foram unânimes em dizer que nada observaram nas primeiras horas da noite anterior.  
 19:00h - Populares informaram ter observado a passagem da Luz, vinda do rumo de Soure. Não foi observada pelos elementos da Equipe.  
 - Nada a relatar até o final do período.

DATA 07 NOV 77

0000/0600

- 05:20h - Foi observada, vindo do rumo SW, uma "luz" que a baixa altura emitia lampejos; cortou o horizonte com grande velocidade; os lampejos eram azulados. Diâmetro calculado pelo observador 5 cm.

0600/1800

- Descanço até às 1400h.

- 16:00h - Ouvidos os pescadores ORLANDO, IVAN e ELIAS (Vulgo PI)

1800/2400

- 18:15h - Foi observado pela população a "Luz", . . . . . do Marajó (280°); passou a acompanhar o observador da praia, após ter atravessado a Baía. Observadores da Equipe 2 não observaram (Ponto 2).

- Continua -

ACE Nº 3252/83

- (Continuação do Relatório de Missão- P.Operacional (O PRATO) F1 10)

DATA 07 NOV 77

1800/2400

- 18:20h - Teodolito instalado no Ponto 4.
- 18:50h - Observada a passagem de um Satélite no rumo SE/W.
- 18:51h - Observada a passagem de um Satélite no rumo NW/SE.
- 19:30h - Passagem de um corpo luminoso vindo do rumo NW; desapareceu após percorrer 2/3 de abóbada celeste. (Foto)
- Nada mais a relatar até o final do período.

DATA 08 NOV 77

0000/0600

- 05:20h - Observado um Satélite (?), rumo N/S
- 05:21h - A "Luz" surgiu do rumo Sul, sobre as árvores e instantaneamente desapareceu. (1S FLÁVIO e populares observaram) Ponto 4.

0600/1800

- Descanço até às 1400h - Confeção de relatório.

1800/2400

- Nada a relatar até o final do período.

DIA 09 NOV 77

0000/0600

- Nada observado .ipe.

0600/1800

- Descanço - Relatório (rascunho últimos depoimentos)

1800/2400

- 18:30h - Chegada do 3S NASCIMENTO; Ordem de suspender a Missão e retornar a BELÉM. Equipe permaneceu em vigília até às 22:00h. Impossibilitada de sair do local por falta da Balsa (Transporte de maquinário para Espirito Santo-Burrega)

DATA 10 NOV 77

0000/2400

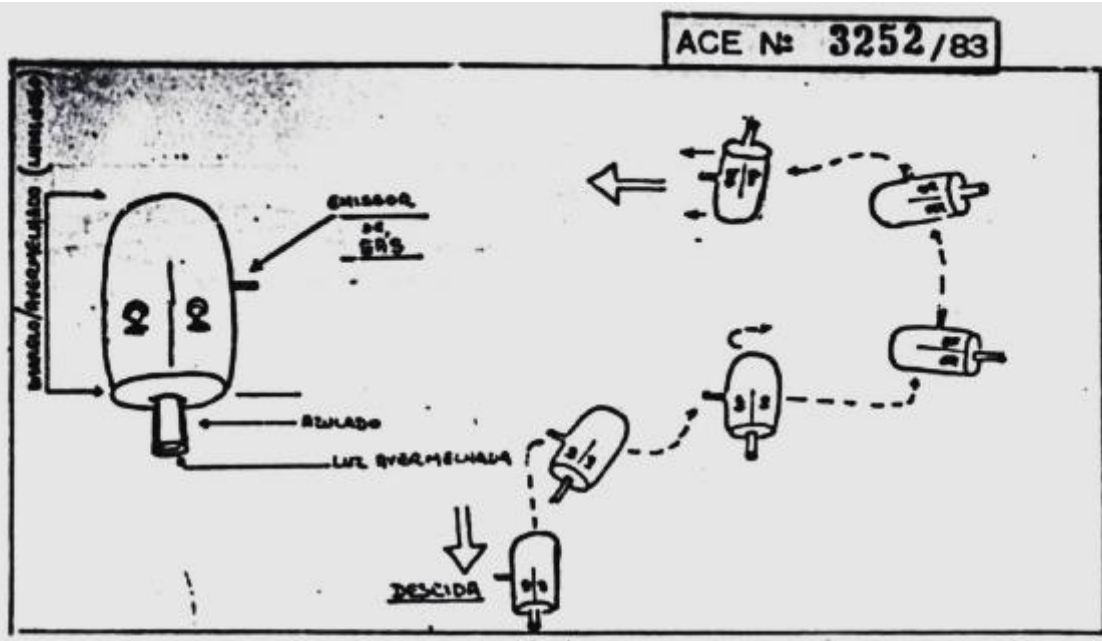
- 10:00h - Limpeza geral do alojamento e preparativos para retorno.
- 16:00h - Deslocamento para travessia, o que foi feito somente às 17:30h.
- 18:15h - Passagem em Ubintuba (S.Ant\*), contato com os moradores
- O Sr.Benjamin informou ter visto a "Luz" ao rair do dia 07.11.77, percebendo bem a forma, (Mundurú já descrito anteriormente por outras pessoas.

FLÁVIO - 1S.

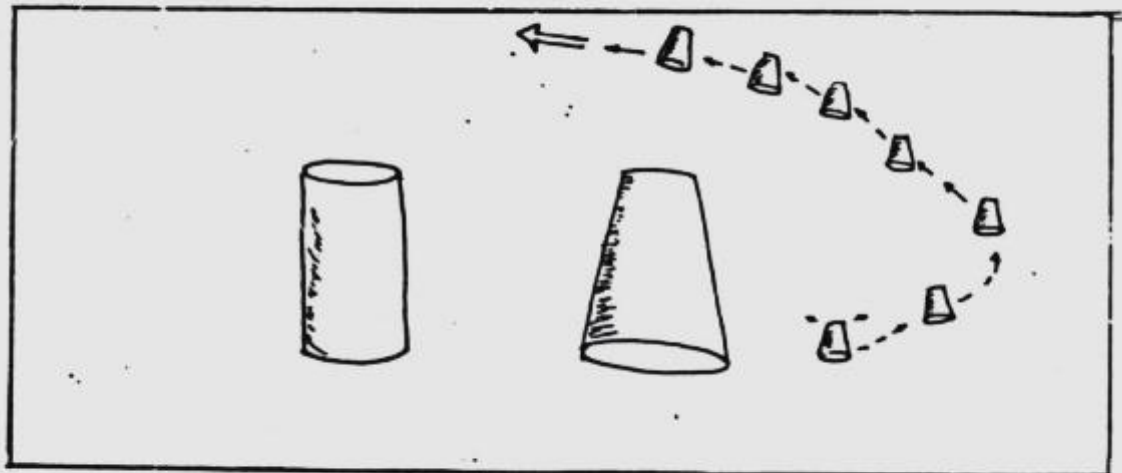
ALMEIDA - 2S.

ROBERTO - /s.

CONFERE COM O ORIGINAL  
Em 11/FEV/83  
[Assinatura]  
CM-00 ARG

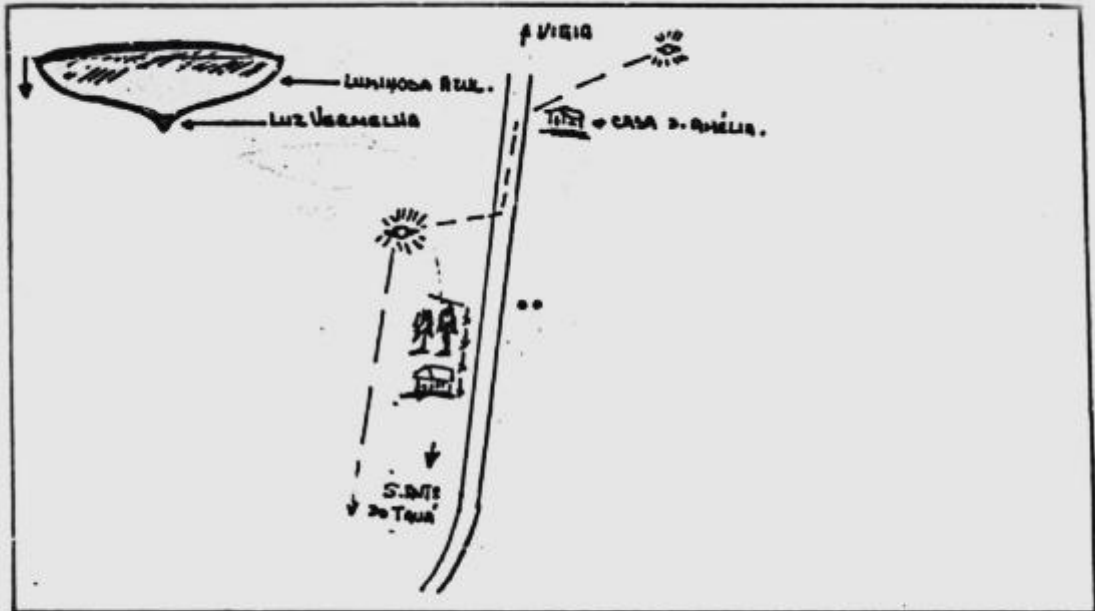


DESENHO 1



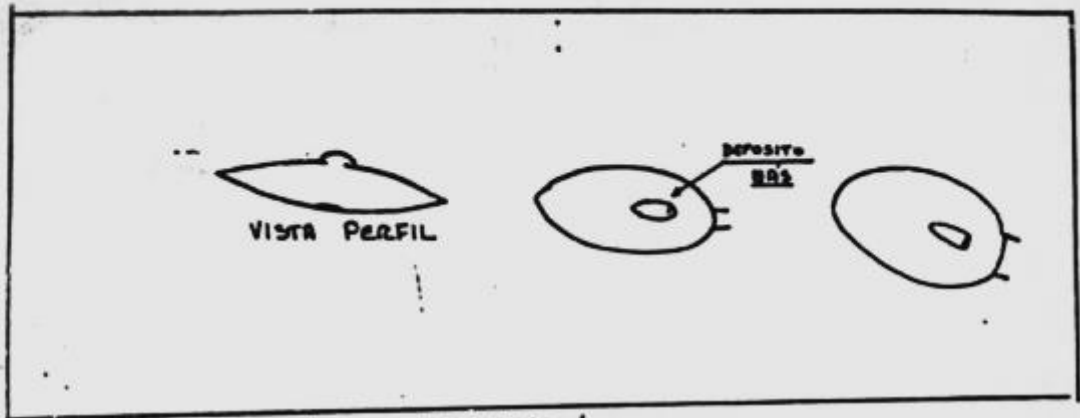
DESENHO 2

ACE Nº 3252/83

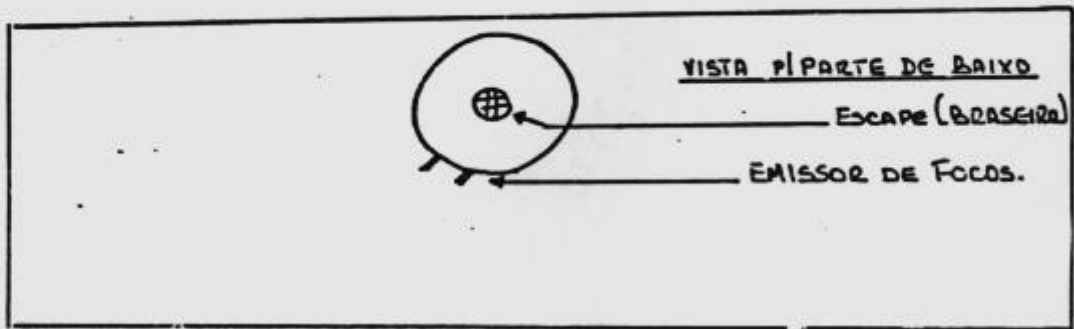


DESENHO 3

ACE Nº 3252/83

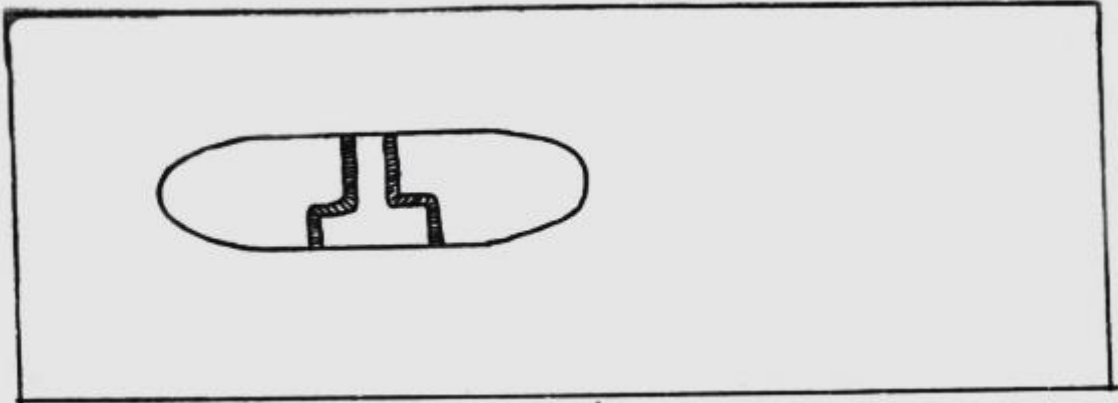


DESENHO 4

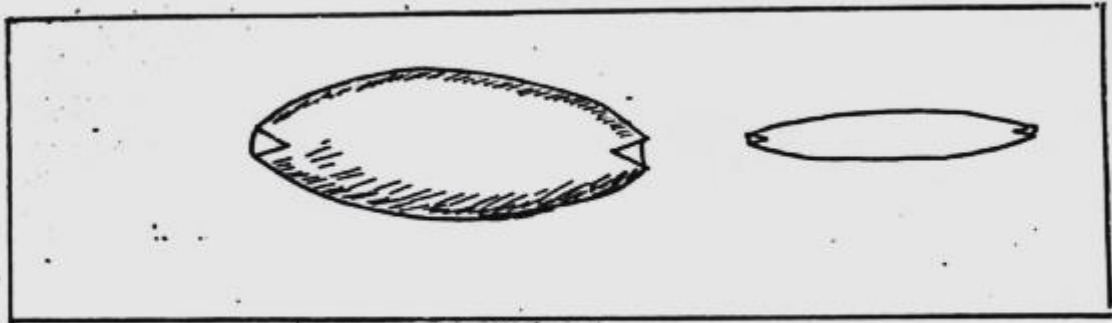


DESENHO 5

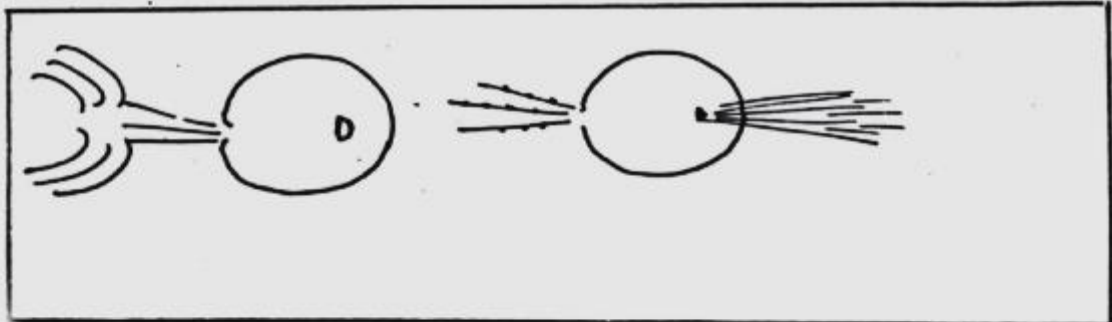
ACE Nº 3252/83



DESENHO 6



DESENHO 7



DESENHO 8